

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ-UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

SUZI ADRIANA FLORENCIO

Do fenômeno da simpatia segundo Max Scheler e suas implicações nas
relações de acolhimento familiar

TOLEDO
2024

SUZI ADRIANA FLORENCIO

Do fenômeno da simpatia segundo Max Scheler e suas implicações nas relações de acolhimento familiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Linha de pesquisa: Metafísica e Conhecimento

Orientador(a): Prof. Dr. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

TOLEDO
2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Florencio, Suzi Adriana
Do fenômeno da simpatia segundo Max Scheler e suas
implicações nas relações de acolhimento familiar / Suzi
Adriana Florencio; orientador Roberto S.
Kahlmeyer-Mertens. -- Toledo, 2024.
105 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
2024.

1. Simpatia, fenomenologia, acolhimento familiar. 2.
Essência e formas da simpatia, Max Scheler. I. S.
Kahlmeyer-Mertens, Roberto, orient. II. Título.

SUZI ADRIANA FLORENCIO

Do fenômeno da simpatia segundo Max Scheler e suas implicações nas relações de acolhimento familiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora em 16/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens – (orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Prof. Dr. Celito de Bona – (Titular)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Profa. Dra. Leila R. Klaus– (Membro externo)
Universidade Federal do Paraná - UFPR

SUZI ADRIANA FLORENCIO

**DO FENÔMENO DA SIMPATIA SEGUNDO MAX SCHELER E SUAS IMPLICAÇÕES NAS
RELAÇÕES DE ACOLHIMENTO FAMILIAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Filosofia, área de concentração Filosofia Moderna e Contemporânea, linha de pesquisa Metafísica e Conhecimento, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTO SARAIVA KAHLMEYER MERTENS**
Data: 21/11/2024 15:43:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a) - Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

CELITO DE Assinado de forma digital
por CELITO DE BONA
BONA Dados: 2024.11.19 22:38:10
-03'00'

Celito de Bona

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)



Leila Rosibeli Klaus

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Toledo, 16 de maio de 2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA TEXTUAL E DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Suzi Adriana Florencio, pós-graduanda do PPGFil da Unioeste, *Campus* de Toledo, declaro que este texto final de dissertação é de minha autoria e não contém plágio, estando claramente indicadas e referenciadas todas as citações diretas e indiretas nele contidas. Estou ciente de que o envio de texto elaborado por outrem e o uso de paráfrase e a reprodução conceitual sem as devidas referências constituem prática ilegal de apropriação intelectual e, como tal, estão sujeitos às penalidades previstas na Universidade e às demais sanções da legislação em vigor.

Toledo, 16 de maio de 2024

Assinatura

CAMPUS DE TOLEDO

RUA DA FACULDADE, 645 - JD. SANTA MARIA - FONE/FAX: (45) 3379-7127/7002 - CEP 85903-000 - TOLEDO - PR

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – CPPGFII

DECLARAÇÃO

Eu, ROBERTO SARAIVA KAHLMEYER MERTENS orientador(a) do(a) discente DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA, estou de acordo com a redação final da pesquisa aprovada pela banca examinadora, cujo título é: DO FENÔMENO DA SIMPATIA SEGUNDO MAX SCHELER E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES DE ACOLHIMENTO FAMILIAR. Nessa versão constam as sugestões da Comissão Examinadora e está revisada para sua publicação na Biblioteca Digital da UNIOESTE e na Plataforma Sucupira.

Essa é a declaração.

Toledo, 30 de outubro de 2024

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTO SARAIVA KAHLMEYER MERTENS**
Data: 30/10/2024 11:46:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens Orientador

DEDICATÓRIA

Dedico minha pesquisa, ao meu irmão Saul Wagner Florencio, que ao longo do meu mestrado, enfrentou uma doença, e fez um longo tratamento de saúde que, felizmente, teve sua saúde recuperada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o dom da vida e a saúde para poder superar os obstáculos ao longo deste mestrado.

Um agradecimento a minha família, pela paciência e compreensão de minhas ausências nos períodos de estudo. A minha mãe Lurdes, a meu irmão Saul, a minha cunhada Fabiane, minhas irmãs Silvia e Sandra e, principalmente, a minhas pequenas sobrinhas, Laralice, Ana Livia e Kiara, que tiveram paciência e compreensão, pois a tia Suzi, não as pode levar ao parquinho.

Agradeço aos professores cujas contribuições guiaram meu processo de aprendizagem, em especial o Prof. Dr. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, meu orientador, que, tanto quanto eu, acreditou e investiu na realização desta pesquisa.

Sou grata à Prof.^a. Dr.^a Marivânia Bocca, que despertou meu interesse pela fenomenologia e pela filosofia existencial; à Prof.^a. Cleina Biagi, que também me motivou para cursar o mestrado; ao Prof. Dr. Libanio Cardoso, que, generosamente, me acolheu no início do curso, tendo sido meu primeiro orientador.

Agradeço ao Prof. Dr. Celito De Bona por suas considerações úteis no exame de qualificação e por ter gentilmente aceitado o convite de participar como avaliador na banca de defesa.

Gratidão à Prof.^a. Dr.^a Leila Klaus, com quem compartilho o gosto de estudo pelo mesmo filósofo, *Max Scheler* e por aceitar o convite para participar da defesa.

Agradeço à colega de Pós-graduação e no ofício de ser psicóloga, Larissa Bittencourt, com quem dividi as ansiedades e alegrias do mestrado.

Um agradecimento às minhas colegas de trabalho e amigas Bruna Bottini, pelo incentivo e por compreender minhas ausências nos “eventos sociais”. Agradeço a minha colega e amiga Célia Ianóski com quem compartilho as agruras do acolhimento familiar e que também sempre me incentivou. A Jéssica Priscila pelas trocas em psicologia. A minha grande amiga Mirian Carvalho, pela amizade de vinte anos e pelo incentivo e estímulo aos meus estudos. Sou grata ao Dr. Luciano Machado, que com suas perspicazes reflexões, me ajudaram em meu processo de aprendizagem.

Agradeço a todas as famílias acolhedoras junto as quais tive a oportunidade de trabalhar ao longo destes quatorze anos de atendimentos e com quem compartilhei momentos de profundo sentimento de simpatia e compaixão.

Agradeço a todos os 120 acolhidos a quem tive a oportunidade de atender ao longo destes 14 anos que trabalho com acolhimento familiar. Agradeço a oportunidade de aprender com suas histórias de vida. Agradeço por me permitirem assistir momentos de pura dor (pelo abandono, maus-tratos, entre outros).

Tenho clareza quanto a essa pesquisa só ter chegado a este momento, devido às dificuldades que encontrei no caminho, em especial a falta de subsídios teóricos sobre o acolhimento familiar, que dificultaram o meu fazer profissional, este sempre norteado pela “tentativa de diminuir o sofrimento destas crianças e adolescentes”. Não tenho dúvida que foi a vontade de superar as dificuldades (teóricas) e as angústias cotidianas que me conduziu para os estudos e na busca de aperfeiçoamento e, como resultado, produziu a presente pesquisa.

Por fim, agradeço à Secretária de Assistência Social, Sandra Bressiani Marciniak e à Coordenação que permitiram as liberações de carga horária, o que possibilitou a mim assistir as aulas e participar das orientações.

A todos e todas, meus sinceros agradecimentos.

O QUE É SIMPATIA?

A uma menina.

Simpatia – é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa magica atração.

Simpatia- são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Mas que se juntam crescidos E que se abraçam
por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram os mesmos ais;

São vozes de dois amantes Duas Liras
semelhantes, Ou dois poemas iguais.

Simpatia- meu anjinho,
É o conto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens dum céu de agosto, É o que m'
inspira teu rosto - Simpatia – é quase amor!

Casimiro de Abreu

Indaiaçu – 1857.

RESUMO

FLORENCIO, Suzi Adriana. *Do fenômeno da simpatia segundo Max Scheler e suas implicações nas relações de acolhimento familiar*. 2024. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2024.

A pesquisa investiga o fenômeno da simpatia no âmbito da fenomenologia do filósofo alemão Max Ferdinand Scheler (1874-1928). Aqui, o tema da simpatia é abordado na correlação com que se denomina “gramática dos sentimentos”. No presente trabalho, o conceito fenomenológico de simpatia ocupará a centralidade de nossa discussão, que tem o propósito de tornar compreensível como, à luz da filosofia de Scheler, podemos tratar as relações de acolhimento em famílias com crianças e adolescentes em situação de risco social. Delimitando assim nosso tema e campo de trabalho filosófico, assumimos o objetivo de abordar o fenômeno da simpatia de modo a sua tematização elucidar a compreensão dos processos das relações de acolhimento já mencionadas. Até onde podemos ver, julgamos poder sustentar a hipótese de que a simpatia (em sua face peculiar de *compaixão*) é o sentimento na base das relações entre indivíduos que se colocam à disposição de oferecer os cuidados a crianças/adolescentes que estejam em situação de proteção. Para que seja possível percorrer o caminho que nos levaria à intentada validação da hipótese, iniciaremos com as aproximações que Scheler fez ao movimento filosófico da fenomenologia, movimento este que se tornou expressivo no início do século XX. Também, destacar a forma com que nosso filósofo compreendeu a fenomenologia dando-lhe marca pessoal, imprimindo um caráter de originalidade. Foi fazendo uso da nova forma de filosofar que Scheler construiu a sua teoria do valor, e posteriormente estruturou sua ética. Para tal deslinde, Scheler inicia pela compreensão dos fenômenos de simpatia, visto que os pensadores de sua época colocavam o afeto da simpatia junto aos sentimentos de altruísmo, posição a qual Scheler discorda. Desta forma, em nossa pesquisa, haverá a tentativa de identificar a prevalência do afeto da simpatia no estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Presumimos, por fim, que ao longo desta pesquisa será possível evidenciar a articulação que o conceito de simpatia tem com os demais que nosso filósofo propõe, ao exemplo: empatia e compaixão.

Palavras-Chave: Simpatia, fenomenologia, acolhimento familiar, *Essência e formas da simpatia*, Max Scheler

ABSTRACT

FLORENCIO, Suzi Adriana. *The phenomenon of sympathy according to Max Scheler and its implications in foster care relationships*. 2024. Dissertation (master's in philosophy). State University of Western Paraná, Toledo, 2024.

The research investigates the phenomenon of sympathy within the scope of the phenomenology of the German philosopher Max Ferdinand Scheler (1874-1928). Here, the theme of sympathy is approached in the correlation that is called “grammar of feelings”. In the present work, the phenomenological concept of sympathy will occupy the centrality of our discussion, which aims to make it understandable how, in the light of Scheler's philosophy, we can treat foster care relationships in families with children and adolescents at social risk. Thus, delimiting our theme and field of philosophical work, we assume the objective of approaching the phenomenon of sympathy so that its thematization elucidates the understanding of the processes of welcoming relationships already mentioned. As far as we can see, we believe we can support the hypothesis that sympathy (in its peculiar aspect of compassion) is the feeling at the basis of relationships between individuals who make themselves available to offer care to children/adolescents who are in a situation of protection. To be able to follow the path that would lead us to the intended validation of the hypothesis, we will begin with the approaches that Scheler made to the philosophical movement of phenomenology, a movement that became significant at the beginning of the 20th century. Also, highlight the way in which our philosopher understood phenomenology, giving it a personal stamp, imprinting a character of originality. It was by making use of the new way of philosophizing that Scheler built his theory of value, and later structured his ethics. To achieve this, Scheler begins by understanding the phenomena of sympathy, given that thinkers of his time placed the affection of sympathy alongside feelings of altruism, a position with which Scheler disagrees. Thus, in our research, there will be an attempt to identify the prevalence of the affection of sympathy in the establishment of relationships between foster families and those receiving care. Finally, we assume that throughout this research it will be possible to highlight the connection that the concept of sympathy has with the others that our philosopher proposes, for example: empathy and compassion.

Keywords: Sympathy, phenomenology, family support, *Essence and forms of sympathy*, Max Scheler

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 13

1. MAX SCHELER COMO FENOMENÓLOGO, 19

1.1 A apropriação scheleriana do método fenomenológico de Husserl, 20

1.1.1 A consciência intencional, estrutura base da fenomenologia scheleriana, 24

1.1.2 Scheler e sua axiologia fenomenológica, 27

1.2 A “tomada” dos valores e a assim chamada “gramática dos sentimentos”, 30

1.3 O amor, ódio e um aceno sobre a soberba, 37

2. A FENOMENOLOGIA DA “SIMPATIA” EM SCHELER, 42

2.1 Conceitualizando a simpatia, 42

2.2 O sentir com o outro, 45

2.3 O Sentir algo – compaixão e ou, congratulação, 47

2.4 O contágio sentimental, 52

2.5 O próximo fenômeno simpatético, a ser analisado é o da *Empatia*, 54

2.6 A unificação afetiva ou a genuína empatia, 55

2.7 Os sentimentos de simpatia e as relações intersubjetivas – a percepção do outro, 58

3. O ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DE ACOLHIMENTO FAMILIAR À LUZ DA IDEIA DE SIMPATIA EM SCHELER: UM ENSAIO, 62

3.1 Conceituando o que é Serviço de Acolhimento dentro da Política Pública de Assistência Social e sua Operacionalização, 63

3.2 Breve histórico da política de acolhimento no Brasil, 66

3.3 O Serviço de Acolhimento Familiar inserido em uma Política Pública, 69

3.4 A Família Acolhedora e o Direito à Convivência Familiar, 71

3.5 A aplicação da fenomenologia scheleriana a serviço da psicologia – um ensaio,

75

3.6 A psicologia fenomenológica de acento scheleriano, e os fenômenos de simpatia, 80

3.7 A identificação de fenômenos de simpatia nas relações de famílias acolhedoras, 83

3.8 A Simpatia como elemento central no estabelecimento das relações no espaço de acolhimento familiar, 88

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 96

REFERÊNCIAS, 100

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por tema *o conceito de simpatia na obra de Max Ferdinand Scheler (1874-1928) e seu papel junto ao contexto psicológico das famílias acolhedoras de crianças e adolescentes*. Face a isto, parte significativa do aporte conceitual do trabalho está na obra *Essência e Formas de Simpatia* (1923) desse filósofo alemão. Por sua vez, o plano de fundo empírico de uma psicologia que assiste indivíduos e em situação de acolhimento e as famílias que temporariamente os acolhem, vem da atividade profissional da autora dessa dissertação. Implica, assim, dizer que na presente pesquisa, o conceito de simpatia – objeto mais central de nossa investigação – será abordado em sua correlação com a denominada “gramática (fenomenológica) dos sentimentos”.

Ora, mas o que significa a simpatia para Scheler e que papel esta desempenharia em uma investigação como a nossa? Tendo essas questões como norteadoras, objetivamos um retorno ao ponto em que nosso filósofo realiza suas investigações sobre este fenômeno, ainda no seio de uma axiologia fenomenológica, para então determinar sua significação. Somente assim conseguiremos mais propriamente determinar o papel que este possui no pensamento scheleriano, bem como precisar seus desdobramentos no campo de análise que delimitamos para nós.

Para o momento, uma antevisão do tema da essência da simpatia na filosofia de Scheler nos permite indicação, ainda que provisória, de que, no período em que o pensador se acerca de uma fenomenologia dos sentimentos e em especial a simpatia (1913-1923), tal fenômeno sentimental é geralmente obstaculizado por diversos outros sentimentos. Por isso mesmo, Scheler se propõe a realizar minuciosa discriminação entre os sentimentos de “simpatia”,

“amor” e “ódio”, entre os quais, os dois primeiros geralmente são confundidos. Na tentativa dessa discriminação, de esforço descritivo e de análise fenomenológica, Scheler realiza movimentos decisivos para colocar o fenômeno da simpatia em evidência. De início, indica que o sentir (*fühlen*) da simpatia é dado em caráter de reatividade, já que este, de acordo com Costa (1996): “[...] aquietar-se com a posse do objeto” (p. 53). Quer dizer que a simpatia é reação a um estímulo sensível, cumprindo a função de compreender uma vivência sentimental, precisamente: um *sentir com o outro*. Isso se dá à diferença, por exemplo, do fenômeno sentimental do amor, que

consiste, segundo o mesmo autor, num movimento espontâneo e dinâmico dirigido a seu próprio valor único e exclusivo.

Essa tematização está circunscrita na obra *Essência e Formas de Simpatia*; ali, o filósofo inicia dirimindo confusões quanto ao que vem a ser o fenômeno da simpatia. Aponta o teor das confusões, apresenta os sentimentos de “amor e ódio” como os mais primitivos, e é nesta direção que segue com o fito de estabelecer os fundamentos de uma pretendida ética; esta, em grande medida, apoiada em fenômenos sentimentais como a simpatia. Também em suas pesquisas, Scheler identificou que as noções de simpatia eram colocadas junto das noções de amor e ódio. Elaborada essa minuciosa distinção, Scheler tem oportunizada uma fenomenologia dos valores que conta mesmo com uma hierarquia apriorística de valores, esta que prefigura graus de valor, dos mais baixos (valores empíricos de situação) até os mais elevados, como é o caso do sagrado.

Mas em que medida a tomada do sentimento da simpatia pode constituir elemento relevante na elaboração da presente pesquisa? A pergunta é feita em vista do aspecto empírico desse empreendimento, referindo-se, portanto, ao papel desempenhado pela simpatia no estabelecimento das relações, entre famílias acolhedoras e crianças e adolescentes acolhidos. De início, apontaremos que os questionamentos sobre as relações envolvendo as famílias acolhedoras e seus acolhidos, suscitam, dúvidas quanto à possibilidade de os sentimentos de simpatia estarem presentes, no surgimento destas relações. Julgamos ainda poder sustentar que, em alguma medida, estes fenômenos simpatéticos (co)movem as famílias acolhedoras a colocarem-se a disposição para realizar a acolhida, o zelo e a proteção de crianças e adolescentes que necessitem de acolhimento. Assim, o objetivo é investigar se esse sentimento fornece base axiológica para as relações originadas entre indivíduos e famílias que compõem o cadastro nos serviços públicos de acolhimento.

Avançar nessas considerações, programadas em especial para momento adiantado de nossa dissertação, requer, no entanto, que caracterizemos em precedência, ainda que brevemente, o que é uma família acolhedora e a que programa elas servem, quer dizer o serviço de acolhimento familiar. Do mesmo modo, ressaltar a importância disso que chamamos, ainda que informalmente, de *relações entre famílias acolhedoras e acolhidos*. Entre os objetivos de nossa pesquisa, este é um dos

principais, é com base nele que podemos afirmar e reforçar nossa hipótese de trabalho que diz que o sentimento da simpatia está na base valorativa das mencionadas relações.

Feitas essas advertências preparatórias, adiantamos que *famílias acolhedoras* são núcleos da comunidade que se voluntariam a integrar um cadastro público com dados de famílias disponíveis a aceitar em suas residências crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco. Estes, por sua vez, são indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade social e que, após determinação judicial, precisam ser afastados de sua família biológica por período indeterminado, por necessitar de proteção do Estado. Tal cadastro é mantido por um serviço, denominado *Programa Famílias Acolhedoras* ou *Serviço de Acolhimento Familiar*. Acerca desse, é importante salientar que os acolhimentos ocorrem nas residências das respectivas famílias. Desta forma, a relação de convivência, entre as crianças e adolescentes e suas respectivas famílias acolhedoras, tornam-se imprescindíveis ao desenvolvimento deste tipo de cuidado e proteção. Famílias acolhedoras, assim, são grupos com estrutura familiar dispostos a oferecer tal acolhida. Face a isto, *o que nos propomos a investigar em nossa pesquisa é se o que move as famílias acolhedoras em seu gesto de disposição à acolhida, são os sentimentos de simpatia* (ou fenômenos simpatéticos afins). Nossa hipótese é a de que os sentimentos de simpatia estão na base da estruturação das relações entre famílias acolhedoras e acolhidos.

Diante dos contextos filosóficos da *axiologia fenomenológica* e da *gramática dos sentimentos* de Scheler antes mencionados, e em vista dos objetivos próprios à nossa pesquisa, faz-se, assim, importante uma apresentação da fenomenologia para o pensamento scheleriano. Daí, é justificada uma retomada dos pontos de partida do nosso filósofo, em especial sua base fenomenológica, bem como a maneira muito peculiar com a qual nosso filósofo se apropria dessa, ora se aproximando ora divergindo das tópicas de seu iniciador, Edmund Husserl. Justamente por isso, em nosso *primeiro capítulo*, apresentaremos como Scheler serviu-se do método fenomenológico; também de sua forma de interpretar inusitada, que possibilitou a Scheler realizar suas pesquisas e chegar à compreensão de como o valor é captado, oferecendo condições a ele para criar uma filosofia do valor que durante parte significativa de seu pensamento constitui seu mais fundamental escopo.

No *segundo capítulo*, é tematizado o sentimento da simpatia a partir de seu conceito e de sua respectiva etimologia. Da mesma forma, as distinções quanto as formas de simpatia; as diferenças apontadas por Scheler sobre o afeto da simpatia e o amor; e, por fim, a presença da simpatia, nas relações de grupos primários, tal como, famílias. Consideramos de grande importância esse detalhamento, visto que é este capítulo que fornecerá elementos para a compreensão dos sentimentos de simpatia, bem como as questões que envolvem a percepção do outro. Após consolidada esta etapa, haverá condições de, a partir desta base teórica, elaborar um tipo de ensaio, o qual pretendemos desenvolver adiante.

No *terceiro capítulo*, caracterizaremos o que vem a ser o acolhimento familiar” . Assim, trataremos de sua atribuição e execução; de seu vínculo à Política Pública de Assistência Social; de sua fundamentação jurídica e operacionalização. Ao longo deste, detalharemos aspectos relacionados a este a modalidade de acolhimento. Pretende-se fazer um resgate histórico contemplando questões como: a maneira como a criança em situação de abandono era tratada, a prevalência da opção do modelo de acolhimento institucional no Brasil. Também, neste capítulo, pretendemos elaborar um “ensaio”, fazendo uso da fenomenologia das emoções de Scheler na tentativa de identificar fenômenos emocionais, tais como sentimentos de simpatia, e se estes estão presentes nas relações entre famílias acolhedoras e crianças e adolescentes acolhidos. Por fim, analisaremos se a simpatia é elemento atuante no estabelecimento dos laços sentimentais entre famílias acolhedoras e acolhidos.

Há em nosso radar elementos que se apresentam a nós como hipótese de que os sentimentos de simpatia se apresentam nas relações entre famílias acolhedoras e crianças e adolescentes acolhidos. Mas consideramos que o trato com o texto de Scheler nos direcionará para a possibilidade desta identificação, também se há a predominância de uma das formas de simpatia nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos.

Introduzidas aqui as linhas diretrizes de nossa dissertação, os conceitos preliminares que necessitaremos para começar algo, os contextos de base sobre os quais repousa nosso enfoque e, até mesmo, um plano de trabalho indicador dos conteúdos dos capítulos, podemos agora partir ao nosso primeiro tópico de desenvolvimento.

1. MAX SCHELER COMO FENOMENÓLOGO

Iniciamos com a tarefa de apresentar Max Scheler, filósofo da fenomenologia ou, por assim dizer, um fenomenólogo. Para alcançarmos este objetivo, apresentaremos os modos com os quais Scheler se apropriou do método desenvolvido por Edmund Husserl, também sua maneira original de tomar e sintetizar o pensamento husserliano. A abordagem desse tema, no entanto, em muito se beneficia de notas históricas sobre o autor. Portanto, sem que seja um tópico sobre sua personalidade, nos ateremos (em conduta metodológica, ao menos nos primeiros tópicos) a notas sobre a persona filosófica de Scheler e sobre sua formação, traço que tanto diz das posições filosóficas posteriormente assumidas.

Programa-se, portanto, tratar da relação de Scheler com a fenomenologia; de como esta se constitui tanto em Husserl quanto em Scheler; do quanto ambos se aproximam e se distanciam entre si sobre este modo de pensar, e sobre os objetos de consideração de cada um. Isso certamente nos dará base para uma apresentação do projeto original de Scheler de uma axiologia fenomenológica. Essa etapa de nosso capítulo, contudo, ainda é provisória, já que o almejado é introduzir ponto relacionado a filosofia dos valores tão *sui generis*, a saber, o tema da tomada da essência dos valores, naquilo que se usa chamar “gramática dos sentimentos”. A caracterização disso é crucial para encaminhar-nos à tematização e análise do fenômeno da simpatia, objeto de consideração nessa dissertação. No entanto, antes disso, e para que distingamos este fenômeno sentimental de outros que com ele contrastam, teremos ainda neste capítulo a consideração fenomenológica voltada a sentimentos como o amor, o ressentimento e a soberba.

Tendo anunciado a matéria do capítulo e dado acenos quanto a sua metodologia e mesmo um roteiro a ser seguido, passemos ao primeiro movimento teórico.

1.1. A apropriação scheleriana do método fenomenológico de Husserl

Falar de *fenomenologia* é aludir a um dos modos de pensar mais destacados do século XX, sendo mesmo considerada uma matriz da filosofia contemporânea. Sua influência, é fato, se faz sentir ainda hoje em diversos ramos de investigação, inclusive

extra filosóficos, como é o caso da psicologia, das ciências sociais (e das suas aplicações), das ciências da religião e teologia, no campo das artes etc. Essas possibilidades admiráveis, no entanto, não seriam sem a atuação de Edmund Husserl (1859-1938), reconhecido como o iniciador da pesquisa fenomenológica, mais do que como seu “fundador”.

Em uma notícia tão necessária quanto breve sobre Husserl, temos que este cursou matemática, concluindo em 1882 uma tese de doutorado sobre o conceito de número. Após, passou a frequentar as aulas do monge aristotélicotomista e psicólogo (adepto à análise dos atos de consciência) Franz Brentano, que resgatou a noção de *intencionalidade* dos medievais. A partir do contato próximo com Franz Brentano, há uma mudança no curso da formação de Husserl, que o aproxima da filosofia e do inevitável caminho à fenomenologia. Em 1900 aparecem *As Investigações Lógicas*, obra imponente de sua autoria. Esta está no nascedouro da fenomenologia, Husserl faz sua primeira grande investida em direção das essências, ao mesmo tempo em que realiza umas das mais brilhantes refutações sobre as concepções empiristas e psicológicas e da lógica. Formam-se, assim, suas concepções antinaturalistas, oposição diametral ao proeminente psicologismo de sua época.

As incursões de Husserl ofereceram ao filósofo a condição de elaborar um método e uma atitude de investigação. Esta, com firmes bases na lógica, se tornava alternativa à teoria do conhecimento. Os inícios de Husserl na matemática, o colocaram em um propósito ativo até o fim de sua vida, ele dedicou-se a elaborar na filosofia uma *ciência de rigor*, com base no conceito medieval de intencionalidade, mais tarde assumido como um método. A fenomenologia, assim, oferece ao cenário filosófico do início do século XX, outra aragem. Com seu novo modo de pensar, Husserl atrai numerosos filósofos que se utilizam dos conceitos da fenomenologia. Surge, então, uma geração de jovens pesquisadores fenomenólogos. Importante destacar que, embora os filósofos tenham utilizado conceitos elaborados por Husserl, muitos não seguiram subservientemente o trabalho do mestre, quer dizer, cada um, à sua maneira, elaborou pensamentos originais apoiados na fenomenologia. Entre os mais destacados na orla de Husserl estão: Martin Heidegger, Max Scheler, Edith Stein, Nicolai Hartmann, Ludwig Landgrebe, Eugen Fink e Jan Patocka. Todos, apesar das diferenças, fizeram uso dos conhecimentos elaborados por Edmund Husserl.

Inteirados da importância do feito de Husserl, chega a hora de buscar uma compreensão do que diz “fenomenologia”. Ora, em nossos contatos com a filosofia alemã, compreendemos que as palavras assumem centralidade para a expressão de seu sentido; sendo assim, para o momento, consideramos adequado acolher a definição dada por Bello (2017), que sustenta que: “A fenomenologia é o estudo dos fenômenos. Fenômeno é aquilo que se mostra [...]”. (p.3). Esta primeira definição, se complementa com outra oferecida por Dartigues (1992): “A fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno. Como tudo que aparece é fenômeno, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado [...]”. (p.4). Estas duas ainda podem ser mais bem precisadas com base na própria apresentação do sentido da palavra fenomenologia:

[...] a palavra é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas [...]. Fenômeno, significa aquilo que se mostra. [...] Logia deriva da palavra logos que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. [...] Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre o fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. (BELLO, 2017, p.18).

Percebamos, a citação oportuniza a indicação de que os questionamentos que Husserl fazia seriam críticas dirigidas às ciências humanas de sua época, por utilizarem como base para investigação o mesmo método indutivista utilizado pelas ciências da natureza (física, química, biologia etc.). À época, as ciências humanas utilizavam o método das naturais para investigar fenômenos psíquicos, o que, para Husserl, era impossível, visto que estava óbvia a diferença por se tratar de objetos de investigação distintos. Essa crítica:

[...] já se encontra em Dilthey cujas ideias concernentes a uma psicologia analítica [...] a natureza só é acessível indiretamente a partir de fatos esparsos cuja unidade e coerência não são jamais senão hipotéticos, a vida psíquica é ao contrário um dado imediato que não exige reconstrução, mas somente uma descrição. (DARTIGUES, 1992, p,7).

Daqui se entrevê que, para Husserl, havia um problema flagrante, tratava-se do fato de haver um vício psicologista tanto na lógica quanto na teoria do conhecimento, significa dizer que a lógica enquanto ciência pura e a ontognoseologia estariam calcadas no psíquico. Husserl compreende que o psicologismo eiva os resultados da

teoria do conhecimento, impedindo um resultado indubitável, apodítico, e é especificamente sobre essa impossibilidade que Husserl passa a investigar, buscando solucionar o impasse. É com isso em vista que nos indica Kahlmeyer-Mertens (2021): “[...] é como teoria do conhecimento que começa a fenomenologia” (p.38). Mas principalmente, com objetivo de refundar as bases da lógica, a lógica que é reconhecida como a ciência das estruturas e das leis ideais.

É que Husserl buscava desde o início uma fundamentação feita à maneira das matemáticas, que fosse, portanto, pura. Assim, identifica que a hipostasia do psicologismo estaria na base da lógica de seu tempo, ou seja, a lógica estaria fundada sobre o *psíquico* e, também, a teoria do conhecimento, o que não seria conveniente nem correto. A lógica, desta forma, era fundada sobre a psicologia. Mas como Husserl buscava formular uma ciência de rigor, estava nessa fundamentação a impossibilidade. A psicologia, é uma ciência teórico-empírica e, por assim estabelecer-se, está sujeita a uma série de variações. O que, de acordo com Husserl, não poderia oferecer as bases para a lógica. Aqui, novamente tem a acrescentar Kahlmeyer-Mertens (2021):

[...] propor algo como isso seria pretender que saberes ideais, universais, atemporais, irreduzíveis e, por conseguinte, incondicionalmente válidos e com autonomia específica (por exemplo a matemática), se embasassem ou pelo menos encontrassem condicionados num solo psicológico. Haveria, portanto, a tentativa de fundar as matemáticas e a lógica em uma ciência empírica, experimental e particular como é a psicologia. (p.25)

Seria a partir da consciência intencional de Brentano que Husserl encontra o que buscava para refundar as bases da lógica e formular uma nova estrutura para a teoria do conhecimento.

A ideia de consciência segundo Brentano, ofereceu a Husserl o entendimento de que a consciência não é dada *a priori*, mas dada em processo, sempre há fenômeno para a consciência, e esta consciência é dada na sua correlação com os objetos. O que acontece nesta consciência? Ela abre as portas para o sentido das coisas, e por meio de um método que oferece a condição de compreender a idealidade visto que podemos intuir categoricamente.

Algo mais da especificidade desses contextos será dado no tópico que se segue.

1.1.1 A consciência intencional, estrutura base na fenomenologia scheleriana

Como antes dito, deliberamos por iniciar com uma visão da vida e trajetória de Scheler. Com a base dada por esse exercício preliminar, poderemos indicar como Scheler chega a descobrir a fenomenologia. Ademais, podemos encontrar na história de nosso autor, notas sobre os contatos com os principais pensadores do cenário filosófico de sua época, estes que, por vezes, favoreceram a ponte entre Scheler e aquele movimento. Dito isso, registre-se que Max Ferdinand Scheler (1874-1928) nasceu na cidade de Munique, em uma família alemã de classe média, filho de mãe judia e de pai luterano. Na adolescência, estudou no ginásio Luitpold; neste período, teve uma vida estudantil pouco expressiva, não dando mostras de suas futuras habilidades filosóficas.

No ano de 1884, frequentou Berlim, tendo sido aluno de luminares como Carl Stumpf, George Simmel e Wilhelm Dilthey. Em 1895, foi estudar na Universidade de Jena, importante centro de estudos da filosofia idealista na Alemanha. Ali, foi aluno de Rudolf Eucken, futuro Prêmio Nobel. A tese de doutoramento de Scheler, escrita sob a orientação de Eucken, recebeu o título de: *Contribuições para verificação das relações entre princípios lógicos e éticos*. Já doutor, em 1901, assumiu como professor naquela mesma universidade, período em que estabeleceu os primeiros contatos com Edmund Husserl. No ano de 1907, foi admitido como professor na Universidade de Munique, fase em que conduzia um grupo de estudos de fenomenologia. Também é desta época, a proximidade com Theodor Lipps, psicólogo precursor dos estudos sobre empatia. No entanto, em 1910, afastou-se da docência no ensino superior, por força de questões pessoais, restando-lhe apenas a atividade de jornalista.

Considerando este cenário acadêmico, Manuel A. Suances Marcos (1986) é um a sustentar que o período de afastamento do círculo acadêmico foi considerado por muitos a fase mais produtiva de Scheler. A indicação se confirma face a constatação do elevado número de obras escritas por nosso filósofo neste período. Esta ainda foi época da qual datam as obras as quais mais trabalharemos nesta dissertação, a saber: *Essência e formas de Simpatia* (1913) e *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* (1913).

No ano de 1919, após longo período de afastamento da docência, Scheler retoma as suas atividades docentes, passando a lecionar na Universidade de Colônia.

A partir desta data, inicia uma mudança em seu pensamento. O reflexo desta pode ser avaliado em sua Antropologia Filosófica, parcialmente publicada em 1928. Scheler transferiu-se, em 1928, para a Universidade de Frankfurt, onde lhe foram oferecidas logo duas cátedras, a de filosofia e a de sociologia. No entanto, pouco tempo depois, Scheler sofreu o infarto que o levou a uma morte prematura.

Juan Llambias de Azevedo (1965) informa que Scheler se mantinha numa atitude de permanente vigilância à coisa do pensamento, filosofava de manhã à noite. Tal atitude pode ser observada nas várias aproximações com pensadores de sua época, por exemplo, o período de aproximação com neokantianos, além da dedicação aos estudos e as leituras de Nietzsche. Embora tenha havido contribuições (em parte) de todos os autores mencionados, foram os estudos de fenomenologia que ofereceram a Scheler o ponto de partida para o desenvolvimento de sua Ética e de sua Antropologia Filosófica. Cabe destacar que uma das mais duradouras e sentidas influências foi a de seu orientador no doutoramento, Rudolf Eucken. No entanto, nosso interesse primordial nesse tópico é compreender como ocorreram as aproximações de Scheler com a fenomenologia.

Em 1901, Scheler estabeleceu seus primeiros contatos com Husserl (este também é o ano da publicação das *Investigações Lógicas*). A partir deste feliz encontro, dedicou-se por longos quinze anos aos estudos da fenomenologia; isso é mostra do quanto a efervescência das ideias fenomenológicas, naquele período, o impactaram. A dedicação aos estudos de fenomenologia, acrescida das várias contribuições de outros pensadores de sua época, deram ao nosso filósofo vislumbre da guinada que a filosofia sofreria, naquele início de século XX. Reforce-se, assim, que foi principalmente com a fenomenologia que Scheler encontrou a potência necessária para as mudanças que passaria a operar em seu pensamento. De acordo com Kahlmeyer-Mertens (2021):

[...] com a fenomenologia mais do que a possibilidade de intuir categoricamente conteúdos gnosiológicos (conhecimento), se viabiliza também a possibilidade de tomar a objetividade ideal de conteúdos axiológicos (valores) no solo imediato de vivências puras. (p.27)

É por meio da fenomenologia, portanto, que Scheler executaria seu projeto de axiologia (que desaguaria numa ética que não chegou a ser elaborada), esta fundada na tomada dos valores dados à experiência fenomenológica. O caminho que a

fenomenologia abre para Scheler, é o meio de acessar os valores de modo mais direto. Sendo assim, a experiência fenomenológica é a possibilidade de acessar os valores a partir de uma determinação da qualidade do valor. (Kahlmeyer, p, 63, 2021). {...} o fenomenólogo descreve os valores de modo a evidenciar a qualidade da experiência desses mesmos valores. Sendo assim, nosso filósofo passa a considerar a apreensão destes valores, ou, como ocorre a captação, assim considerando uma hierarquia dos valores que inicia com valores simples ou, que estão no nível mais baixo da hierarquia para, somente então, ir avançando aos níveis mais altos, os valores espirituais. Face a isso, vislumbra que o método fenomenológico, tal como proposto por Husserl, lhe oferecia meios mais que suficientes para o desenvolvimento da sua própria filosofia; nessa época, também os *sentimentos* passam a ter lugar central em sua filosofia.

Segundo Scheler, assim como a consciência intencional de Husserl teria seu correlato objetivo no fenômeno, estando em questão seu conhecimento; a pessoa, para Scheler, teria como correlato intencional os fenômenos de valor, quando em jogo a pretendida ética; nesse caso, os sentimentos seriam modos privilegiados de acesso à determinação essencial dos valores. Pode-se aqui avaliar o quanto esta conduta diferiria frente aos outros fenomenólogos associados, por laços mais canônicos, à ontognoseologia fenomenológica husserliana; do mesmo modo, como, com esta inovação, Scheler angariaria audiência com estes gestos que, sem dúvida, constituíram contribuição autoral de seu pensamento apropriador de Husserl. Como é bem documentado, houve um longo período de contatos com a fenomenologia, até o momento em que Scheler passou a utilizar da fenomenologia para desenvolver a sua filosofia. (AZEVEDO, 1965).

Daquele produtivo encontro com Husserl, surge em Scheler o ímpeto de compreender como aquele novo modo de filosofar contribuiria para suas investigações. Scheler vai à fenomenologia naquilo que ela tem de mais rigorosa: a *recondução às coisas mesmas*. Este é o vislumbre do ato inicial, que nos coloca em contato direto com a pureza do fenômeno, que o filósofo de Munique se dedica a compreender e a utilizar para realizar suas pesquisas. É neste lugar que a fenomenologia busca seus rigores, encontrando um conhecimento verdadeiramente apodítico e afastando-se do relativismo que assolava a sua época. Foi assim que Scheler passou a servir-se da fenomenologia para desenvolver a sua filosofia axiológica.

1.1.2 Scheler e sua axiologia fenomenológica

É por meio da fenomenologia que se franqueia a possibilidade de intuição ao sentido dos fenômenos, a partir da experiência imediata de seu conteúdo objetivo. É na experiência fenomenológica que ocorre a apreensão das essências, por meio do seu correlato intencional. Corroborando a isso, nos diz Giles (2008, p.148):

[...] a experiência fenomenológica, nos coloca em contato com aspectos que não são captados pelo conhecimento empírico (sensações), visto que o conhecimento sensível carrega também elementos contingentes, e em certa medida elementos subjetivos. Os sentidos oferecem uma parcialidade do real. Ainda na tentativa de compreender como se dá a experiência, agora na apreensão conceitual. Estes têm uma relação indireta, apontam os significados do conteúdo, mas não atingem imediatamente.

Interessa-nos, aqui, a indicação de que as apropriações da nova forma de filosofar que a fenomenologia proporcionou e, em alguma medida, compreender como Scheler teria sido impactado por isso a ponto de se converter do neokantismo à fenomenologia. Embora tenhamos clareza da importância que a fenomenologia teve para Scheler na elaboração da sua filosofia, consideramos apontar as principais diferenças quanto ao objeto de investigação entre o criador do método fenomenológico, Edmund Husserl e Max Scheler. Sobre isso, concordamos em afirmar que:

Husserl se dedica a compreender o objeto do conhecimento visando sua idealidade. Max Scheler se volta aos objetos referidos a ética, interessado em sua determinação axiológicoessencial. (KAHLMAYER-MERTENS, 2021, p.26).

Depreendemos, assim, que as apropriações que Scheler fez da fenomenologia visavam suas pesquisas na busca de elaborar sua teoria do valor e, posteriormente, agregar à estruturação de uma ética, que não chegou a ser escrita. Sendo assim, a aproximação que Scheler fez da fenomenologia objetivava apreender sobre o método no que mais tarde desdobrou-se em uma atitude fenomenológica. É por meio dessa conduta que Scheler consegue compreender que o valor também é capturado no espaço fenomenal; neste ponto, distanciando-se das investigações de Husserl, que

visavam prioritariamente o objeto do conhecimento e sua idealidade. Em Scheler, o sentido é o que dá a experienciar o conteúdo essencial dos valores.

O que Scheler descobre na fenomenologia é uma nova categoria de fenômenos, trata de fenômenos de valor apreendidos no registro intencional dos sentimentos. Este achado pode ser expresso da seguinte maneira:

[...] Da essência e formas de simpatia prima pela intuição aguda e pelas riquíssimas observações de detalhe, Max Scheler, que foi discípulo de Husserl, defende divergindo de seu mestre a existência de uma intencionalidade específica dos sentimentos dirigida para a apreensão dos valores. (NUNES, 1991, p.95).

Para o momento, vamos nos deter no tema de sobre como Scheler utilizase da fenomenologia para elaboração de sua *Ética*.¹ Aqui, se aponta como os sentimentos assumem um papel central na filosofia scheleriana. Com objetivo de detalhar como ocorreu este papel central dos sentimentos, temos que “[...] sentimentos como amor, ódio não são apenas estados afetivos [...] mas atos através dos quais viver a experiência dos valores”. (NUNES, 1991, p 145) Sendo assim, para Scheler, muito mais do que uma nova categoria de objetos, que não poderá ser acessada por meio da inteligência e pela conceptualidade, esta somente poderá ser tomada pela espontaneidade dos sentimentos, sendo a ligação afetiva a forma de determinação que só poderá ser acessada, no caso da citação de Nunes, por meio do amor. Mas não é só isso, os sentimentos, mais do que meios de tomada dos valores são o que possibilitam a experiência da vida moral, são meios com os quais o conteúdo essencial dos valores adentra a uma axiologia não formalista. Corroborando a isso, nos diz novamente Nunes (2001), “[...] amor e ódio são atos preliminares de preferência valorativa comparáveis aos apelos da vida moral”. (p.146). Compreendemos, com isso, o caminho percorrido por Scheler até postular uma nova categoria que fosse capaz de acessar a intencionalidade dos sentimentos. Esta tornou-se possível a partir de uma objeção dirigida ao racionalismo hegemônico em sua época. A propósito disso, nos diz Costa (2001):

¹ Segundo Meister (1994), Brentano é um aristotélico e faz oposição ao idealismo hegeliano. Sua posição ética vai ser a raiz da ética de Scheler no qual o interesse pelos valores se dá de modo objetivo, ou seja, valor tem valor em si.

Scheler coloca em dúvida a totalidade da razão. [...] a razão não consegue apreender a objetividade da realidade. [...] Scheler sustenta a validade da emoção na apreensão do conhecimento. Para o nosso filósofo, [...] existe um outro setor da realidade absoluta que a razão não consegue atingir. (p.26-27).

Mas, para que possamos compreender onde Scheler pretende chegar com tal encaminhamento discursivo, importa seguir os passos de nosso filósofo. Para tanto, vejamos o que dizem sobre a etimologia da palavra emoção Carneiro e Pequeno (2021): “Embora seja um termo de múltiplas significações: [...] a palavra emoção, poderá ser de uso mais comum, nas seguintes definições: sensações, afetos, apetites, impulsos, sentimentos e paixões.” (p. 203). A clareza destes múltiplos significados torna-se central para seguir compreendendo o caminho que Scheler percorreu. Em Salomon (apud Carneiro, Pequeno, 2021), encontramos outras definições do fenômeno do sentimento, segundo ele:

A palavra sentimento designa um conjunto amplo de experiências, nas quais também podem estar inseridos as emoções. Os sentimentos abarcam desde uma simples manifestação sensorial, até expressões aprimoradas e refinadas, podendo ainda significar uma percepção sensorial, um exercício da sensibilidade ou mesmo um afeto, ou uma paixão. (p.211).

A compreensão do dito acima é alcançada quando procuramos descobrir para onde Scheler dirigia seu foco fenomenológico quando realizava suas investigações. Enfrentando seu texto, logo percebemos que o filósofo tinha o intuito de chegar a um solo seguro no qual poderia fundamentar sua ética. Portanto, a fenomenologia é o que permite a Scheler vislumbrar e antecipar dificuldades encontradas pela filosofia dos valores na matriz neokantiana e mesmo encetadas pela filosofia existencial. Apoiado nesse método sutil, Scheler está ciente de que é sobre os fenômenos de valor que precisa focar, já que: “[...] o princípio da imanência objeto imediato do conhecimento, são as representações internas” (COSTA, 1996, p.52). E é compreendendo assim que a teoria do conhecimento até aquele início de século XX operava. Max Scheler, por sua vez, não se contentava com as posições subjetivas em vigor na ontognoseologia de sua época (do mesmo modo que reputa insuficiente este mesmo posicionamento subjetivista no campo das axiologias).

Para o filósofo, seriam necessários outros elementos (para os quais, de início, ainda não estavam definidos) que não estavam sendo considerados na obtenção de um saber apodítico. Isso porque, de maneira análoga (portanto não idêntica) àquela

operada por Husserl, que criticava o psicologismo no conhecimento, Scheler julgava que certo formalismo racionalista não daria conta de tornar evidente a essência do fenômeno de valor, tampouco a realidade que lhe seria intrínseca. Acaba sendo assim, seguindo à certa distância Husserl, que Scheler não apenas edifica uma crítica ao formalismo na ética quanto desenvolve sua fenomenologia dos valores.

Possuindo diferenças peculiares, Scheler não pode ser considerado apenas um continuador da filosofia husserliana, talvez, quando muito, um discípulo livre. Operando o mesmo método e colocando-se desde a mesma postura, temos que Husserl era principalmente um lógico, uma mente formada nas águas das ciências exatas da natureza, ao passo que Scheler dirigia-se a problemas morais, práticos. (FRINGS, 1997). Sendo assim, para Husserl o que importava era o conhecimento, tendo em foco sua idealidade; Scheler visava os objetos referidos a sua ética e, principalmente, com os propósitos que em uma axiologia. Considerando que os dois filósofos partiam de uma matriz comum de entendimento, que era a fenomenologia, mas já nos inícios, encontraram compreensões diferentes acerca dos objetos investigados, por certo, esta distinção nos auxiliará discriminar os limites demarcatórios entre essas duas filosofias fenomenológicas, o que certamente contribui com a apresentação dos termos da axiologia fenomenológica scheleriana, bem como da assim chamada “gramática dos sentimentos”, intimamente ligada a esta.

Desta forma, ao trazer à baila sua proposição filosófica autoral, Scheler se dedicará, incansavelmente, a elucidar como os valores chegam a ser “tomados” por uma figura de consciência. Uma primeira indicação disso, ainda sujeita a aprofundamento de tópico adiantado, nos fornece Costa (1996): “[...] o objetivo final segue a experiência dos valores éticos, Scheler começa expondo e analisando as vivências através das quais se chega à experiência dos valores em geral, inicia pelos valores sensíveis”. (p.40). Ora, mas porque falar em valores, se o objetivo de nossa pesquisa é compreender os sentimentos de simpatia? É necessário deixar patente que, justamente aqui, chegamos ao ponto no qual Scheler passa a elaborar fenomenologicamente uma consideração aos sentimentos (*Gefühlung*), sendo esses exatamente uma maneira de captar os valores em apreço em sua axiologia.

1.2 A “tomada” dos valores e a assim chamada “gramática dos sentimentos”

Nossa pesquisa até aqui centra-se em Max Scheler fenomenólogo, interessado na investigação dos sentimentos. Mas, por que necessitamos compreender sobre esses sentimentos e o que Scheler chama de “gramática dos sentimentos” quando se trata da axiologia de Scheler? E mais que isso: como esses sentimentos e a referida axiologia fenomenológica nos remeteria a ideia de simpatia? Compreendemos que as respostas a essas perguntas têm a ver com a ideia de tomada dos valores. Isso porque, para estabelecer sua ética, Scheler precisava compreender a forma com que os valores são tomados. Para tal realização, Scheler passa operar fenomenologicamente. Assim, Scheler passa a compreender que os sentimentos oferecem condição de captar os valores, através do preferir e rejeitar. Para além da compreensão deste feito, (compreender como se dá essa hierarquia dos valores), optamos, neste momento por iniciarmos apontando que é um *valor*.

Digno de nota, é explicar como Max Scheler pode ser apresentado como fenomenólogo. Vejamos o que nos diz (Meister, p, 18, 1994), sobre o contato inicial

(...) Foi importante a fenomenologia porque lhe apresentou um método. Passou a ser um caminho para o seu pensamento e que acompanhará até o final da vida. Em alguma medida encontra-se dúvidas de que Max Scheler seja um fenomenólogo.

Mas há outra citação do autor que corrobora com a definição de Scheler como fenomenólogo. (Meister, p, 18,1994).

Se partirmos da visão husseliana de que a fenomenologia é aquela que tem a visão estreita da redução fenomenológica chegamos, com facilidade, à conclusão de que Scheler não é fenomenólogo. Mas se partirmos da visão de que a fenomenologia não é uma escola, mas um movimento com orientação própria, baseada em convicções comuns poderemos assim, qualificá-los.

Valor, segundo o significado corrente do termo, pode ser compreendido como um conjunto de princípios que parametram os comportamentos de uma pessoa, ou de uma instituição. Sendo assim, os valores determinam a forma como estes indivíduos se comportam e interagem com os demais entes e no ambiente que os cercam. De modo resumido, valores explicitam qualidades de coisas ou de ações humanas. Sendo assim, uma das formas de interação (relação entre humanos) ocorre quando uma troca se dá por meio desta qualidade que se pode ser identificada entre humanos. Ainda seguindo com o propósito de compreender os valores, passamos a falar sobre a natureza dos valores. Afinal, a palavra valor tem como característica a possibilidade de abarcar múltiplos sentidos e, quando buscamos compreender sua natureza,

poderemos determinar a existência de vários tipos de valores, entre estes estão: valores éticos, valores morais, sociais, religiosos, estéticos e materiais.

E qual seria a finalidade do valor? De forma geral, indicar a qualidade (positiva ou negativa) de um objeto. Também neste escopo podemos indiciar as qualidades das ações humanas. É com base nos valores que seres humanos se orientam em relação a sua conduta, já que eles servem para definir ou orientar modos de relacionar-se. Também é com base nestes valores que as sociedades se organizam em determinadas épocas. Um exemplo desta constatação é de que em períodos remotos da história humana outros valores determinavam o funcionamento das sociedades.

Quando lançamos um olhar compreensivo sobre o período da Idade Média, por exemplo, identificamos que os valores que definiam a sociedade daquela época estavam impregnados de qualidades religiosas, sendo a Igreja a principal referência de autoridade na cultura ocidental (ou seja, neste período, valores religiosos eram associados ao campo axiológico da doutrina dessa instituição). Em outros períodos da história, em que a força física era considerada o valor que regulava este período, os grupos de humanos desenvolviam habilidades de luta para sobrevivência. Quando tentamos compreender os valores destes períodos, somos capazes de compreender quais valores regiam a sociedade destes períodos. *Ora, mas então qual a relação existente entre a axiologia e os valores?*

Para fins de definição, a axiologia, é o estudo ou a busca por compreensão da natureza dos valores e dos juízos de valor. E de que forma Scheler aproxima-se da axiologia filosófica? De acordo com Giles (1990, p 38), o problema geral, para Scheler, ao qual se dirige uma crítica axiológica é o de estabelecer quais valores regem a vida do espírito; foi este, mais objetivamente, que fez com que Scheler tivesse interesse em compreender sentimentos estabelecidos no âmbito da tomada dos valores. Uma síntese dessa descrição nos oferece Kahlmeyer-Mertens (2021):

[...] Scheler se volta aos objetos referidos a sua ética, interessado em sua determinação axiológica-essencial. [...] Scheler visava a essência do valor e é com base nestes entendimentos que Scheler passa elaborar uma teoria do valor, este sendo captado no espaço fenomenal. (p.62)

Como dito na introdução deste capítulo, quanto as diferenças existentes entre Husserl e Scheler (referentes ao objeto de investigação e ao modo com que ambos o compreendem diversamente), há que se dizer que, enquanto Husserl, um lógico,

visava nos fenômenos a sua idealidade; Scheler, por sua vez, visava o fenômeno do valor em busca de estabelecer sua determinação axiológica, o que corresponde a sua essência valorativa. Assim, em uma maneira toda sua de conduzir a investigação fenomenológica, Scheler passa considerar uma nova “tomada” dos valores. Contrariando pressupostos teóricos hegemônicos de sua época que, até aquele início de século, se baseavam nos pressupostos elaborados por Kant, Scheler propõe uma ética material dos valores que possa superar o formalismo subjetivista da filosofia prática kantiana.

E de que modo Scheler passa a olhar diferentemente a essa tomada de valor? Resposta: fazendo uso do expediente metodológico da fenomenologia, a redução fenomenológica; isso significa retomar, em parte, a base da fenomenologia de Husserl em seu propósito de intuir significações ideais ou de chegar a determinar eideticamente os fenômenos. No caso de Scheler, não é diferente. Ele compreendia que a metodologia elaborada por Husserl lhe permitiria descrever e analisar como chegamos a tomar os fenômenos em sua determinação essencial de valor, e nisso também permanece vivo o ensinamento husserliano de retornar ao que na coisa há de primordial. A radicalidade desse gesto fenomenológico fica mais clara a partir do seguinte comentário:

[...] o fenômeno é o ponto de partida da investigação que se volta a ele mesmo e ao essencial. É esse o ponto em Husserl do qual ele passa a estabelecer a maneira como se desenvolverá metodologicamente a fenomenologia. Assim fica definido a primeira das etapas do método fenomenológico denominada de redução fenomenológica. (KAHLMEYER-MERTENS, 2021, p.89).

Seguindo ainda os acenos deste doutrinador, vislumbramos que Max Scheler “[...] também reconduz o foco de sua investigação a um campo fenomenal intencionalmente aberto no qual as essências podem ser vivenciadas e captadas. É assim que Scheler encontra a possibilidade de captar o valor no campo fenomenal” (KAHLMEYER-MERTENS, 2021 p. 92). Por fim, ainda é possível acrescentar que: “De maneira análoga a Husserl, para quem a lógica é terreno dos princípios puros e das significações ideais, Scheler divisa um terreno axiologicamente puro [...]” (KAHLMEYER-MERTENS, 2021, p. 93). Com esse movimento, Scheler abre a possibilidade de compreender como os valores são tomados e ganha evidência quanto a – para além da intencionalidade da consciência abrir espaço para captação da essência das ideias puras – também haver a possibilidade de ter em vista uma

intencionalidade dos sentimentos. Assim, Scheler desenvolve uma fenomenologia dos sentimentos, sendo, doravante, a partir desta descoberta que Scheler elaborará o que se usa chamar de “gramática dos sentimentos”.

De acordo com Carneiro e Pequeno (2022), gramática aqui nada tem a ver com uma “teoria da linguagem”. Assim, ao tentarmos compreender o interesse que Scheler tinha em tal “gramática”, nosso foco deve estar no esforço de o filósofo elaborar um modo de compreensão dos sentimentos, um que pudesse assumir características universais. Ainda segundo os autores:

Há aqui uma gramática universal, por assim dizer que é válida para todas as linguagens de expressão e suprema base para a compreensão de todas as espécies de mímica e pantomímica do vivente. Somente por isto podemos também por exemplo, perceber a inadequação de um movimento expressivo do outro com a vivência correspondente ou, todavia mais a luta que o movimento expressa com o que deve expressar. (CARNEIRO, PEQUENO, 2022, p. 205).

É desta forma que Scheler se lança ao objetivo de compreender expressões que independem de uma cultura e que são passivas de compreensão em um caráter universal. Usando como um exemplo, o *choro*; a expressão do choro, independentemente da cultura, pode caracterizar uma expressão de dor. E o modo como a outra captura essa expressão comunica tal dor. O outro, por sua vez, fica “mobilizado” a partir de sentimentos de simpatia, que Scheler definiu como a *compaixão*.

Tentar compreender como os sentimentos (e entre eles e, principalmente, a simpatia e seus correlatos) assumem papel central na obra filosófica de Scheler é relevante a nossa pesquisa, que tem como pano de fundo a intersubjetividade (esta que percorre, com um fio indivisível, praticamente todo nosso trabalho). Mas em que medida os sentimentos e, entre eles a simpatia, se apresentam com protagonismo aqui e na obra de Scheler? Resposta a esta pergunta pode ser dada nessa passagem:

Em *Ordo Amoris* e em *Essências e formas de Simpatia*, afirma-se que entenderemos e reconheceremos a nós mesmos como indivíduo e povo se conhecermos o sistema que articula seus costumes, valores e preferências. Scheler agrupa esse sistema de valores e preferências no *ethos* e a ordem do amor e do ódio. (ESCUADERO, 2023, p. 25).

Aqui se insinua a importância do sentimento da simpatia para Scheler, interesse cuja origem pode ser contextualizada na elaboração do projeto filosófico dele. Como se sabe, Scheler fazia suas buscas de bases de sustentação para elaboração de sua Ética quando o tema despontou propriamente como questão. Sobre isso, atesta Melo (2007):

O problema que incomodava Scheler era a fundamentação da ética sobre as relações de compaixão e de vários sentimentos altruístas englobados no nome de simpatia. Assim, o termo simpatia fora considerado um sinônimo para todos os sentimentos altruístas nos quais se buscava fundamentar a ética [...]. (p. 43).

Quanto ao interesse do nosso filósofo pelo tema da simpatia e sobre a importância atribuída a este na elaboração do projeto filosófico scheleriano, vemos, de acordo com Cadena (2013), que: “[...] não é possível definir a essência dos valores éticos, pois eles se manifestam na experiência vivida pelo sujeito [...]”, (p. 77). Percebamos, valores são vivenciados. Foi a partir dessa evidência que Scheler edificou seu ensaio fenomenológico de ética material dos valores, sem perder de vista a hierarquia dos valores. Scheler, orientado pela fenomenologia, desenvolve uma ética que se ampara na experiência, pois o valor não é algo que se atribui, mas é experimentado em sua determinação apriorística. A respeito disso, a comentadora tem novamente a acrescentar:

Para Scheler o sentimento é o “órgão” dos valores. Os valores e as conexões entre eles são percebidos pela intuição emocional no momento da vivência. [...] Simplificando: os valores são apreendidos pelo sentimento e o lugar do sentimento é o espírito. [...] não é possível definir a essência dos valores éticos pois eles se manifestam na experiência vivida de um determinado sujeito. Somente como fenômenos, se deixam captar (CADENA, 2013, p 79).

Ainda na tarefa de articularmos qual a relação entre os fenômenos de valor e os sentimentos e, entre eles, aquele mais propriamente referido à simpatia, continuamos nos apoiando no que nos diz Cadena (2013): “[...] os valores são a priori intuídos pelo sentimento, e nos atos de preferir e postergar, segundo a hierarquia de valores [...]”. (p. 76). Desse modo, em todo sentir, e não é diferente com a simpatia, deverá ser compreendida no ato de simpatizar, visando seu correlato intencional. Para compreendermos como se dá esse processo, consideremos que, os mencionados atos (intencionais) “[...] são vivências de fato, que trazem as marcas da pessoa. [...] Atos, por exemplo, manifestam primordialmente os valores éticos de uma pessoa o

modo como ela singularmente vivencia o amor, o sofrer o simpatizar [...]” (KAHLMAYERMERTENS, 2021, p. 7). A simpatia, por sua vez, está situada hierarquicamente no espaço da consciência vital. Como pode-se compreender com base nos conceitos oferecidos acima, os fenômenos de simpatia, ou fenômenos simpatéticos, em uma primeira aproximação, decorrem de atos intencionais, ou seja, de um ato de consciência, situado hierarquicamente na consciência vital. E são manifestos por meio dos valores, carreados por atos intencionais. Em termos fenomenológicos, para cada centro de atos intencionais (terreno do espírito), há sempre um mundo que lhe é correlato fenomenal (campo de objetos) e é por causa disso que os humanos podem tomar esses valores por meio de estados sentimentais. Tais estados têm relação com qualidades, por exemplo, o agradável e o desagradável.

Conjugando essas referências teóricas, na preparação para a introdução do tema da simpatia, avaliamos que, enquanto um sentimento, a simpatia é ‘devedora’, primeiramente da empatia, pois esta apresenta-se como um reconhecer do outro.

Partimos da estruturação do sistema ético de valores de Scheler, o qual coloca os sentimentos no centro de sua filosofia, opondo-se aos sistemas éticos vigentes (de sua época), os quais estabeleciam a racionalidade como fundamento para a Ética. Na ética de Scheler, os valores são captados como fenômenos e a sua ética é baseada nos valores vivenciados a partir dos sentimentos.

É importante compreendermos qual relação os valores têm com o tema da simpatia. Neste objetivo, precisamos detalhar como o filósofo estrutura, hierarquicamente, seu sistema ético de valores. Para Scheler, existe uma multiplicidade de valores. Nesta multiplicidade os valores têm hierarquia. Conforme a classificação, os valores poderiam ser apresentados em grupos ou classes. Primeiro os valores úteis, por exemplo, adequado, conveniente, inconveniente. Depois, valores vitais, exemplo forte, fraco. Valores lógicos verdade, falsidade. Valores estéticos: belo, feio e, por último, valores religiosos.

Scheler percorreu um caminho no qual empenhou-se, primeiramente, em estabelecer, a partir dos valores, a sua ética, para que fosse possível conceber uma hierarquia dos valores. Utilizou-se da fenomenologia para fazer a distinção entre as formas de consciência, o que possibilitou compreender como os valores são vivenciados e estruturados de acordo com uma hierarquia. Ainda seguindo com os

pressupostos, após captados, os valores são organizados de modo hierárquico, seguindo uma sequência de valores, dos mais baixos aos mais altos.

Quanto a isso, Cadena (2013, p.35) indica que:

“a estrutura hierárquica de valores se dá em basicamente quatro níveis de valores. O *primeiro*, incluirá a série de agradável desagradável [...] corresponde à série de valores afetivos dos sentimentos sensíveis, prazer e desprazer. [...] corresponde à função do perceber afetivo sensível. O *segundo nível*, composto pelos valores da sensibilidade vital corresponde ao conjunto de valores de perceber afetivo vital [...] valores que se acham situados na esfera do bem-estar estão subordinados ao nobre vulgar. [...] por exemplo vida, ascendente, descendente, saúde, enfermidade, velhice, morte, esgotamento, vigoroso, alegre, aflito, angústia, vingança, cólera etc. No *terceiro*, estão os valores espirituais vivenciados pelos sentimentos axiológicos guiados pelo amor e pelo ódio.”

Os conceitos até aqui articulados fornecem elementos teóricos para a elaboração de nossa pesquisa. Ter tratado da *tomada sentimental dos valores* e da *gramática dos sentimentos* nos permitirá compreender como a fenomenologia de Scheler contribui a pensar os fenômenos de simpatia em sua presença e influência no estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e crianças/adolescentes acolhidos. No entanto, antes de tocar mais propriamente nessa temática, ainda como um complemento do que foi dado nesse tópico, abordaremos outros sentimentos importantes à pauta de nosso filósofo.

Ainda como complemento do que foi dado nesse tópico, abordaremos outros sentimentos importantes a pauta de nosso filósofo.

Sobre os sentimentos de simpatia, ou, que é propriamente dito a simpatia para Scheler, ressaltamos que haverá um capítulo no qual pretendemos realizar o aprofundamento sobre o tema da simpatia.

1.3 O amor, o ódio e um aceno sobre a soberba

Por mais que empenhados em considerar, uma vez mais, o lugar que os sentimentos têm na filosofia de Scheler, este tópico não pretende (nem poderiapretender) ser exaustivo.

Assim, embora haja um esforço de nossa parte em compreender a dimensão que o amor assume na obra Max Scheler, temos a clareza que o amor tem a dimensão de um “oceano”, para *nosso filósofo*. Sendo assim, nos resta fazer breves pinceladas

sobre um tema imenso. Desta forma, indicaremos de forma resumida apenas alguns pontos sobre o amor em Scheler, com o único objetivo de discriminar o sentimento do amor, e os sentimentos de simpatia. Porém, antes mesmo de adentrarmos especificamente no tema que é o principal, a discriminação entre os sentimentos do amor e da simpatia, nos propomos a indicar, mesmo que resumidamente, como eram tratadas as emoções ao longo da tradição filosófica.

De acordo com Salomon (2012):

Muito antes da fenomenologia, houve análises perspicazes do sentimento. [...] Aristóteles em particular, deu-nos uma análise detalhada e profundamente perspicaz das emoções[...]. [...] sua análise era basicamente, uma peça da fenomenologia social: a ira é a percepção de um insulto e o desejo associado de vingarse. [...] Depois de Aristóteles os estoicos em particular, desenvolveram um rico conjunto de teorias sobre a emoção, centrando-se em aspectos “cognitivos” (emoções, como juízos avaliativos). [...] O maravilhoso, mas um tanto verborrágico tratado da ira de Seneca. Santo Agostinho, claramente descreveu emoções tumultuosas com considerável detalhamento. Posteriormente com Descartes dedicou-se boa parte de sua carreira a analisar as emoções[...] com um pé em cada lado entre duas substâncias cartesianas de mente e corpo. [...] Assim também Spinoza apesar de seu estilo geométrico dedutivo pouco amistoso a perspectiva subjetiva, produziu a catalogação dos sentimentos [...]. David Hume ofereceu-nos uma elaborada descrição quase fenomenológica das várias emoções. [...] Adam Smith que fez uma análise sobre a simpatia. [...] Kierkegaard e Nietzsche por sua vez fizeram profundas, ainda que sistemáticas observações sobre a natureza da emoção[...] Franz Brentano que influenciou Husserl e Max Scheler. (p 273).

Como se pode apreciar, a citação do comentador constitui mesmo um apanhado geral de como o fenômeno dos sentimentos comparece na tradição filosófica, e como estes, já convertido em objeto e em tema suscitaram reflexão de diversos articulistas da filosofia. Em alguma medida, cada um dos autores acima citados contribuiu imensamente para a compreensão dos sentimentos.

Porém, aqui, mais do que uma compreensão histórica dos sentimentos e uma tentativa de problematizá-los, nos interessa uma compreensão do que há de essencial nos sentimentos para, com Max Scheler, questionar que fenômeno é este e como ele entra em cena em sua filosofia. Scheler seguiu a pista da teoria do sentimento moral de Brentano, desenvolvendo-a ainda mais, e dando voz, a partir dali, ao sentimento da simpatia. E interessado neste tema dos sentimentos, Max Scheler invariavelmente elaborou uma obra na qual trata especificamente sobre a compreensão sobre o amor.

Em um comentário relevantes, no qual seu autor trata da concepção Scheleriana sobre o amor, temos:

[...] A concepção Scheleriana sobre o amor, é absolutamente original. Antes de tudo Scheler faz uma distinção precisa entre o amor e a simpatia [...] o amor é algo essencialmente dinâmico, voltado para o outro enquanto portador de um valor exclusivo. (COSTA, 1996, p. 53).

Com base nesse comentário, é possível compreender a originalidade apontada pelo autor, mas principalmente em indicar a diferença entre o amor e sentimentos de simpatia, que é o objeto de investigação de nossa pesquisa. Partimos da categorização de que o amor é algo de valor exclusivo. Embora já tenhamos indicado nos itens anteriores de nossa pesquisa, vale recapitular, que para Scheler o que interessava *era o valor e sua determinação axiológica essencial*. Este valor que por sua vez, é captado no espaço fenomenal.

É desta forma que pretendemos interpretar o amor em Scheler. Max Scheler desenvolve uma teoria do valor, interessado em determinação axiológica essencial. E desta forma que Carneiro & Pequeno (2021) indicam sobre a compreensão de Scheler: A fenomenologia Scheleriana converge para uma filosofia do amor, isto é, do *ordo amoris*. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 249).

De início é evidente que o amor é o motor íntimo da vontade e se a vontade caracteriza o homem pode-se dizer que o homem é essencialmente movido por seu amor [...]. E desta forma, com base nesta citação que encontramos indicações do que nosso filósofo compreende sobre a essência do amor. Para tal situação, ainda segundo os autores, Scheler, elabora uma minuciosa distinção entre a) o amor como mola propulsora e b). o amor com tendência onto-axiológica. Daqui se depreende que:

[...] a percepção o pensamento a vontade e o querer estão subordinados ao movimento do coração ou dito de outra forma “um ato de vontade, supõem um amor que lhe procede e lhe imprime direção de conteúdo”. E, portanto, sempre o amor que nos desperta para conhecer o querer, mas ainda é a mãe do espírito e da razão mesma. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 250).

Para os intérpretes, há, nesse sentido, a forma de compreender o que, para Scheler, vem a ser o *amor*. Que se encontra diretamente ligados aos atos de vontade. Também para Scheler é o amor que estabelece a base para a moral. Neste sentido, vícios e virtudes teriam relação direta com tal situação. É por isso que certa “ordem do amor”, como alude nosso filósofo ao falar de *ordo amoris*, forneceria a base da vida afetiva. Ainda segundo os autores, a ordem do amor está além das questões individuais da pessoa. Scheler aponta sobre o modo de como compreende o amor, em uma perspectiva única de valor. (SCHELER, 2012, p. 16). Além disso, falta-nos

ainda a determinação essencial de que o amor é a tendência, ou, de qualquer modo o ato que procura encaminhar cada coisa na direção da perfeição do valor que lhe é peculiar. Nosso filósofo deixa claro que a concepção única do amor busca contemplar não somente o caráter do amor individual, mas tem como fim, o propósito do amor no coletivo, na comunidade. Também, se ocupa em apontar que o amor, está diretamente ligado ao querer “vontade”. (SCHELER, 2012, p. 17). Portanto, o amor é sempre despertador do conhecimento e do querer.

Ainda sobre a noção de amor que busca plenitude ou que se projeta rumo ao infinito, nos diz Scheler (2012): “[...] a gradação e a diferenciação, a força de seu amor delimita a plenitude a especificação funcional, a força de seu espírito possível e da amplitude a ele possível no contato com o universo” (p. 15). A isso se acrescente um pouco mais da compreensão de nosso filósofo: “De todas as construções possíveis de investimentos do amor, a essência é principal. É na essência que é possível de encontrar as qualidades, e modalidades de valor”. (SCHELER, 2012, p. 17).

Desta forma, Scheler considera que as coisas que chegam ao conhecimento é que determinam o mundo dos valores, mas é através do amor que é possível ver o outro tal como ele é verdadeiramente, nesta situação o outro é visto como alguém de valor exclusivo, único, tratado com valor exclusivo. O amor ama e vislumbra no amar sempre algo mais do que aquilo que ele tem nas mãos ou possui. O impulso que o desencadeia pode cansar-se – mas o amor não se fatiga. (SCHELER, 2012, p. 20). Neste ponto encontramos, em grande medida, a diferenciação entre os sentimentos de simpatia e do amor, sendo que esse tópico tem como objetivo estabelecer tal distinção entre os dois tipos de sentimento. Sendo este o tema central para a elaboração de nossa pesquisa. A centralidade desse tema nos é indicada por Costa, que afirma que:

Antes de tudo Scheler faz uma distinção muito precisa entre amor e simpatia. A simpatia é a tendência que se satisfaz e se aquieta com a posse do objeto. Já o amor é algo essencialmente dinâmico voltado para o outro enquanto portador de algo de valor exclusivo. (COSTA, 1996, p. 53).

Dessa passagem, depreendemos o que Scheler indica em sua discriminação sobre os sentimentos de amor e sentimentos de simpatia. Ele nos oferece pistas para compreender sobre como se norteia nossa pesquisa, que tem como ponto principal compreender se os sentimentos de simpatia estão na base dos indivíduos que

compõem as famílias que se colocam a disposição de realizar os acolhimentos com crianças e adolescentes.

Mas, para que tenhamos mais clareza sobre essa distinção, consideramos necessário, também, falar sobre outros sentimentos que permeiam as relações humanas e que em alguma medida aparecem na convivência e conseqüentemente aparecem nas relações de acolhimento familiar. Sendo assim, vamos falar sobre o ódio e a soberba. Tentando compreender o que Scheler nos diz sobre o amor, conseguimos compreender que essa não é uma tarefa fácil. Também, a compreensão do que nosso filósofo diz sobre o amor necessita de dedicação, e não é muito diferente na busca de compreender sobre o sentimento de ódio, o que requer uma grande dedicação. Mas para nossa pesquisa, pretendemos apenas pontuar com algumas pinceladas o entendimento que nosso filósofo traz tanto sobre o sentimento de ódio e a soberba. Sobre o ódio, no diz Scheler (2012):

Mas sempre é verdade que o ato de odiar, contrário ao amor, ou a negação do valor emocional e, portanto, da existência, é apenas consequência de um amor injusto, ou transtornado [...]. Consiste ela em que todo ato de ódio assenta-se num ato de amor, sem o qual ele careceria de sentido. (p. 30).

Temos aqui que todo ato de ódio ou atitudes de desvalor consistem em um ato de amor, sem o qual ele careceria de sentido, dessa forma, tentando interpretar o que nosso filósofo teoriza, que o ato de ódio expressa na verdade que é portador de um tipo de valor. Ademais:

[...] a negação da origem similar de ambos, o ato emocional foi com frequência ainda, falsamente fundamentado. Por exemplo não se pode dizer que toda a coisa que odiamos deve ter sido previamente amada e que, portanto, o ódio seja sempre um amor virado ao contrário. (SCHELER, 2012, p. 30).

Segundo o que Scheler indica, o ódio radica sempre numa desilusão da ocorrência ou não ocorrência de um valor. Devido a essa ocorrência, o motivo deste ódio, pode ser a existência de um não valor, como a falta ou a privação de um valor positivo. Sendo assim, é a partir deste entendimento que em alguma medida tentamos entender a ocorrência, ou, a existência do ódio aqui apontado como algo de valor negativo. Por fim, acerca disso, Scheler (2012) ainda indicará que nosso coração foi feito primariamente para amar e não para odiar.

Estando concluído este capítulo propedêutico que nos apresentou um Max Scheler operador e transformador do método fenomenológico, conceitos fundamentais referentes a fenomenologia – por exemplo a consciência, intencionalidade, atos e fenômenos – e como a filosofia fenomenológica de Scheler já é usada para fins de uma axiologia. Então, associada a esta axiologia fenomenológica, observamos os valores como fenômenos, sua hierarquia apriorística e, por fim, o papel que os sentimentos têm na captação desses. Feito isso, podemos propriamente tramitar ao próximo capítulo de nossa dissertação, que se ocupa de tratar da fenomenologia da simpatia.

2 A FENOMENOLOGIA DA “SIMPATIA” EM SCHELER

O que se anuncia é a tematização do sentimento da simpatia no âmbito da gramática dos sentimentos descrita por Max Scheler. Em nosso plano de trabalho, projeta-se uma consideração atenta à etimologia da palavra simpatia, compreendendo que esta pode jogar luz sobre seu sentido mais primordial. Após, buscaremos tratar do fenômeno da simpatia tal como pensada em Scheler, distinguindo-a de outros fenômenos simpatéticos como a *empatia*. O próximo passo, nesse sentido, seria o de indicar como os fenômenos simpatéticos têm vez nas relações intersubjetivas. Por fim, programa-se uma consideração ensaística a respeito de como a simpatia estaria atuante no círculo de grupos sociais primários, como é o caso da família. Tendo indicado nosso itinerário, podemos passar a conceitualização do fenômeno que temos em foco.

2.1 Conceitualizando a simpatia

Nossa pesquisa tem, entre seus objetivos, examinar o fenômeno da *simpatia*; especificamente no estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e crianças/adolescentes acolhidos. Para tal exame, utilizaremos, a fenomenologia de Max Scheler. Antes, no entanto, de adentrarmos ao detalhamento dos conceitos estabelecidos por nosso filósofo, avaliamos ser pertinente trazer algumas definições que encontramos sobre o que vem a ser a *simpatia*. Assim, traremos, de início, o que alguns comentadores nos indicam sobre tal definição do que é *simpatia*. Recorrendo a um dicionário de filosofia, Carneiro & Pequeno indicam que:

[...] o verbete simpatia, independentemente de sua etimologia, evoca *mutatis mutandis* a concepção de uma ação recíproca entre coisas, ou pessoas, ou, a capacidade de influência mútua (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 227).

Ainda, seguindo em um tipo de compilado sobre as definições de simpatia, temos em Costa (1996), *a simpatia como tendência que se satisfaz e se aquieta com a posse do objeto*. Meister (1994), por sua vez, acena que o amor não se confunde com a *simpatia*, com a compaixão ou com a piedade, *pois a simpatia tem uma função afetiva, é a comunidade ou identidade de pessoas sem que cada pessoa perca sua originalidade*. Outra indicação de Carneiro & Pequeno (2021), temos a alusão a simpatia como se esta fosse a *estrutura sentimental pela qual temos acesso ao mundo do outro, é o salto de ser da pessoa para alteridade*.

Um complemento a isso é dito ainda nos seguintes termos:

Para Scheler, a simpatia, para além de um sentimento, é uma função cognitiva voltada para a compreensão do sentir o mesmo que o outro. [...] a simpatia, diferente do amor, é um modo de comportamento social. [...] a simpatia, nos permite identificar os sentimentos e os valores presentes na experiência do outro como se fossem nossos [...]. A simpatia é a estrutura emocional pela qual temos acesso ao mundo do outro, é o salto de ser pessoa para a alteridade pois leva o sujeito a cuidar a sentir algo a partir da experiência do outro. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 225).

Este rol, no entanto, não estaria completo sem que a definição do próprio Scheler estivesse presente, em uma indicação tangencial:

Começo a análise, não como uma análise de amor e de ódio, mas como o estudo daqueles processos que chamam felicitações e compaixão, ou o que é o mesmo, aqueles processos em que as experiências de outros seres parecem tornar-se imediatamente “compreensíveis para nós. [...] todo simpatizar implica a intenção de sentir dor e alegria pela vivência do próximo. (SCHELER, 1957, p. 21, 30).

Dessa forma, como se pode identificar, embora haja diferenças sutis nestes entendimentos, as definições colocam a *simpatia* como o sentimento “conector”, este é o que estabelece “uma liga” aos fios que tecem as tramas das vinculações humanas.

Vejamos algumas definições sobre a função da *simpatia*. Ainda segundo os comentadores Carneiro & Pequeno (2021), a simpatia “[...] tem como finalidade orientar os caminhos para a prática de amor e da alteridade”. (p, 226). Portanto, a *simpatia* não é uma emoção, mas consiste numa função perceptiva do sentir.

Até esse momento, cumprimos o propósito de oferecer, mesmo que de forma pontual, uma definição do que vem a ser a chamada *Simpatia*. Mas o nosso objetivo é compreender daqui em diante, como este sentimento, e este fenômeno assumiu papel fundamental na filosofia de Max Scheler e essencialmente, tentar compreender se os sentimentos de *simpatia*, puderam oferecer respostas a pergunta principal de nossa pesquisa.

Para iniciar, partiremos do interesse de nosso filósofo, sobre o tema da *simpatia*. Em *Essência e Formas de Simpatia* (1923) o tema é apresentado relacionado à fenomenologia da vida sentimental. Na obra, o filósofo propõe-se a questionar a *simpatia*, primeiramente estabelecendo a discriminação dos múltiplos sentidos da simpatia. A discriminação inicia-se pela retomada, quanto ao uso comum, da palavra simpatia, visto que se trata de uma palavra com diferentes sentidos. Para nossa pesquisa, é imprescindível compreender a aproximação original (quanto ao sentido da palavra) proposta por nosso filósofo. Desta forma, em uso comum, caracterizamos a palavra simpatia,² como uma expressão de afeto. Contudo, o que nos importa é compreender qual o sentido que a palavra tinha para Scheler.³

Em face a este objetivo, vejamos o nos diz, Kahlmeyer-Mertens (2021, p.10):

[...] “symphatheia”, na língua grega “sympchia”, na meditação pelo latim; ambos os vocábulos compostos pelo prefixo sym (que, nos dois casos, significa “com” e pelos radicais correspondentes ao grego pathos (que diz: “afecção e mesmo “sentimento”), donde vêm as indicações do “sentir-com”, literalmente “co-afetar-se” [...]. Tal significação é a mesma observada em Sympathie, termo alemão culto com origem latina, e em Mitgefühl, sinônimo de raiz germânica, ambos usados por Max Scheler. Quem se recorda das nossas lições anteriores na certa identificará, na composição desta palavra alemã, o Gefühl (sentimento), presente quando em pauta esteve a tomada dos valores: do mesmo modo, quem aqui atentou para o mit- (“com”) no Mitgefühl, também veria “com-” em palavras designativas de significados próximos ao do fenômeno da simpatia visado por Scheler, a saber: “compaixão” ou “compadecimento” (Mitleid) e “congratulação” Mitfreud).

² “Simpatia” é popularmente usado com o sentido de “atração instintiva que uma pessoa sente por outra, antes mesmo de tê-la bem conhecido”, ou ainda “afeição fundada sobre uma semelhança, sobre uma afinidade de inclinações, de emoções ou de ideias”. O vocábulo é também vulgarmente usado para indicar “benzimento para curar enfermidade”.

³ Embora tenhamos clareza que com essa indicação, não temos a pretensão de um aprofundamento. Apenas consideramos, dada observação em uso comum da linguagem, e que não tem pretensão de abarcar um viés de etimologia das palavras pode se observar, que simpatia no português é conhecido como um tipo de ritual que tem como objetivo de interferir nas “decisões “ sendo capaz, de interferir no rumo de vida de um indivíduo. Este tipo de expressão, é parte de uma expressão típica da cultura popular brasileira.

O breve percurso é necessário para compreender o objetivo de Scheler ao se propor a fazer as discriminações de uso comum da palavra. Não se pode negar que, a palavra em uso comum, aponta, para os “fenômenos simpatéticos”, porém, ainda não nos diz sobre a essência da *simpatia*. Na busca pela *essência da simpatia*, Scheler, fará a distinção entre quatro fenômenos: Como nos diz, Kahlmeyer-Mertens (2021,p, 11): “[...] O imediato sentir-com ‘em algo’: congratulação ‘por’ sua alegria e compaixão ‘com’ seu padecer. O mero contágio sentimental. A genuína empatia”. Na sequência, pretendemos adentrar nos conceitos elaborados por Max Scheler a partir na obra *Essências e Formas de Simpatia* de forma detalhada. Este detalhamento, tem a pretensão de compreender a partir dos conceitos elaborados pelo próprio Scheler, visto que, no primeiro capítulo, nos concentramos nas aproximações, nos laços com a filosofia, bem como, nas conexões com a fenomenologia. Seguindo com a obra *Essência e Formas de Simpatia*, Scheler aponta que o termo simpatia, estava sendo conjugado com vários dos sentimentos altruístas, e em alguma medida, era confundido com o sentimento de amor. Parte essencial a Scheler, que faz um detalhamento quanto as diferenças entre os sentimentos de simpatia e de amor. Com o detalhamento Scheler identifica as principais formas de simpatia, fazendo uma “divisão” didática quanto a cada uma. Entre essas encontramos: a) O sentir algo com o outro; b) Simpatizar com algo (congratulação e compaixão); c) O contágio afetivo; d) A genuína unificação afetiva ou a verdadeira empatia. E com base nos quatro fenômenos apontados, propomo-nos ao detalhamento deles. Ainda com Kahlmeyer-Mertens (2021, p.11), iniciando com: sentir-algo-como-com outro está relacionado no caso em que duas pessoas sentem dor ou prazer, está relacionado ao compadecimento de um “amigo” que tem dor. Este é o mote para o nosso próximo tópico.

2.2 O sentir com o outro

A situação descrita como fenômeno simpatético do sentir -algo- com o outro, foi descrita por Scheler com uso de exemplo: neste caso foi utilizado o exemplo de um casal que após a perda de um filho, está unido em uma vivência de dor pela perda de modo semelhante. Embora cada uma das partes vivencie a experiência da perda em intensidade e profundidade diferente, mas pode ser descrito como sentir em

companhia. Há aqui um mesmo movimento emocional do complexo de valor. Para tanto, não é possível sentir algo com o outro no sentimento sensível (dor física) Para Carneiro & Pequeno (2021), há no sentir em companhia do outro uma afetação moral. Não bastando, esse sentimento moral, os sentimentos sensíveis podem desencadear sentimentos de compaixão e congratulação.

Primeiro sentimos com o outro, depois simpatizamos com -. Vejamos o que nos diz Scheler (1957):

Da simpatia em si, devemos primeiro distinguir todo comportamento que serve apenas para apreender, compreender e eventualmente viver as mesmas experiências (sentir o mesmo) que o outro, incluindo estados afetivos. Estes atos têm sido frequentemente equiparados, mas sem qualquer razão, a simpatia. (p. 24).

Na citação acima, apresenta-se a indicação, de uma das pretensões de Scheler com a obra *Essência e Formas de Simpatia*, que era fazer a distinção de cada uma das expressões do sentimento de simpatia. Inicialmente, nosso filósofo faz o detalhamento entre o sentir com o outro; do simpatizar (compaixão e congratulação e congratulação) e por fim, a genuína empatia.

Ainda, Scheler pretendia desambiguar a palavra simpatia, visto que a palavra era colocada junto a sentimentos de altruísmo (como amor). Desta forma, Scheler pretendia fazer a distinção, (Scheler, 1923, p, 25). Temos que distinguir rigorosamente, pois, “sentir o mesmo que o outro” e “viver o mesmo que o outro” da simpatia; ainda com (SCHELER, 1923, p, 26), de fato que existem vivências que nos é dado nos fenômenos de expressam – uma vez mais não por meio de um raciocínio se não o imediato no sentido de uma percepção. Percebemos a vergonha, o rubor, o rir de alegria.

Ainda sobre a percepção do outro que nos indica o sentir com o outro.

Podemos também perceber internamente o outro aprendendo seu corpo, como campo de expressão para nossas experiências. Nos fenômenos visuais de mãos cruzadas dá-se, por exemplo, a “oração” exatamente como a coisa corpórea- que também nos é “dada”. (SCHELER, 1957, p. 26).

Mas, de fato este é o primeiro fenômeno simpatético em que somos afetados. E embora já tenhamos feito algumas indicações sobre este fato da reatividade esclarecemos que a simpatia sempre aparece em reação a um sentimento sensível. Agora analisaremos o segundo fenômeno simpatético.

2.3 O Sentir algo – compaixão e ou, congratulação.

Nas definições encontradas sobre o autor, encontramos menções inclusive quanto a linguagem que acompanha a palavra. Mas entre as diversas definições, há uma constatação, de que a simpatia, enquanto sentimento, é o fundamento da intersubjetividade para Scheler. Desta forma, a partir deste sentimento de simpatia, somos capazes de identificar do outro, sem que este outro, ofereça alguma forma de ameaça, e possa ser capaz de abrir para uma relação de troca.

Sendo assim, vejamos o que os recorridos comentadores trazem sobre as indicações de Scheler sobre o simpatizar -algo, e seus dois fenômenos, a congratulação e compaixão:

Toda simpatia propriamente dita, indica a intenção de sentir a dor ou alegria pela vivência do próximo. O foco da simpatia é o sentir do outro em sua própria vivência. Eis o primeiro elemento da simpatia o reconhecimento do outro em sua própria diferença. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 228).

Desta forma, Scheler estabelece sua posição contrária quanto à definição que Husserl estabeleceu sobre a questão da intersubjetividade baseada no raciocínio por analogia, este raciocínio indicava sobre a impossibilidade de captar o outro, visto que, quando sou capaz de captar o outro este já se tornou objeto. De acordo com Costa (1996), toda vez que eu (sujeito) tento apreender a realidade do outro eu, o que de fato se apreende não é mais o eu enquanto sujeito, mas o eu tornado objeto. E assim, Scheler estabelece a insuficiência no raciocínio por analogia. *Mas o que isso tem a ver com sentimentos de simpatia?* A resposta, está na maneira que os sentimentos de simpatia estabelecem a captação do outro através da intuição. E é desta forma, que a simpatia assume para Scheler o papel de instrumento da intersubjetividade da pessoa.

Mas, qual a diferença entre simpatizar -algo, por compaixão, ou congratulação? O simpatizar algo por compaixão, talvez seja um fenômeno um pouco mais conhecido, dada a definição e o uso comum da linguagem que descreve este fenômeno.

Em uso corrente da linguagem já tivemos contato com palavras que indicam este tipo de “sentir” (compaixão). Temos clareza que nosso intuito, não é um aprofundamento com vista a etimologia das palavras, aqui, no intuito é indicar algumas

palavras de uso corrente em nossa linguagem que indicam uma linguagem coloquial, corriqueira, formas de expressão na língua portuguesa.

Aqui algumas indicações de palavras: “Que dó dele”, “tenho pena dela”, “sinto misericórdia”, “coitado dele”. Essas palavras de senso comum, indicam em nossa cultura o sentir por compaixão. A compaixão indica um sentir, um compadecer com a vivência de dor do outro. Vejamos o que nos dizem nossos comentadores sobre a indicação de Scheler quanto ao uso da linguagem.

Scheler ressalta que a profundidade da compaixão já se manifesta na própria linguagem a qual também revela a diversidade de seus modos de expressão, distinguido entre “ter pena de” “lamentar” , “importar-se”, “ ter misericórdia”. Ele acrescenta ainda outros exemplos linguísticos que revelam a gradação da força da compaixão tais como: “ Eu me importei por aquilo” “ele foi tomado por compaixão” “aquela dor me partiu o coração”. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p 230).

A compaixão, ainda segundo os autores, apresenta-se em gradações, que podem ser identificadas de formas mais sutis até formas mais intensas, como ter misericórdia. A compaixão, aparece como fenômeno de simpatizar-com basicamente quando o outro indivíduo vive um processo de dor, ou, sofrimento intenso. Seja pela dor física do outro, ou, seja pelo sentimento que outro está vivenciando de algum tipo de perda. Nas palavras de nosso filósofo, (SCHELER, 1957), ao viver o mesmo que o outro podemos permanecer totalmente “indiferentes” frente ao objeto deste viver. Scheler indica não se sensibilizar pelo “objeto” que causou a dor no outro, mas o que o mobiliza ou, em que simpatiza com a “causa” da dor pela compaixão, é a vivência da dor do outro, por sermos capazes de sentir essa dor. Isso quer dizer que só pode sentir a dor do outro, quem em algum momento, já tenha vivido uma vivência de dor. Em uma outra citação, nos diz o filósofo:

Faz todo sentido dizer: sinto o mesmo que você. Os artistas dramáticos precisam ter em alto grau o dom de “viver igual ao outro”. Mas eles não precisam ter ao menos simpatia pelos objetos e personagem. (SCHELER, 1957, p. 25).

Scheler tinha uma expertise de compreender as nuances dos sentimentos. Dessa forma, compreendemos ser importante indicar uma citação sobre sentimentos de crueldade. Torna-se importante também, detalharmos sobre esses sentimentos de crueldade, visto que, nos interessa o detalhamento, pois estamos buscando compreender como ocorrem as relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. E o

sentimento de crueldade não está entre os sentimentos desejados para estabelecer relações. É importante se fazer notar que a compaixão como alerta André Comte-Sponville (apud CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 173) é o inverso da crueldade que seria alegrar-se com o sofrimento alheio e do egoísmo que não se aquieta e preocupa com tal sofrimento.

Na próxima citação sobre crueldade, é nosso filósofo que diz que:

Também é encontrado onde a justiça está acima dela. [...] o oposto do ato de simpatizar (no mesmo sentido). É o que acontece por exemplo, no caso específico com o prazer na crueldade ou, na rudeza. Ao cruel é realmente dado, em função do sentir o mesmo que o outro [...] Ele experimenta precisamente a alegria de atormentar e o tormento de sua vítima. Sentindo no ato de sentir o mesmo que o outro amor ou a tristeza da vítima crescendo, aumenta seu prazer original e prazeres pelos atos dos outros. A crueldade não consiste, então, de forma alguma, como se poderia pensar, em a pessoa cruel ser meramente “insensível” a dor dos outros. Esta falta de “sentimentos é portanto”, no ser humano uma falta total. (SCHELER, 1957, p. 31).

Como dito no início do parágrafo anterior, consideramos importante apontar que algumas relações podem ser “erguidas” sobre estes tipos de sentimentos de crueldade e egoísmo. Sendo que este tipo de relação não é desejado para um grupo familiar que pretende ser família acolhedora. O tipo de relação que identificamos ser o mais adequado, traz em sua forma de relacionar-se a capacidade de compadecer-se com a dor do outro (o sentir com outro, ou simpatia – compaixão e congratulação. – Sendo esses os sentimentos, é o que é mais adequado quando se trata de relações de cuidado.

Ainda seguindo com a indicação de Carneiro & Pequeno (2021, p. 231), sobre o fenômeno simpatético da compaixão, temos: “[...] a compaixão possui má reputação e é geralmente rejeitada pelas pessoas pois quando elas não gostam de senti-lo, não querem ser objeto dela.” Soma-se a esta, a indicação de Costa (1996) segundo a qual, para Scheler, é o ressentimento que explica o fato de algumas teorias identificarem o amor com a compaixão o que significa considerar o que sofre como dotado de valor superior.

Finalizando esse movimento, temos a indicar o que outro autor nos traz sobre o que vem a ser o fenômeno simpatético da compaixão. Carneiro & Pequeno (2021) compreendem a compaixão como um amor triste provocado pelo padecer do outro, é capaz de mostrar a situação inferior em que o outro se encontra no mundo, portanto teria ela um valor ético maior que a congratulação.

Agora com uma citação do texto de Scheler:

A tristeza como complexo de valores e a tristeza como qualidade funcional são neste caso, a mesma coisa. Vemos imediatamente que desta forma apenas a dor moral por ser sentida; não por exemplo a dor física. Todos os tipos sensíveis. Os sentimentos sensíveis (sensações afetivas de Carl Stumpf). São incapazes desta forma suprema de simpatia. (SCHELER, 1957, p, 30).

Desde o início de nossa pesquisa indicamos a dedicação de nosso filósofo para fazer a distinção entre os fundamentos dos sentimentos de *simpatia*. Para tal distinção, Scheler elaborou uma obra completa que trata especificamente de todos os sentimentos de *simpatia*. Ainda seguindo com a indicação de Carneiro & Pequeno (2021): “[...] a compaixão, atrelada a dor e ao sofrimento, vincula-se aos sentimentos sensíveis e neles também encontramos maior quantidade de formas e expressão, enquanto a congratulação está relacionada aos sentimentos vitais e aos sentimentos espirituais” (p. 233). Compreendemos ser necessário que haja um detalhamento, quanto as diferenças entre estes tipos de sentimentos sensíveis e os demais tipos de sentimentos. Desta forma, consideramos importante apontar que para Scheler, foi necessário fazer um tipo de classificação dos sentimentos.

Em sua época, usar os sentimentos para formulação de uma base teórica, soava como inovador. Mas não tão bem visto pela tradição filosófica que considerava as emoções como algo que fica relegado ao segundo plano. Scheler, estabelece assim, a partir das discriminações dos sentimentos, uma inovação ao formular a ética a partir de uma hierarquia de valores. Utiliza-se da forma em que os valores são capturados por meio de sentimentos para estruturar os valores. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021). Conforme indica Scheler em sua ética, é descrita a partir da perspectiva da pessoa que vivencia os múltiplos aspectos da vida afetiva.

A busca de Scheler para compreender as emoções tinha como objetivo, a elaboração de uma ética, está que foi estabelecida com base em uma hierarquia, na qual, inicia com os valores baixos, agradável e desagradável (útil e luxo). Ascendendo no nível hierárquico estão os valores vitais (nobre e vulgar). Seguido pelos valores espirituais (estético, justiça, conhecimento da verdade). E por último e os que estão na superioridade de hierarquia, os valores do sagrado (valores religiosos e metafísicos). Os valores indicam um modo de ser da pessoa no mundo.

E como pode-se constatar pela descrição acima, os valores nobres estão em uma hierarquia superior, na qual valores de prazer estão em níveis baixos. Deste

modo, Scheler usa a hierarquia para indicar como as pessoas estão no mundo. Este breve resumo serve para que possamos compreender a tessitura da vida afetiva indicada por Scheler partindo de sentimentos mais simples até a sentimentos complexos. Iniciamos com os sentimentos sensíveis, seguindo com os sentimentos vitais e corporais, na sequência os sentimentos puramente anímicos e por último os sentimentos espirituais.

De forma pontual, a seguir falaremos dos sentimentos sensíveis.

Os sentimentos sensíveis são marcados pela regionalização no corpo [...] São sempre emotivos. [...] sentimentos sensíveis são sempre atuais com isto não podem ser perpetuados. Sua estrutura possibilita apenas a constituição de estímulos quando por ocasião do contágio sentimental [...]. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 220).

Desta forma, a indicação aponta para a reatividade dos estímulos fornecidos em grande medida pelo meio ambiente circundante.

O próximo sentimento que pretendemos detalhar é dos sentimentos vitais e corporais. Estes sentimentos, fornecem um tipo de função, e são concebidos como estados. Pode-se indicar nestes os estados de bem-estar e mal-estar, sentimentos de saúde e enfermidade, também a fadiga e o alívio físico. Vejamos o nos dizem Carneiro & Pequeno (2021, p. 221):

O aspecto central dos sentimentos vitais consiste em permitir que a pessoa tenha a experiência de sentir a vida em seu próprio ser [...]. Os sentimentos vitais adquirem, portanto, caráter funcional e intencional, podendo indicar significação[...].

Consideramos importante sinalizar sobre esta classe de sentimentos de forma detalhada, visto que os sentimentos de simpatia se encontram neste nível hierárquico. Na classificação destes o sentimento de *simpatia*, encontra-se no nível dos sentimentos vitais⁴, ou, seja este é o ponto importante para situar devido à importância para nossa pesquisa.

⁴ Em essência e formas de simpatia, Scheler propõe uma visão de ser humano que evolui segundo três níveis: no mais baixo estão os indivíduos que se dedicam aos valores vinculados aos sentimentos de prazer e dor. No nível intermediário, estão aqueles que preferem os valores afetivos, vinculados as emoções os quais chamamos de valores vitais e que compõem a ordem da psique. No nível mais elevado, estão os indivíduos que são espirituais; nestes encontramos os valores de justiça, conhecimento e verdade e os sentimentos de amor e ódio. No último nível e mais elevado encontram-se os indivíduos que se dedicam aos valores do sagrado nestes estão os valores de pessoa, encontram-se o amor espiritual, sentimentos de felicidade e desesperança.

Há ainda outros sentimentos nesta classificação. Os próximos a serem analisados são os sentimentos anímicos. Estes sentimentos têm relação com atos psíquicos.

Os sentimentos anímicos se referem imediatamente ao eu, decorrendo dos objetos do mundo exterior percebidos representados ou imaginados relacionados a pessoa podendo configurar como algo mais próximo do Ego. [...]. Scheler ressalta que a experiência do eu é vivenciada de modo unitário em cada ato psíquico oriundo da percepção externa e interna. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 222).

E por último, ainda de acordo com os mesmos autores, sobre a indicação de Scheler em sua classificação de sentimentos os sentimentos de espírito.

Seguindo com os autores acima [...] não estão condicionados por nenhum ao do querer, nem por nenhuma ação ou modo de vida, nome são relativos a estados de valor extra pessoais [...]. Os sentimentos espirituais têm seu alicerce radicado no ser e no valor próprio da pessoa. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 222).

Embora tenhamos a compreensão de que esse é um breve resumo da classificação de sentimentos, consideramos importante trazer, visto que para nossa pesquisa, a classificação indica na hierarquia dos valores de Scheler, onde encontram-se os sentimentos de simpatia. Como se pode identificar, há sentimentos que se mostram mais marcados nos fenômenos de simpatia. Sendo que o próximo fenômeno a ser analisado encontra sua maior expressão a partir dos sentimentos sensíveis. Estes e a maneira com que eles se dissipam por contágio, é o que veremos a seguir.

2.4 O contágio sentimental

Entre todos os fenômenos até aqui analisados, possivelmente esse é o que impacta diretamente no coletivo, nas massas. E, desta forma, é um fenômeno de relativamente fácil identificação. Sem dúvidas, este fenômeno simpatético, é objeto de investimento das empresas de marketing, com todas as formas de propaganda. Em outra forma de uso, para desencadear esse tipo de contágio em nossa época, está o uso do contágio com propaganda com fins políticos. Também podemos identificar ações deste fenômeno na atuação de líderes políticos e de líderes que prometem mudanças drásticas de comportamento em pouco tempo conhecidos como “coaches”. Nestes tipos de contágio podemos identificar o objetivo da mobilização das massas.

Outras formas de identificar o contágio afetivo se dá no exemplo das “torcidas de futebol”. Em outro, o fenômeno que acontece com os fãs de artistas, como o contágio que ocorreria quando o grupo de rock Beatles faziam os shows, e que poderia ser visto o “descontrole histérico” das fãs diante de seus ídolos. Vejamos as principais nas palavras de nosso autor.

Enquanto no primeiro caso a função de viver e sentir o mesmo que o outro está entrelaçado com a própria simpatia de tal forma que a distinção de ambas as funções não é todo experimentado, no segundo caso elas são claramente diferentes, mesmo como experiências. Simpatizar (propriamente falando) a participação afetiva apresenta-se como reação ao fato, dado no sentir igual ao outro [...]. (SCHELER, 1957, p.131).

Vale ressaltar que, no atual período da história, há o uso das ferramentas tecnológicas favorecendo tal fenômeno. Mas, vejamos o que dizem alguns autores sobre o fenômeno do contágio afetivo, sobre o que Scheler sinaliza o caráter involuntário do fenômeno, comparado com um algo que se assemelha a um “arrastão”. Destarte, estamos diante de um tipo de “[...] um tipo de transe, o contágio sentimental é muito mais superficial do que a simpatia [...]. Esse tipo de contágio, faz com que sejamos [...] arrastados por essas expressões sem que haja realmente um conhecimento do sentimento do próximo. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 233) O contágio afetivo é próprio das situações em que as massas são arrebatadas de forma espontânea não intencional. E no fenômeno de massas que o contágio afetivo demonstra sua maior força e insanidade manifestando-se como avalanche de sensações vivenciadas pelos indivíduos. Ainda sobre o fenômeno (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 233), em todos os casos de excitação de massas inclusive na formação da chamada opinião pública, e singularmente esta reciprocidade de contágio que acumulasse o que conduz ao transbordamento do movimento coletivo emocional e o fato peculiar que a massa em ação seja arrastada tão facilmente além das intenções de todos os indivíduos e faça coisas que “quer” e de que nada responde. (SCHELER, 1957, p. 28). Também parece claro que essa teoria de que poderíamos nos tornar concebíveis é exatamente o oposto da concepção genuína da compaixão, este contrário é o contágio pelas emoções dos outros, como se encontra por exemplo na forma mais elementar, nas ações dos rebanhos e das massas.

Como se pode identificar a partir das citações dos autores acima, o contágio afetivo é largamente utilizado. Fato é que nem sempre esses movimentos de massa,

tem propósitos virtuosos, em grande medida podemos identificar, que as propagandas, que se utilizam destes movimentos de massa, mobilizam milhões em dinheiro e que por trás destas ações, estão empresas e indivíduos com interesses unicamente financeiros, e/ou, de poder.

Também, identificamos entre esses indicados que se utilizam das massas, líderes religiosos, ou, de seitas que tem como fins benefícios próprios e financeiros. Assim:

O Contágio processo ocorre involuntariamente. O peculiar a este processo é sobretudo a tendência de regressar ao ponto de partida de tal forma que os sentimentos correspondentes crescem numa avalanche[...]. O sentimento decorrente do contágio é por sua vez, contágio através de expressão de imitação de modo que o sentimento contagioso também cresce e, por sua vez, contagia. Em todos os casos de excitação de massa, mesmo na formação da chamada opinião pública, é singularmente esta reciprocidade de contágio que se acumula, o que leva a transbordar do movimento emocional [...].
(SCHELER, 1957, p. 31).

Mas nem tudo é negativo, nesse fenômeno há o exemplo dos autores acima citados; é quando uma pessoa, procura um ambiente festivo, com o objetivo de contagiar-se com o ambiente. Em contrapartida, há como um velório em que pode ocorrer o contágio afetivo; dessa vez o ambiente favorecerá sentimentos de tristeza e alegria. Nas palavras de Scheler (1957)

E o mesmo acontece quando o riso é, é contagiante[...]. [...] o mesmo ocorre quando uma série de pessoas são contagiadas pelo tom de lamentação de um dos presentes, como acontece entre mulheres idosas quando uma relata seus problemas todas derramam lágrimas [...] É claro que isso não tem a menos relação com a compaixão. Também não há uma intenção afetiva voltada para alegria ou a dor dos outros, nem qualquer participação em suas experiências. Pelo contrário, é característico de contágio ocorrer pura e simplesmente entre estados afetivos [...]. (p, 32).

Como pode-se perceber, este fenômeno, superficial, contudo, pode incorrer indivíduos para situações de massa que levam as expressões que podemos identificar. Embora, a pessoa objeto deste contágio seja capaz de identificar que foi sucumbida por tal fenômeno. Mas nem sempre a superficialidade distingue os fenômenos simpatéticos; há um outro fenômeno, o quarto a ser estudado.

2.5 O próximo fenômeno simpatético, a ser analisado é o da *Empatia*

Nossa tematização sobre a empatia começa com a seguinte provocação de um dos principais intérpretes de Scheler no Brasil:

De acordo com Scheler: “A genuína empatia é a unificação afetiva (ou identificação) do próprio eu individual alheio. Temos aqui verdadeiramente uma unificação sentimental de um eu próprio com outro. Ainda, Scheler reserva papel específico para unificação sentimental em sua obra. Ela participa da constituição do humano. Atuando entre a consciência corporal e o núcleo espiritual da pessoa, ela é terreno intermediário designando consciência vital e que corresponderia à região psíquica da pulsão de vida e morte, das paixões das emoções e tendências. [...] Diferente dos casos anteriormente apresentados, atua na simpatia, a intencionalidade está dirigida à alegria ou à dor do próximo; assim, há que se indicar a simpatia como ato de consciência e como seu correlato objetivo. Desse modo: Todo simpatizar contém a intenção do sentir dor ou alegria vivência do outro. O simpatizar com ‘sentir’ [...] está dirigido a ela. (KAHLMAYER-MERTENS, 2021, p. 35).

Conhecedores da importância do tema da simpatia para Scheler, contextualizamos sobre a origem do interesse do filósofo quanto ao tema e qual a relevância para a elaboração do projeto filosófico dele. O interesse teve início quando Scheler fazia sua busca de bases de sustentação para elaboração de sua Ética. Essa ideia introdutória se corrobora com a seguinte consideração de Melo (2007, p, 43):

O problema que incomodava Scheler era a fundamentação da ética sobre as relações de compaixão e de vários sentimentos altruístas englobados no nome de simpatia. Assim, o termo simpatia fora considerado um sinônimo para todos os sentimentos altruístas nos quais se buscava fundamentar a ética[...]

A partir da compreensão, quanto ao interesse do nosso filósofo pelo tema da simpatia à importância que esse entendimento teve na elaboração de seu projeto filosófico e, também, o que este entendimento favoreceu a Scheler, passamos a analisar o último fenômeno: a empatia.

2.6 A unificação afetiva ou a genuína empatia

Essa forma de simpatia, é considerada por Scheler, como a mais profunda. Traz consigo, a característica de ser um tipo de identificação entre dois ‘eu’. A empatia, tal como pensa Scheler, evidencia uma forma de contágio ativa e vinculada à essência e a existência de um eu alheio. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 235). Neste caso, para Kahlmeyer-Mertens (2021, p. 147): [...] a empatia, apresenta-se como um tipo de

“fusão mútua”, em que o eu próprio se funde com o eu alheio. Portanto, denomina-se empatia, quando a distância entre dois ‘eus’ desaparece. Ainda de acordo com Carneiro & Pequeno (2021, p. 235): “Toda e qualquer unificação afetiva genuína possui como características o fato de ser automática, involuntária [...]”. Agora vejamos o que Scheler, nos indica sobre a unificação afetiva. (SCHELER, 1957, p. 28). “Tanto na ordem de base atemporal das funções quanto na ordem genética do desenvolvimento parece-me que a unificação afetiva funda o sentir igual ao outro [...].”

Dessa forma, Scheler, em suas buscas de fazer a distinção entre os tipos de fenômenos simpatéticos, faz uma nova divisão e estabelece que há empatia de dois tipos: a heteropática, e a idiopática.

Para Scheler a classificação de tal fenômeno é possível identificar duas modalidades. Assim, ela é do tipo “idiopático” quando o eu alheio é absorvido pelo meu próprio eu e “heteropática”, quando o eu se mostra preenchido pelo eu de outrem. (KAHLMAYER-MERTENS, 2021, p.148).

Contudo, a nossa pesquisa vem pontuando que Scheler, investiu na compreensão de fenômenos simpatéticos, visando clarear os sentimentos de altruísmos, e ficavam obscurecidos em sua época. Sendo que eram esses sentimentos de altruísmo que indicavam sobre as formas de amor. Também, era a partir destes sentimentos, que havia uma base para a lógica, e conseqüentemente para a ética. Sendo assim, podemos questionar se sentimentos de simpatia, de acordo com Scheler, ocorre em apenas em casos específicos, e se há possibilidade de os sentimentos de simpatia oferecerem um valor positivo e, assim, ser base para uma ética. Carneiro & Pequeno (2021) avaliam que o fenômeno simpático, portanto não é capaz de construir o todo da experiência axiológica, ainda que possa evidenciar a direção do valor para a vivência.

Neste tópico, porém, detalhamos o que vêm a ser os sentimentos de simpatia, e apontamos casos em que é possível a identificação deste fenômeno, e nesta etapa da pesquisa, não pretendemos fazer o detalhamento sobre a questão dos valores em Scheler. No Capítulo I de nossa pesquisa há um tópico específico que trata da questão dos valores em Scheler, aqui apontaremos a questão dos valores de forma breve.

Sobre o sistema ético de valores de Scheler, a seguir apontaremos qual o propósito e a motivação de Scheler de colocar os sentimentos no centro de sua

filosofia, opondo-se aos sistemas éticos vigentes (de sua época), os quais estabeleciam a racionalidade como fundamento para a Ética.

Na ética de Scheler, os valores são captados no espaço fenomenal, dessa forma, sua ética é baseada nos valores que são vivenciados a partir dos sentimentos. A simpatia, por sua vez, está situada hierarquicamente no espaço da consciência vital e os fenômenos de simpatia, ou fenômenos simpatéticos, decorrem de atos intencionais, um ato de consciência, são manifestados por meio dos valores, carregados por atos intencionais. A simpatia é um tipo de sentimento, e é capaz de intuir valores.

Os conceitos, até aqui articulados, ao longo deste Capítulo II se propõem a servirem como base teórica para a elaboração de nossa pesquisa, delimitada a partir fenomenologia de Scheler. Assim, selecionamos um método para a análise dos fenômenos de simpatia, e nos propomos a analisar situações que sentimentos de simpatia aparecem no estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e crianças/adolescentes acolhidos.

Desde o início da elaboração de nossa pesquisa, havia uma hipótese, na qual, a simpatia se configura como “fio invisível”, uma “liga” que ocorre em indivíduos, ou, grupos de família que se propunham ou estejam dispostos a oferecer cuidado e proteção a crianças e adolescentes que necessitem de acolhimento. Sendo que nesta hipótese a simpatia impulsionaria os indivíduos a compor o cadastro de famílias acolhedoras.

Mas esses sentimentos de simpatia têm seu lugar de ‘aparecer’ nos atos de preferir e postergar, sendo que colocar-se a disposição para fazer parte do cadastro, em alguma medida pode indicar uma das situações em que o sentimento de simpatia se mostra. Com base nestas proposições, vejamos o que os conceitos propostos por Scheler, em sua fenomenologia dos valores, nos dizem sobre o ‘preferir’, e ‘postergar’ De acordo com Melo (2007):

Na obra *O formalismo na ética e a ética material dos valores*, Scheler lança luz sobre uma diferença no campo das ações humanas entre preferir e eleger. Preferir e recusar são funções, assim diz Scheler, que se constituíram já na sua estrutura como o nível mais elevado da vida emocional e intencional; e sempre seriam os atos de preferir o fundamento do eleger. (p. 48)

Para a elaboração de nossa pesquisa, elencamos uma pergunta norteadora, que é saber se os sentimentos de simpatia estão presentes nestas famílias que se

propõem a realizar os acolhimentos. A citação acima, indica que o fato destas famílias se proporem a fazer parte de um cadastro de um serviço de acolhimento pode mostrar um ato de preferir. Assim, a resposta a nossa pergunta norteadora vai ganhando contornos.

Até este ponto da pesquisa, nos dedicamos a investigar como Scheler se apropria da fenomenologia e passa a estruturar uma fenomenologia das emoções. Com base nesta fenomenologia das emoções há o indicativo de um 'caminho' que poderá, em alguma medida, a atuação de profissionais da psicologia que desenvolvam suas atividades nos espaços dos serviços de acolhimento. Embora esse interesse seja como um pano de fundo, para nossa pesquisa, nos propomos a fazer o detalhamento que ocorrerá no próximo capítulo, que tem como objetivo, "ensaiar" a possibilidade de aplicação de uma fenomenologia scheleriana das emoções na atuação prática.

Para o momento, consideramos que há uma questão fundamental na qual Scheler se dedica que é a percepção do outro. Sendo assim, o próximo tópico, tratará, deste tema essencial para Max Scheler em suas investigações. Desta forma, vamos delinear a importância que esse tema assume para Scheler.

2.7 Os sentimentos de simpatia e as relações intersubjetivas – a percepção do outro

O tema da intersubjetividade foi debatido e entre os fenomenólogos ao longo do século XX. Entre os filósofos que se debruçaram sobre o tema, estava Max Scheler. Nosso filósofo elabora uma obra completa dedicando-se a este tema, no intuito de compreensão da percepção do outro, sendo este o tema principal da obra *Essência e Formas de Simpatia*.

A maneira em que a intersubjetividade era tratada (percepção do outro) pelos fenomenólogos não foi corroborada por Scheler. Ao contrário, Scheler faz duras críticas que consistem em mostrar que a solução apresentada por Husserl, se mostra insuficiente para responder à questão da intersubjetividade. A respeito disso, nos diz Costa (1996):

São duas as teorias principais que tentam respaldar a essa questão: a) a do raciocínio por analogia. b) a da intropatia. Segundo a primeira a percepção do outro se dá pela dedução de sua realidade a partir dos dados vivenciados por nós em nós mesmos. Trata-se de uma projeção do próprio eu. Já a intropatia,

é a partir da percepção do corpo do outro que vivencia a realidade do próprio “eu” na forma de identificação afetiva. (p. 54).

Em Scheler, as duas soluções mostram-se insuficientes. No raciocínio por analogia, a crítica feita por nosso filósofo apresenta-se como aponta ao autor (COSTA, 1996, p. 54): “Esse raciocínio por analogia, [...] parte do pressuposto de que o eu assim como nossas próprias vivências, é sempre o dado imediatamente percebido”. Já na segunda solução também criticada por Scheler, como aponta Costa (1996, p. 54): “[...] indica que apenas o fenômeno do corpo do outro nos é dado primeiro e imediatamente.” Consideramos importante mencionar que nas duas soluções, de acordo com o mesmo autor, os casos supõem sempre que a experiência psíquica tem como objetos somente estados subjetivos. Ainda na tentativa de indicar o caminho que Scheler percorre para compreender a percepção do outro e apontar a insuficiência da solução, Temos:

Para Scheler, o ato de perceber o outro abarca não apenas a sua presença, mas também a totalidade de seu “corpo animado”, percorrendo as expressões corporais até o seu mundo interior. É um erro, portanto, pensar que o eu individual e o corpo sejam dados separadamente, pois o eu e corpo formam uma unidade na pessoa e em seus atos. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p. 240).

O debate sobre a percepção do outro gira em torno da dúvida se há uma separação, entre o mundo circundante, e o eu. Seguindo com Carneiro &

Pequeno (2021, p 243): “Sobre uma definição do que é o a percepção do outro. [...] percepção do outro, o espaço interpessoal evidencia que a heteropercepção seria a percepção, posto que não há um nós sem a possibilidade de um eu e um tu”. Mas, há nesta permanente busca por estabelecer as bases da compreensão da percepção uma “estrutura” a qual Scheler nomina de “gramática dos sentimentos”. Para Scheler, na nominada “gramática dos sentimentos”, essa não determina a percepção, mas, estabelece as “direções prévias” da atenção de nosso mundo circundante na forma de expressões de linguagem dos sentimentos comuns a todos. Contudo, consideramos ser necessário fazer um detalhamento sobre a diferença do raciocínio por analogia e da proposta elaborada por Scheler que indica a captação do outro por meio dos sentimentos de simpatia. Vejamos a avaliação de uma das maiores autoridades no tocante a fenomenologia, que diz sobre o argumento por analogia:

O argumento diz: meu acesso a consciência dos outros transcorre sempre e cada vez por meio do seu comportamento corporal. Ainda seguindo com o

autor. Essa solução do problema da intersubjetividade não desencadeou entre os fenomenólogos propriamente dito um júbilo [...]. (ZAHAVI, 2019 p. 79).

Aqui, o autor detalha que a solução proposta para compreender a intersubjetividade não foi bem aceita nem mesmo nos círculos da própria fenomenologia. Nas palavras do autor [...] a analogia parte do fato de que nós nunca experimentamos as ideias e os sentimentos dos outros. [...], mas podemos concluir a sua existência mais ou menos provável com base no factualmente dado, a saber, comportamento corporal. A crítica aqui apontada para a solução proposta indica que há limites para essa solução e que também, em boa medida, é uma solução intelectualista. Com base neste apontamento, torna-se necessário refletir em determinados pontos com outro exemplo oferecido pelo mesmo Zahavi (2019 p, 81):

[...] nós não experimentamos primeiro um corpo físico, a fim de então, em seguida a existência de uma subjetividade alheia – ao contrário nós temos no encontro concreto face a face nem confrontados com uma consciência velada, nem com uma unidade: nós vemos a ira do outro, nós sentimos a aflição [...]. A relação entre si mesmo e o outro é radicalmente diversa da nossa experiência com objetos. [...] é preciso ter em vista o fato de que há uma modalidade totalmente particular de consciência, um tipo particular de intencionalidade – com prazer também denominada empatia, simpatia ou mesmo simplesmente experiência alheia [...].

E desta forma, abre-se uma direção na forma de compreender o outro:

A tarefa da fenomenologia consiste conseqüentemente também precisamente em explicar a estrutura da empatia e determinar de maneira mais exata em que a empatia se diferenciava de outras formas de intencionalidade como percepção a fantasia e ou lembrança. (ZAHAVI, 2019 p.81).

De maneira central, as questões que envolvem a percepção do outro, tornam-se essenciais nas investigações de Scheler. Na obra a Essência de Formas de Simpatia, o filósofo apresenta detalhadamente a partir da discriminação dos sentimentos de simpatia uma opção para compreender sobre a percepção do outro. Para Scheler, a percepção do outro se dá de maneira imediata, sem nenhuma interferência, seja a da dedução pela analogia ou a da projeção pela intropatia (COSTA, 1996, p. 56). Agora, na posição que Scheler indica, há insuficiência nas formas de captar o outro ou na forma que o outro aparece a mim. (COSTA, 1996, p. 56). A simpatia nos orienta para a essência da pessoa do outro fazendo com que

aquele que a experienta se comunique com a mesma vida do outro. Ainda, seguindo com o autor, [...] essa postura intencional nos faz reconhecer como o outro vê o mundo que o cerca, ou, o outro e nele descobrir um valor igual ao nosso.

Em outra citação de Costa (1996, p. 24), o autor aponta para o que Scheler diz sobre a simpatia: [...] o fenômeno da simpatia por estranho que parece, é o fato de se perceber afetivamente os sentimentos do outro [...]. Essa citação aponta como ocorre efetivamente o fenômeno do simpatizar-com (compaixão e congratulação), que possibilita sentir o mesmo que o outro sem que necessariamente esse fenômeno tenha algum tipo de relação com os objetos que despertaram esses sentimentos para a outra pessoa. (COSTA, 1996, p. 57) Ainda indica que para [...] Scheler a percepção do outro mediante a simpatia ainda é incompleta e imperfeita. Somente o amor possibilita a comunicação plena entre as pessoas. Seguimos no caminho de compreender como ocorrem as contribuições de outros autores sobre a percepção do outro, vejamos o que nos dizem:

[...] partindo da premissa de que a existência da pessoa no mundo da vida dá-se por meio de atos, todo conhecimento da pessoa pode ser alcançado apenas pela “participação ôntica” em sua existência por obra do co execução (pensar, querer, sentir com o outro, pensar e sentir o mesmo que o outro) (CARNEIRO & PEQUENO, 2021 p.241).

Ainda, indicando o caminho pelo qual Scheler realiza para compreender a percepção do outro.

Para Scheler, o ato de perceber a outra abarca não apenas a sua presença, mas também a totalidade de seu corpo animado percorrendo suas expressões corporais até seu mundo interior. É um erro, portanto, pensar que o eu individual e o corpo sejam dados separadamente, pois o eu e corpo formam uma unidade na pessoa e em sem seus atos. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021 p.242).

A questão da percepção do outro, a partir da citação acima, e as demais indicadas neste tópico, tem relação com a maneira que que a pessoa consegue acessar o outro, mas, principalmente, com a maneira que essa diferença se apresenta a partir dos objetos inanimados. Essa é uma das questões que suscita debates: o modo de acesso ao outro.

Para a realização de nossa pesquisa, elegemos a forma de acesso ao outro pelos sentimentos de simpatia, sendo esse o meio de acesso proposto por Max

Scheler. Desde o início da pesquisa, buscamos respostas para compreender como ocorre o estabelecimento das relações entre as famílias acolhedoras e as crianças/adolescentes acolhidos, sendo que a base na compreensão dos sentimentos de simpatia, estes ofereceram a possibilidade de compreender como ocorrem as relações, entre humanos. O acolhimento familiar, é uma forma de relação, e não destoa das outras formas de estabelecimento de relações.

Embora consideremos que os estabelecimentos das relações tenham um papel central na realização de nossa pesquisa, compreendemos que é necessário fazer um detalhamento de como é a operacionalização de um serviço de acolhimento, bem como, as bases para execução que estão fundamentadas dentro de políticas públicas e respaldadas por aparatos dentro da legislação. Em alguma medida, nossa pesquisa assume, assim, um caráter multidisciplinar (filosofia, psicologia e direito). Sendo assim, no próximo capítulo, detalharemos como ocorre a operacionalização do serviço e como a fenomenologia scheleriana oferece fundamentos teóricos para compreender as tramas de relações que ocorrem no espaço do acolhimento.

No capítulo que ora se encerra, foi tratado o sentimento da simpatia, tendo seu foco numa revisão bibliográfica apoiada no texto de Scheler e na bibliografia mais atualizada. Daqui se desprenderam distinções quanto às formas de simpatia; as diferenças apontadas por Scheler sobre o afeto da simpatia e o amor e, por fim, a presença da simpatia nas relações de grupos primários, tal como famílias. Apoiados nos repertórios obtidos aqui, podemos partir à consideração mais nuclear de nosso trabalho, aquela que objetiva determinar como o sentimento da simpatia, tal como pensado por Scheler, estaria atuante na relação observada no serviço de assistência, envolvendo as famílias acolhedoras.

3. O ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DE ACOLHIMENTO FAMILIAR À LUZ DA IDEIA DE SIMPATIA EM SCHELER: UM ENSAIO

Após termos tematizado o conceito de simpatia enquanto um fenômeno integrante do projeto filosófico de Scheler, no tocante à captação dos valores (exposição que, nos capítulos precedentes, não apenas abordou o projeto de uma *axiologia dos valores* quanto de uma *gramática dos sentimentos*), podemos agora

indicar como o fenômeno da simpatia poderia estar atuante no campo do serviço de acolhimento familiar, tal como preliminarmente declarado em nossa introdução.

Face a isso, as tarefas pertencentes ao presente capítulo são as de conceituar o que é o Serviço de Acolhimento Familiar, caracterizando-o como uma política pública de assistência social, e indicar como este se operacionalizaria. Após, pretendemos apontar como a psicologia fenomenológica – amparada pela fenomenologia de Max Scheler – teria vez de atuar nesse campo de acolhimento, buscando vislumbrar possibilidades de sua realização. A partir desse ponto, a tarefa é questionar como o psicólogo poderia investigar o aparecimento das formas de consciência de modo que, o sentimento de simpatia possa visar a proteção de crianças e adolescentes. Ao fim, a tarefa seria mostrar como a psicologia fenomenológica, seria capaz de identificar fenômenos de simpatia junto a candidatos (famílias candidatas) a integrar o cadastro do referido serviço de acolhimento. Anunciado isso, passemos aos seus momentos de realização.

3.1 Conceituando o que é Serviço de Acolhimento dentro da Política Pública de Assistência Social e sua Operacionalização

Iniciamos este terceiro capítulo, com o propósito da elaboração de um “ensaio” que tem como a pretensão da utilização da fenomenologia scheleriana das emoções para identificar a presença de sentimentos de simpatia em grupos familiares que tenham interesse em ser famílias acolhedoras.

Ainda com base no apontamento de Scheler, há uma “intenção” no ato de preferir que visa o cuidado de crianças e adolescentes que necessitem deste tipo de atendimento. Mas, antes de definirmos como se dão esses fenômenos nas relações entre Famílias Acolhedoras e Acolhidos, propomo-nos, inicialmente, fazer uma contextualização do que vem a ser, especificamente, um serviço de acolhimento familiar de uma família acolhedora, bem como a operacionalização deste serviço que é executado dentro da Política Pública de Assistência Social. Iniciamos falando da trajetória histórica desta modalidade de serviço.

Atualmente, os serviços de Acolhimento Familiar, ou Programas de Acolhimento, estão em expansão no Brasil. Contudo, historicamente, a hegemonia dos serviços que atendem crianças/adolescentes que necessitem de proteção do Estado foi estabelecida com os modelos institucionalizados (orfanatos, abrigos). As

mudanças nas formas de proteção tiveram início com a promulgação da Constituição Federal de (1988), a partir da qual as populações em situação de vulnerabilidade social passaram a encontrar respaldo em políticas de Estado. As alterações das políticas de Estado foram carreadas por legislações incorporadas nos tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário. Legislações que, por sua vez, criaram as condições de acesso a vários serviços públicos, dos quais, até então, uma parcela significativa da população ficava excluída (populações em situações de vulnerabilidade), sendo que os Serviços de Acolhimento, ou, Programas de Acolhimento, encontram-se inseridos na política de Estado denominada Política Pública de Assistência Social.

Para melhor esclarecer, faremos um resgate referente a estruturação dessa política. A Política de Assistência Social forma, juntamente com a política de saúde e previdência, o que se denomina pelo tripé da seguridade social. Foi a partir dos dispositivos contidos na Constituição (1988) – os quais colocaram a família na centralidade, como o principal objeto de proteção do Estado – que se estabeleceu que há necessidade de proteções e garantias.

Também, instituindo a Política de Assistência, o dever de garantia do que se denomina de os “mínimos sociais”, gradualmente, inicia-se a estruturação da Política de Assistência Social. Partindo da publicação da Lei orgânica de Assistência Social (1993), seguindo com a publicação da Política Nacional de Assistência Social (2004), legislações essas que permitiram que, em (2005), fosse implantado o Sistema Único de Assistência Social em todo o território nacional. Em (2009), em outra atualização, foi organizada a tipificação dos serviços socioassistenciais, dividindo-os em níveis de complexidade: proteção social básica, proteção social especial de média e alta complexidade. Finalizando, em (2012), em sua última publicação, na qual estabelece a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos. Esclarecemos, então que o objeto dessa pesquisa (serviço de acolhimento familiar) é executado, no nível da alta complexidade. Para melhor um entendimento, detalharemos a seguir. Os Serviços de Acolhimento, ou programas de acolhimento, estão situados no nível da alta complexidade. Como o próprio nome situa, trata-se de um tipo de atendimento especializado, exigindo a compreensão de uma série de fenômenos por parte dos profissionais que atuem nesta área, principalmente dos profissionais da psicologia que atuem neste serviço. Dentre a infinidade de questões, a serem compreendidas, estão

incluídos os fenômenos que ocorrem no estabelecimento das relações entre as famílias acolhedoras e os acolhidos. Mas antes de adentrarmos nesta seara, objetivamente, detalharemos o que vem a ser um Serviço de Acolhimento, ou, Programa de Acolhimento Familiar.

De forma didática, o que é um Serviço de Acolhimento, ou, Programa de Família Acolhedora? Consiste na formação de um cadastro reserva com famílias da comunidade em geral, que demonstrem interesse em receber em suas residências, crianças e adolescentes que em razão da aplicação de medida de proteção judicial, (acolhimento) precisem ser afastadas de sua família biológica (genitor e genitora), e com a inexistência de familiares extensos em condições de realizar o cuidado e a proteção.

Sendo assim, a formação deste cadastro é composta por famílias que passaram por uma preparação (capacitação) que antecede a efetivação no cadastro reserva. Há um longo processo de avaliação realizado por uma equipe técnica (psicólogos, assistentes sociais). O processo ocorre em três etapas: a primeira etapa é a capacitação; a segunda etapa, consiste em avaliação documental; a terceira etapa, consiste na avaliação técnica, multidisciplinar, na qual os profissionais elaboram seus pareceres de acordo com os critérios técnicos. Ao final do processo, se aprovadas, as famílias acolhedoras estarão aptas a receber em suas residências, crianças e adolescentes. As crianças/adolescentes encaminhadas às residências ficam sob a guarda legal das famílias habilitadas pelo serviço de acolhimento. Os acolhidos permanecem sob a responsabilidade dessas famílias até que o caso seja julgado.

Esclarecendo que *o acolhimento é sempre uma medida provisória de caráter temporário, podendo ser alterado a qualquer tempo*, assim, o acolhimento constitui-se por uma relação provisória, 'fronteiriça', pois não se estabelece como uma relação 'maternidade/paternidade', tampouco se enquadra nos moldes das relações institucionais (educador social). A partir da chegada da criança/adolescente, a equipe técnica - composta por um Psicólogo e um Assistente Social – trabalha em duas frentes. A primeira, com as famílias biológicas ou extensas, para que haja a superação dos riscos ou as vulnerabilidades que contribuíram para o afastamento das crianças ou adolescentes. Na segunda frente, em outra perspectiva, caso não sejam superados os riscos para com a criança/adolescente, a família biológica, terá destituído o poder

familiar e a criança/adolescente será encaminhado para adoção, nos casos em que houver interessados na criança/adolescente.

Como se pode verificar a partir desta breve contextualização, a relação entre famílias acolhedoras e acolhidos constitui-se em um elemento fundamental para o sucesso de quaisquer estratégias de atendimento propostas pela equipe. Desta forma, é essencial compreender a sutileza da formação deste vínculo, considerando o momento de fragilidade que cada uma dessas crianças/adolescentes vivencia. Nesse sentido, há uma multiplicidade de fenômenos apresentados, a partir da chegada da criança/adolescente, na nova família, sendo imprescindível que o profissional da psicologia que atuem neste serviço tenham embasamento teórico e metodológico para compreender tais manifestações, visto que é um serviço complexo e com múltiplas variáveis. Isso torna a tarefa de compreender cada uma dessas manifestações ainda mais complexa.

Diante do detalhamento dos conceitos elaborados por Scheler e indicados nos dois capítulos anteriores e a forma consistente da aplicação destes conceitos em uma análise prática, especificamente no recorte elegido, o estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e acolhidos, pretende-se investigar a hipótese de que a base estruturante para que as relações se estabeleçam entre acolhedores e acolhidos encontram-se nos fenômenos da simpatia. Mas antes de seguirmos com o detalhamento, consideramos importante fazer um resgate histórico de como foi tratado o acolhimento no Brasil nos últimos séculos, apontando as mudanças na compreensão a partir do entendimento do que é a infância, bem como algumas mudanças nas legislações que possibilitaram avanços incluindo a possibilidade de que famílias da comunidade em geral, devidamente capacitadas e qualificadas possam realizar os acolhimentos em suas residências. No próximo tópico indicaremos um resumo da história do acolhimento no Brasil.

3.2 Breve histórico da política de acolhimento no Brasil

Em síntese, para que possamos compreender a “questão do acolhimento no Brasil” – e sua cultura da institucionalização – passaremos pelo entendimento de, como foi tratada conceitualmente a criança que se encontrava em situação abandono ou orfandade (expostos, desvalidos, enjeitados). Diferente da denominação atual que

última o termo, “acolhido”, as primeiras crianças e adolescentes afastadas da família tinha a nomenclatura de “expostos”, “desvalidos”, “enjeitados”. Ao longo da história, o termo foi sendo modificado, devido a compreensão sobre a infância. De acordo com Rizzini (2011, p, 23)., “[...] na atualidade o conceito de infância adquire novos significados. Nos primeiros séculos do país, a condição atrelava o cuidado ao domínio das ordens religiosas, situação que permaneceu até boa parte do século XX”, sendo estas as principais responsáveis pela manutenção dos asilos e orfanatos em todo o país.

O Brasil possui uma longa tradição de internação de crianças e jovens em instituições asilares. Muitos filhos de famílias ricas e dos setores pauperizados da sociedade passaram pela experiência de serem educados longe de suas famílias e comunidades. (RIZZINI & RIZZINI, 2004, p, 21).

Nos primeiros três séculos após a descoberta do país (fase do Brasil colônia) – XV a XVII –; o país estava sob forte influência das ordens religiosas dos Jesuítas, sendo estes os principais agentes educacionais, e os responsáveis pelas crianças (enjeitadas, órfãs e abandonadas).

Ainda na transição (Brasil Colônia, Brasil Império), outra modalidade utilizada para o atendimento de bebês, foi a Roda dos Expostos. Esse sistema foi amplamente utilizado na Europa, também sob influência da igreja católica. Para cuidar de um número tão elevado de crianças, o estado contava com o aluguel das amas de leite. Segundo Rizzini (2004, p, 83): “[...] o dispositivo da roda, impediu que muitos bebês fossem abandonados nas ruas e nas portas das igrejas, por mães que procuravam ocultar a desonra de gerar um filho ilegítimo, ou que não tinham condições de criá-los.” O período da república trouxe mudanças conceituais no que se refere a infância, e estabeleceu a partir de então que o objetivo consistia em “salvar a infância”. Dessa forma, em 1927 foi criada a primeira legislação específica para o atendimento de infância (Código de Menores). A lei estabeleceu condições para a criação do primeiro juizado de menores do país, no Rio de Janeiro. O primeiro juiz de menores foi Melo Mattos. O novo aparato não se limitava à instância jurídica. As duas leis criaram um sistema de assistência social e jurídica reproduzido pelos demais estados.

Ao mudar o regime político, o Brasil já possuía uma vasta experiência na assistência à infância desvalida, intimamente relacionada à educação e à instrução populares. [...] ao melhor aparelhamento institucional capaz de “salvar” a infância brasileira no século XX. [...] Um dos aspectos de grande interesse desta análise centra-se nas iniciativas educacionais entrelaçadas

com os objetivos de assistência e controle social de uma população que, junto com o crescimento e reordenamento das cidades e a constituição de um Estado nacional, torna-se cada vez mais representada como perigosa. A ampla categoria jurídica dos menores de idade (provenientes das classes pauperizadas) assume, a partir da segunda metade do século [...] (RIZZINI & RIZZINI, 2004, p. 28).

Deste período, há alguns pontos a destacar após o Código de Menores de 1927. Mesmo com a vasta experiência no atendimento de menores, o país passou por anos de completo fracasso em relação ao atendimento à infância. Em 1941, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Este tipo de serviço, mostrou-se incapaz de lidar com a complexidade dos emergentes problemas sociais, devido ao aumento populacional nas grandes cidades e à piora das condições de vida da população. Em meio a denúncias de corrupção e maus-tratos aos menores que ali permaneciam, sendo apontado como uma escola para criminosos. O Serviço de Assistência ao menor permaneceu em atividade até (1964).

Em 1964, período em que o país passa ser governado por militares, a estrutura do antigo SAM, foi reformulada, e passou a ser denominada de FUNABEM, (Fundação do bem estar do Menor). O órgão ficou responsável por administrar o sistema FEBEM de todo o país permaneceu em atividade por 20 anos. Como pode-se constatar a partir desta linha do tempo, para a infância só houve uma mudança real, a partir da Constituição de (1988). Os artigos 226 e 227 trouxeram condições para uma nova situação jurídica e social para a infância, no país com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Após o advento da criação do Estatuto da Criança e Adolescente, o país adotou efetivamente os princípios da teoria da proteção integral, superando a teoria da proteção irregular que permaneceu vigente no país destes últimos séculos.

Esse breve apanhado histórico não pretende esmiuçar questões relativas a história do acolhimento. Intentou-se resumir a sobre como as instituições do país tratavam as crianças/adolescentes e que em razão de uma série de situações não ofereciam condições de cuidado e proteção a eles. No entanto, houve uma grande mudança de entendimento sobre a infância no país a partir da publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e também das suas últimas reformulações na legislação, as quais apontam a inclusão dos serviços de acolhimento familiar, ou, programas de acolhimento como uma da alternativa viável a desinstitucionalização de crianças e adolescentes que encontrem-se com seus direitos violados e com seus

vínculos familiares rompidos, garantido a esses o direito a convivência familiar e comunitária.

3.3 O Serviço de Acolhimento Familiar inserido em uma Política Pública

Não há como falar sobre o serviço de acolhimento familiar, sem que façamos um breve resgate histórico, para compreender sob quais bases, a Política de Assistência Social foi constitucionalmente estabelecida, sendo esta responsável pelas diretrizes e normativas de trabalho dos Serviços de Acolhimento Institucional e Familiar (Manual de Orientações do Serviço Acolhimento, 2009). O ponto de partida foi a promulgação da Constituição Federal de 1988 e posteriormente o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA 1990.

Em meio a movimentos sociais e à transição para o regime democrático de direitos, surge um novo olhar para a Assistência Social, colocando-a ao lado das Políticas de Saúde e Previdência Social e formando o tripé da seguridade social. Foi nesse cenário, que a Lei Orgânica da Assistência Social foi publicada em 1993, sendo este o primeiro passo para legitimação da Assistência Social como Política Pública. Tendo em sua pauta, a dimensão ética de “incluir os invisíveis” [...] (PNAS, 2004).

Em 1998, foi aprovada a primeira Norma Operacional Básica. Seguindo com os debates para a estruturação da política, em 2004, com a publicação da Política Nacional de Assistência Social, esta, que forneceu as bases para a implantação das SUAS – Sistema Único de Assistência Social, - estabelecendo, assim, a dimensão da gestão descentralizada e da distribuição entre os entes federados no que se refere ao financiamento dos serviços da Política de Assistência. A partir desta concepção, foi que, a Assistência Social brasileira; passou a ser incluída no âmbito da Seguridade Social, regulamentada como política social pública, passando a ser um novo campo dos direitos, da universalização dos acessos e de responsabilidade estatal.

Na sequência do processo de estruturação da política, em 2004, foi finalizado e publicado o Plano Nacional de Assistência Social, elaborado pelo Conselho Nacional de Assistência Social. Em 2005, foi publicada a NOBSUAS/2005. Em seguida, iniciou-se o processo de implantação do Sistema único de Assistência Social – SUAS, – estabelecendo novos paradigmas, e o princípio da ruptura com o modelo assistencialista vigente dentro da assistência social. Adalgisa Sposati (20 anos da LO

2001) diz que neste processo iniciou-se “A ruptura com o modelo assistencialista”, onde a autora nos oferece um confronto com o antigo modelo. Segundo autora, novo modelo de assistência social, “exige uma resposta um pouco mais alargada que possibilite associar ao assistencialismo não só a benemerência”.

Em decorrência das mudanças nas legislações, principia-se o afastamento do modelo assistencial. A assistência definiu seu público de atendimento estabelecendo como um de seus principais objetivos, a partir do Art. 203 CF: “A Assistência Social será prestada a quem dela necessitar, independente de contribuição social e tem por objetivos [...]”. Também, terá como prioridade: I – a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice [...]. Portanto, a CF tem, em seu Art. 226, que “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. Estabelecendo, para a Política de Assistência Social, a definição, de um dos seus eixos estruturantes, a matricialidade sociofamiliar (BRASIL, MDS). A matricialidade sociofamiliar se refere à centralidade na família como núcleo social fundamental para efetividade de todas as ações e serviços da política de assistência social.

Desta forma, o serviço de acolhimento familiar estabeleceu-se como possibilidade de serviço público, no estabelecimento da Política de Assistência Social, a partir da Constituição Federal 1988 em seus artigos 3º e 4º; do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 19, em última reformulação artigo 34 (Lei. 12010); da Política Nacional de Assistência Social (PNAS); também do Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária; do Manual de Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento (que estabeleceu as metodologias de trabalho); e, por fim, da Tipificação dos Serviços Socioassistenciais, a qual ordenou a política de assistência em níveis de complexidade; e estando o serviço de acolhimento alocado no nível da alta complexidade.

Foi em razão dessas mudanças nas legislações que ficou estabelecido: “a família terá especial proteção do Estado”. Conceito este, que vinha de encontro com as principais normativas internacionais, as quais tiveram seu ponto de partida no que tange a proteção especial a infância, primeiramente na Declaração de Genebra (1924), na Declaração dos Direitos da Criança (1959), na Declaração dos Direitos Humanos (1949) em seu artigo nº16; e na Convenção de Direitos da Criança (ONU 1989). Tratados estes, ratificados pelo Brasil. Considerando que estes princípios incorporados na Constituição Federal de 1988, a partir do artigo nº 227 e estando

neste artigo o ponto de partida para a criação Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 80.69/1990), vemos que o texto estabeleceu como prioridade, a proteção especial à criança e ao adolescente, bem como, sua condição peculiar de desenvolvimento, colocando-os como “sujeitos de direitos”. Deste ponto, rompendo, com o conceito da Doutrina da Situação Irregular e adotando a teoria da Proteção Integral, para a criança e para o adolescente fica estabelecido, entre outros, “O direito a Convivência Familiar e Comunitária”, ou como reza o respectivo artigo de maneira conclusiva:

Art. 19 Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (Lei nº 8.069, 1990) .

Como indicado no início deste tópico, o modelo de acolhimento hegemônico no Brasil, para crianças e adolescentes em situação de abandono, maus tratos, negligências, centrou-se no modelo de acolhimento institucional. O acolhimento familiar, ainda é um modelo de acolhimento que está em desenvolvimento. Mas consideramos importante apontar que é um modelo de acolhimento que oferece a possibilidade da convivência familiar as crianças e adolescentes que necessitem ser afastados de sua família, até seja encontrada uma solução. E desta forma, existe a possibilidade do cumprimento da legislação vigente, como citado acima.

3.4 A Família Acolhedora e o Direito à Convivência Familiar.

O serviço de acolhimento familiar tem por objetivo: organizar o acolhimento, em residências de famílias acolhedoras cadastradas, de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva (ECA, Art.101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, o encaminhamento para adoção. Propicia o atendimento em ambiente familiar, garantindo atenção individualizada e convivência comunitária, permitindo a continuidade da socialização da criança/adolescente (Manual de Orientações Técnicas 2009).

A citação acima está disposta no texto de um dos manuais elaborados dentro da Política Pública de Assistência Social, o qual oferece fundamentos teóricos para a

implantação desta modalidade de acolhimento no país. Como dito no início deste capítulo, essa modalidade de acolhimento não é a única em execução no país que hegemonicamente privilegiou os serviços de acolhimento institucionais. Os serviços de acolhimento sendo executados dentro de uma política pública são uma realidade relativamente recente e são considerados como algo que desperta interesses sobre o tema. De acordo com Delgado (2010, p.459): “O acolhimento familiar é um serviço especializado que proporciona um contexto familiar alternativo quando o perigo torna a retirada inevitável. Proporciona a criança a possibilidade de continuar a viver com uma família”. Ainda de acordo com o autor: “[...] representa um enorme desafio para o principal ator, a criança, e para os outros protagonistas. Uma prova difícil porque estabelece rupturas, distâncias, isolamentos, a mudança [...]. No Brasil essa modalidade de acolhimento familiar, encontra-se em fase de expansão”. (DELGADO, 2010, p. 459). Assim, no continente europeu, essa já é uma prática consolidada desde o período de pós-guerra. É como avaliam Amaral & Ferreira (apud CABRAL, 2004):

[...] o acolhimento familiar teve início em diferentes momentos em países como nos Estados Unidos em 1910, na Inglaterra em 1940, na Espanha em 1970 e na Itália em 1980, compondo políticas sociais influenciadas por uma literatura das áreas médica e psicológica (que aborda os riscos causados ao desenvolvimento infantil pela institucionalização) e por modificações ocorridas em legislações a partir de extensas discussões sobre os direitos da criança. Cerutti, (2009 p. 9) afirma que, a medida de acolhimento familiar em países europeus significou mudanças no que se refere aos interesses das crianças e adolescentes. As alterações legislativas impulsionaram as mudanças, tal como na Inglaterra e Espanha passaram a priorizar a medida de Acolhimento Familiar em detrimento a institucionalização. Para isso, é decisiva a participação de equipe formada por profissionais de psicologia e serviço social. O que no Brasil só passou a ocorrer bem recentemente. De acordo com (Amaral & Costa, 2008), o acolhimento familiar como prática social não é algo novo no Brasil, tendo acontecido ao longo da história de modo informal através de prática de circulação de crianças por famílias que acolheram [...]. Atualmente é proposto como um programa oficial, que compõe uma política pública. (p. 236)

É importante ressaltar que as famílias acolhedoras desenvolvem o acolhimento com o suporte de uma equipe técnica (psicólogo e assistente social), que tem como compromisso a permanente qualificação e monitoramento das famílias acolhedoras e, também, disponibiliza suporte às famílias de acordo com cada caso.

De acordo com Valente (apud Cabral, 2004, p,81): “o acolhimento familiar formal é uma prática mediada por profissionais, com plano de intervenção definido, administrado por um serviço, conforme política pública estabelecida”. Sobre o caráter

jurídico do acolhimento, de acordo com Cerruti (2009), ressalta-se que os Serviços de Acolhimento Familiar não devem ser confundidos com adoção. Trata-se de Acolhimento provisório, até que seja viabilizada uma solução de caráter permanente para criança e adolescente. Assim, Conforme Amaral & Ferreira (2008, p.98):

À família acolhedora, são concedidas a guarda provisória e a responsabilidade da criança acolhida, tendo para com a criança todos os deveres de guardião. Essa família deve ser voluntária no processo de acolhimento, ser selecionada e receber treinamento prévio

Ao decidir fazer parte do cadastro de um Serviço de Acolhimento, a família acolhedora deverá ter essas noções de direitos fortalecidas. Desta forma é imprescindível que a família acolhedora participe das capacitações, seguindo os princípios da legislação:

Artigo 34, §1º A inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida, nos termos desta Lei. (Incluído pela Lei n. 12.010, de 2009).

A medida de acolhimento deverá ser adotada como última alternativa, e somente nos casos que a criança e o adolescente se encontrem em situação de risco. Esclarecendo que o acolhimento familiar surge como opção para evitar a institucionalização, a medida deverá ser provisória, sempre com vistas a reintegração à família de origem. Nos casos que não haja possibilidades de reintegração, haverá o encaminhamento para a adoção.

De acordo com Kreuz (2022 p, 41), “Partindo do pressuposto de que nem toda família apresenta condição de proteger [...]”. A partir desta citação, podemos concluir que há uma série de questões que envolve uma família, que impede que mesma consiga fazer os cuidados de forma a atender todas as necessidades de uma criança. Quando, a criança/adolescente encontra-se em uma situação de risco, o afastamento, pode ser uma medida necessária a proteção da criança. E neste sentido, ainda com Kreuz (2022, p. 41): “[...] a família acolhedora se configurou durante séculos como medida buscada por membros da comunidade que cuidavam dos filhos de outras famílias, quando estas apresentavam-se incapacitadas [...]”. Consideramos importante destacar qual foi a situação que coloca essa modalidade de acolhimento em destaque entre os serviços de proteção. O Serviço de Acolhimento fortaleceu-se a

partir de pesquisas relativas à infância e sobre as fases do desenvolvimento infantil. Portanto, Delgado (2010, apud, Kelly e Gilligan, 2000) pontua:

[...] uma das principais vantagens do Acolhimento Familiar consiste na possibilidade que proporciona a criança acolhida de desenvolver novos vínculos com seus acolhedores mantendo a vinculação com a família de origem. (p, 235).

Cabe mencionar um grande avanço nas pesquisas direcionadas à infância nas últimas décadas, pesquisas que se debruçaram para compreender o desenvolvimento infantil e que passaram a oferecer novas formas de compreensão e fundamentação para exercícios de cuidado com crianças/adolescentes. Dessa forma, as instituições que ofereciam cuidados a crianças/adolescentes passaram a rever as metodologias. Com base nesses novos entendimentos sobre o desenvolvimento infantil houve uma centralidade nos investimentos públicos dedicados a fortalecer e oferecer serviços que protejam, principalmente a fase da primeira infância. E com base neste argumento houve uma forma de revisão sobre o lugar onde a criança que era afastada da família deveria permanecer enquanto sua situação jurídica era decidida.

Sendo assim, considerando como um espaço de cuidado, que oferece também um atendimento individualização para um momento de fragilidade em que a criança/adolescente enfrenta, vejamos o nos diz Delgado (apud COELHO & NETO, 2007, p. 20): “Na verdade “cortar laços, sem dar alternativas vinculares significativas é traçar um destino vazio de afeto, que trará custos a curto e a longo prazo”. De acordo com Amaral & Ferreira (apud VICENTE, 2008, p. 98):

[...] o vínculo afetivo passou a ser valorizado nesses documentos e adquiriu uma dimensão política, visto que seu desenvolvimento e manutenção, quando não ocorre na família de origem, necessita de proteção do Estado, no sentido de assegurar essa possibilidade às crianças e adolescentes. Assim, o direito à convivência familiar passa a fazer parte de um conjunto de elementos das políticas públicas e fundamenta ações de colocação em famílias substitutas (sob guarda, tutela ou adoção) ou acolhedoras. Tais questões nos levam a refletir sobre os aportes teóricos, especialmente da Psicologia, em que se baseiam as práticas e políticas de acolhimento [...].

A partir da citação acima, pode-se concluir que, mais do que um ambiente acolhedor oferecido pela modalidade de acolhimento em famílias acolhedoras que propõem as garantias e os direitos fundamentais, tem como o objetivo garantir o desenvolvimento com um menor prejuízo possível a uma criança/adolescente. Em publicações recentes, nas quais se trata sobre os serviços de acolhimento, há uma

citação que converge para a qualidade da relação oferecida no ambiente da família acolhedora:

O afeto, como valor jurídico, vem sendo reiteradamente reconhecido como um direito de toda criança e adolescente, tanto pela doutrina como pela jurisprudência, inserindo-o no rol dos direitos da personalidade, decorrente do princípio da dignidade humana. (KREUZ, 2022, p. 35).

Desde o início, nossa pesquisa busca compreender se os sentimentos de simpatia, se fazem presentes nas relações estabelecidas na situação do acolhimento. Consideramos assim, que não há uma busca para compreender os elementos que sustentam as relações entre famílias acolhedoras e acolhidos e que essa busca para compreender fortalece também um argumento jurídico. Embora tenhamos clareza que existem elementos subjetivos nas relações, não há como negar com base na citação acima que encontramos elementos que convergem para a importância que as relações estabelecidas entre famílias acolhedoras e acolhidos tem. Como se pode detalhar a partir dos princípios (regramentos) norteadores, afirma que as crianças/adolescentes devem ser cuidadas e oferece elementos importantes para esse 'olhar' sobre o estabelecimento das relações entre famílias acolhedoras e acolhidos.

Nesse sentido, o próximo tópico pretende abordar se há possibilidade de identificação destes fenômenos de simpatia, nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Ao longo dos próximos tópicos, estão os contornos que os sentimentos de simpatia, e os momentos que estes se fazem presentes receberam suas devidas indicações.

3.5 A aplicação da fenomenologia Scheleriana a serviço da psicologia – um ensaio.

Logo no início dessa dissertação (Cap. 1), dedicamo-nos a fazer uma retomada das bases onde foi elaborada a fenomenologia, criada por Husserl. Ao longo do capítulo I, detalhamos como Max Scheler, a partir do contato com a fenomenologia, passa a elaborar as bases de estruturação de sua ética (embora não acabada). A partir do modo inovador, Scheler fez uso dos conhecimentos que esse movimento filosófico produziu. E foi fazendo uso do método fenomenológico que Scheler passa a 'beber na

fonte' da fenomenologia. Cabe ressaltar que Scheler faz um movimento "paralelo". Ao mesmo tempo em que faz o uso dos conhecimentos da fenomenologia, movimentava-se em um distanciamento, em razão de discordâncias com Husserl. Para esclarecer melhor esse movimento vejamos o que nos diz o autor. (MEISTER, 1994, p. 18). Scheler aceita de Husserl *As Investigações Lógicas*, mas não a visão do livro *Ideias 1913*. Desde o início do contato de Max Scheler, ficavam evidentes algumas divergências, principalmente quanto ao objeto de investigação dos dois filósofos:

Husserl era um lógico visava em seu objeto a investigação da idealidade pensando em elaborar princípios lógicos. Scheler preferia tanto mais o homem preocupava-se principalmente com os problemas do espírito e dos valores. (KAHLMAYER-MERTENS, 2021, p. 61).

Inicialmente, as diferenças não se caracterizam como um problema. Mas, com o passar do tempo, as discordâncias quanto ao objeto de investigação, mostraram-se como uma nova forma de uso da fenomenologia. Com base nesta citação podemos entender a fenomenologia "como caminho" na busca pela essência dos fenômenos. Partindo desta premissa é que Max Scheler faz uso da fenomenologia como método de investigação de outros fenômenos, e estabelece assim, uma fenomenologia das emoções. Ainda sobre a importância que Husserl e seu método fenomenológico tiveram para Scheler:

Foi importante a fenomenologia, porque lhe apresentou um método que veio a preencher uma lacuna adquirida em Jena. Passou a ser um caminho para o seu pensamento e que o acompanhou até o final da vida. (MEISTER, 1994, p. 18).

As buscas de Scheler partem da fenomenologia, mas assumem amplitude, pois além da proposta feita por Husserl, que tinha como objeto de investigação os princípios da lógica, em Scheler, a mesma fenomenologia oferece a nosso filósofo as condições para estabelecer uma nova categoria dentro da fenomenologia: a intencionalidade dos sentimentos. Assim, Scheler encontra outro caminho que visa fenômenos sentimentais e valores. Embora tenhamos apontado as diferenças entre os dois filósofos, há o uso do método fenomenológico, ou da atitude fenomenológica.

Mas a despeito das divergências apontadas pelos dois filósofos – Husserl e Max Scheler- a base comum, encontra-se no solo da busca pelas essências dos fenômenos. Nas palavras de Zahavi (2019):

[...] a fenomenologia pode ser concebida como uma análise filosófica dos diversos modos de aparição e, em articulação com isso, como uma investigação reflexiva das estruturas compreensivas, que permitem aos objetos se mostrarem como aquilo que eles são. A fenomenologia é o estudo das essências: essência da percepção, essência da consciência [...]. (p. 13)

É neste ponto que Scheler realiza a apropriação da fenomenologia como método no 'retorno as coisas mesmas'. Esse movimento lhe permite o acesso a essência do fenômeno e assim, há uma indicação dos primeiros modos de aplicação de uma 'fenomenologia scheleriana', a qual visa os fenômenos emocionais. Agora fazendo uso de uma das 'máximas', estabelecida pela fenomenologia que é fazer sempre o movimento de ir as coisas, ou, "o retorno as coisas mesmas". Quando faz a apropriação da fenomenologia como método, a partir do "retorno as coisas mesmas", Scheler realiza uma maneira de fazer a discriminação das múltiplas formas de simpatia, ou dos fenômenos de simpatia. Scheler inicia seus estudos pela simpatia. Identifica que a simpatia, era colocada junto de alguns outros dos sentimentos altruístas, e era confundida com os sentimentos de amor e ódio.

A possibilidade de uso de uma fenomenologia scheleriana encontra sua forma de uso de cunho prático quando quem opera o método fenomenológico visa os fenômenos sentimentais (ou emocionais), tais como fenômenos de simpatia, como o que buscamos responder na investigação de nossa pesquisa.

Sendo assim, há indicações de opções de "acento prático" e a partir de subsídios metodológicos para a discriminação de sentimentos e emoções.

Consideramos que a questão metodológica envolve sua aplicação principal quando visa os fenômenos sentimentais, importante mencionar que Scheler, diferente de outros filósofos, não tinha um objetivo, ou finalidade de desenvolver fundamentos, ou uma base epistemológica que fundamentasse uma psicologia. Contudo é inegável que suas contribuições para aplicabilidade de uma fenomenologia das emoções oferecem subsídios de acento prático, bem como, condições para identificação fenômenos sentimentais e emocionais.

É digna de nota a seguinte situação, que diante da fenomenologia como exemplifica um dos comentadores sobre a posição de: Husserl foi o criador da fenomenologia, mas como indica Kahlmeyer-Mertens (2021, p.38): "[...] Husserl, entretanto, sendo este o iniciador da fenomenologia, ele ainda não é toda a fenomenologia [...]". Se levarmos em consideração a citação acima, sobre o que

ocorre com os teóricos que fizeram uso da fenomenologia. Em grande medida, os discípulos de Husserl ou filósofos que se guiaram pela fenomenologia, conseguiram fazer deste movimento filosófico, ou, escola de filosofia algo realmente grandioso. Imprimiram na fenomenologia seus conhecimentos, levaram a fenomenologia para os mais diversos campos do saber. Campos esses que não se limitaram adentro da filosofia, mas também, para as áreas do conhecimento como a sociologia, psicologia, antropologia etc. Em grande medida, houve inumeráveis contribuições desta escola filosófica.

Como dito anteriormente, as aproximações de Scheler, com Husserl, também desenham o distanciamento, principalmente no modo de uso da fenomenologia. Em uma citação de Meister (1994, p. 19): “[...] vemos que a fenomenologia é uma filosofia rigorosa, que tem como ponto de partida a vivência. A fenomenologia encontra sua base na intencionalidade da consciência, assim, sustenta-se no terreno da lógica como uma ciência de rigor”. Desta forma, é a partir da intencionalidade da consciência que Husserl elabora seu método fenomenológico que consiste na realização de uma atitude mental que coloca em suspenso o que se apresenta diante de si. Este é o primeiro passo para a operação denominada redução fenomenológica. No segundo movimento é necessário fazer a outra redução fenomenológica: *Epoché*, ir às essências, que é a atitude. Essa operação pode levar à essência. Mas, essa não é a única forma de acesso a intencionalidade (conteúdo intencional). Há ainda uma terceira redução, que é considerada a redução transcendental. Mas há também, questões a serem detalhadas sobre a discordância que Scheler tinha com o criador da fenomenologia. Ao que nos diz Meister sobre as divergências quanto ao modo de uso de método fenomenológico:

A intencionalidade é vista de forma diferente, de acordo com autores. Husserl uso-o em sentido transcendental. Brentano a vê enquanto constitutiva da objetividade do caráter formal do objeto [...]. Em relação a intencionalidade, Scheler pensa como Brentano. Intencionalidade é para eles, a inter-relação constitutiva do sujeito objeto, sem que o primeiro influa na constituição ontológica do objeto, que é independente e indiferente da relação cognitiva. Assim sendo, a fenomenologia é uma análise das estruturas intencionais dadas à vivência. Scheler assumirá essas ideias e as empregará como método puramente intencional. (MEISTER, 1994, p.19).

Sendo assim, o delineamento e o uso da fenomenologia, como também o uso do método de investigação de atos de consciência, assume um papel importante na construção da base teórica de nosso filósofo. Para Scheler, a fenomenologia ofereceu-

lhe a possibilidade de investigar questões que até aquele período da história não tinham sido investigadas com a devida dedicação, como os sentimentos, emoções. De acordo com a citação acima, a aproximação de Scheler com Husserl ocorreu devido a necessidade do método fenomenológico. Mas, a identificação em termos de “modos” de compreensão ocorreu com mais profundidade entre Scheler e outro fenomenólogo muito importante, tanto para Husserl quanto para Scheler. Nas palavras do próprio Scheler que considerava Franz Brentano, efetivamente com seu mestre. Sobre a influência de Brentano sobre Scheler, temos que:

A consciência é para ele ativa em todas as pessoas, não só no sentido psicológico, mas também ético. A consciência ética se dirigirá a experiência das emoções. E da análise das emoções que tiramos o critério do que é correto, e no correto aplicamos nossas preferências. (MEISTER, 1994, p. 20).

É sob a influência das concepções de Brentano que Scheler passa estabelecer as bases de sua Ética. Necessário mencionar que a partir da citação acima desenha-se o que Scheler utiliza posteriormente na hierarquia dos valores como os atos de “preferir e postergar”, os quais tem relação direta com os sentimentos de simpatia. É o sentimento de simpatia que nos diz sobre “preferir” (simpatizar com-) ou, o “afastar” (não simpatizar com-), esta poderá ser a base para a identificação de fenômenos simpatéticos.

Agora, trazendo para o contexto atual e para a situação da nossa pesquisa, que envolve as relações no contexto do acolhimento familiar, fazendo ‘um pinçamento’ sobre o que Scheler elicitou, ainda no intuito de uma aplicabilidade prática. Na identificação de fenômenos simpatéticos, contorna-se uma possibilidade de aplicação. Para compreender estes tipos de fenômenos que ocorrem nas relações humanas, entendemos que há questões a serem respondidas sobre a vivência deste tipo de sentimento. Quem nunca se comoveu (simpatizar com – compaixão) com uma pessoa que está sofrendo dor física, ou, perdeu uma pessoa importante? Com exceção dos casos de pessoas “cruéis e egoístas” – como já citado no capítulo II – as pessoas vivenciam este tipo de sentimento.

Nossa pesquisa, se define a partir de uma pergunta, e que ao do texto procurou-se responder, se sentimentos de simpatia estão presentes nos grupos familiares que estão dispostos, ou, se coloquem a disposição de acolher. Para essa resposta, teremos que fazer outra pergunta. E quem são as famílias acolhedoras? Famílias acolhedoras, são pessoas da comunidade em geral, que se colocam a disposição para

receber em suas residências crianças e adolescentes que precisem de cuidado, *‘famílias da comunidade em geral’*. Ao longo desta pesquisa, detalhamos como os sentimentos de simpatia se fazem presentes nos mais vários tipos de relações. No capítulo II, houve um detalhamento especificando cada um dos tipos de sentimentos de simpatia. Apontamos em nossa pesquisa, que os sentimentos de simpatia, cumprem uma função, de servir como instrumentos de nossa intersubjetividade.

Com base nestes elementos, os sentimentos de simpatia, estão presentes nas formas de relações humanas como um todo. Assim, os sentimentos de simpatia, estarão presentes também, nestas pessoas, ou nos grupos familiares que se propõem a realizar o acolhimento. Mas, também é importante ressaltar que a ocorrência de determinados “tipos” de fenômenos simpatéticos podem ser identificados nas atitudes de proteção e cuidado com os acolhidos, consideramos que nas pessoas que mantêm relações de cuidado, os sentimentos de simpatia se fazem presentes.

A questão principal envolvendo este tópico, definiu-se a partir da pergunta sobre a aplicação de uma fenomenologia scheleriana. Ao longo do texto, realizamos costuras, no sentido de encontrar respostas ou, de indicar se existem essas possibilidades. Mas como esta é uma pesquisa é bibliográfica, caberão novas explorações na busca por esta resposta.

3.6 A psicologia fenomenológica de acento scheleriano, e os fenômenos de simpatia

Como em todas as relações humanas, as interações são permeadas por uma série de elementos de troca, sejam elementos mentais de base cognitiva, racional e elementos da lógica, elementos simbólicos, representações. Há neste sentido também elementos de base emocional que interagem de modo concomitante nas trocas. Desta forma, as questões que envolvem esses elementos afetivos podem ser identificadas nas situações empíricas que podem ser observadas através de atos de cuidado, oferecendo os elementos necessários a desenhar os contornos que tem como objetivo elucidar os questionamentos presentes nesta pesquisa. Sendo assim, o que nos interessa aqui, são os “pontos de conexão” entre os elementos teóricos e conceituais e suas possibilidades de identificação. Neste ponto da pesquisa, trazemos elementos

conceituais e pretendemos fazer uma articulação e em contraponto com a da base teórica de Scheler, com o objetivo de identificarmos os fenômenos de simpatia.

Com o intuito de fazer essa articulação, vamos resgatar alguns elementos que fazem parte dos conceitos estabelecidos por Scheler, referentes a hierarquia dos valores de Scheler, na qual a simpatia tem seu lugar e espaço no nível dos sentimentos vitais – valores vitais. (CARNEIRO & PEQUENO, 2021, p.241). Os valores vitais concernem a todos os seres vivos e abarcam o direito à vida [...]. Como pode-se depreender a partir da citação acima, aqui já existem indicativos que uma pessoa, ou grupo familiar que se coloque a disposição para receber em sua residência uma criança/adolescente que necessite de proteção, já traz alguns elementos que são indicativos da presença destes sentimentos.

Sobre as famílias acolhedoras, quando uma família toma a decisão de se colocar à disposição de inicialmente passar por um processo de seleção – etapa necessária para que a família possa compor o cadastro no serviço de acolhimento – traz consigo alguns elementos indicativos. Há inicialmente algumas fantasias sobre este lugar ‘que é ser uma família acolhedora’, fantasias sobre o ‘acolher’. Para dissipar tais fantasias do senso comum, as famílias precisam passar pela etapa da capacitação. Na capacitação, inicia uma aproximação da família acolhedora candidata, com o ‘fazer’ que é efetivamente o acolhimento.

A capacitação, tem como objetivo preparar, clarear, fundamentar e principalmente colocar os participantes em um lugar de contato real, com as situações que envolvem o acolhimento. As exigências, que estão dispostas na legislação que tem como objetivo oferecer um espaço protetivo para os acolhidos. Sobre a capacitação, esse momento já pode oferecer situações em que os sentimentos de simpatia, estejam presentes. Como esta se caracteriza uma etapa teórica, mas de ocorrem em longos períodos, podem surgir elementos para a identificação nas famílias interessadas existem possibilidades.

Ressaltamos que a preparação de uma família acolhedora é um processo contínuo, não se esgota com a capacitação. É na convivência diária que uma família acolhedora, irá ser capaz de concluir, se realmente se identifica com o fazer do acolhimento familiar. É na convivência diária entre uma família acolhedora e um acolhido em que as trocas irão surgir. Também é na convivência que ocorreram

situações em que os atos de cuidado ocorreram; assim, em compasso com Carneiro & Pequeno (2021):

[...] conceber o cuidar como um valor na perspectiva scheleriana significa também abandonar uma lógica estritamente racional e assumir a compreensão de que o ato de cuidar não pode estar desprovido ou dissociado das emoções. Nesse sentido, o cuidar do outro se defronta com diversas emoções, como compaixão, a alegria, o amor, a empatia. (p. 267)

Até esta etapa da pesquisa, consideramos que sentimentos de simpatia ocorrem em determinadas situações. Os sentimentos não estão descolados do mundo, eles ocorrem simultaneamente, ou, à medida que as vivências vão se sobrepondo e isso significa que os sentimentos de simpatia não ocorrem isoladamente, eles se fazem presentes no fluxo das relações e em dado momento há o aparecimento de sentimentos de simpatia. Dessa forma, há indicativos que os sentimentos de simpatia se mostram em situações específicas, nas quais, a criança/adolescente encontra-se em uma situação de fragilidade – física, emocional, intelectual, e de saúde.

Há nessa situação o momento “ideal” para que o psicólogo possa identificar a presença em maior e menor grau do aparecimento de sentimentos de simpatia “a participação ôntica em sua existência por obra da Co execução (pensar, querer, sentir com o outro, pensar e sentir o mesmo que o outro” (CARNEIRO & PEQUENO, 2021 p, 24) Fazendo uma articulação com as possibilidades de identificação de sentimentos de simpatia. Há nesse sentido, o – sentir com – que trazem consigo elementos de dimensão empírica, passíveis de observação por meio de atos ou atitudes de cuidado e proteção.

Como apontado em tópicos anteriores de nossa pesquisa, Scheler baseou-se para elaboração de sua ética em um de seus mestres, Franz Brentano. Neste sentido, Scheler, compartilha com seu mestre algumas concepções semelhantes na compreensão da ética. Sendo assim, se pudéssemos fundamentar, o que dissemos sobre atos de cuidado e buscarmos respaldo no que nos diz um dos comentadores sobre a prática ética por meio dos atos de cuidado, e que encontram respaldo no que é definido por ser correto. (MEISTER, 1994, p. 29). Sobre a ética e a relação de cuidado. [...] a consciência ética se dirigirá a experiência das emoções. E é da análise das emoções que tiramos critérios do que é correto, e no correto aplicamos nossa preferência.

Nossa pesquisa, se propôs a uma imersão teórica, com o intuito de compreender o significado e a importância dos chamados sentimentos de simpatia. Tinha uma proposta, em pano de fundo, encontrar possibilidades de aplicação prática. Até aqui, acreditamos haver contornos, mas que poderão ser mais bem explorados de acordo com aprofundamentos sobre os conceitos. Temos a clareza de que não é uma tarefa simples, desdobrar conceitos complexos em uma articulação com questões práticas. Mas, é como a fenomenologia vem mostrando ao longo dos anos a versatilidade para sua aplicação nas mais diversas áreas do saber. Desta forma, consideramos que há aproximações possíveis, e com a fenomenologia encontramos o caminho para investigar os fenômenos emocionais.

Articulando com conceitos teóricos citados ao longo de nossa pesquisa. *É na experiência fenomenológica que ocorre a apreensão das essências por meio do seu correlato intencional.* Se pudéssemos encontrar um ponto de aproximação, situaríamos nos atos de cuidado ou atitudes de cuidado, os quais pode-se identificar o aparecimento de sentimentos de simpatia, ou simpatizar com, ou sentir com o outro, encontram sua expressão. E na dimensão empírica encontramos formas de observar tais situações.

3.7 A identificação de fenômenos de simpatia nas relações de famílias acolhedoras

Antes de iniciarmos propriamente o presente ensaio, e insinuar uma resposta para a dúvida que norteia este tópico, sobre a possibilidade da identificação da existência de sentimentos de simpatia nas relações de acolhimento.

Consideramos oportuno algum apontamento, concernentes a atuação do psicólogo nestes espaços. Nossa pesquisa, inicia com uma pergunta sobre a existência de sentimentos de simpatia entre famílias acolhedoras e acolhidos. Mas, antes de elucidar a pergunta é oportuno indicar o que oferece as condições ou possibilidade de um profissional da psicologia ter as condições de identificar a existências de determinados fenômenos sentimentais. Se pudemos elencar sobre o que é fundamental para o profissional da psicologia, ter condições, em primeiro lugar é ter uma base teórica consolidada. Uma base teórica consolidada, oferece um método para investigação, que caracteriza no instrumento o qual o profissional da

psicologia acessa os aspectos que se encontram sob sua avaliação. Em nossa pesquisa, detalhamos que Scheler utilizou a fenomenologia para realizar suas investigações. Contudo, nossa pesquisa oferece um dos caminhos possíveis de acesso, não se esgotando aqui, a necessidade de outras pesquisas sobre o tema. Outro ponto fundamental, passa por uma conduta ética bem estabelecida para que o profissional possa desenvolver suas avaliações. Consideramos que uma base teórica consolidada permitirá ao profissional da psicologia que este utilize para as suas avaliações um método que permita o acesso aos fenômenos sentimentais e, assim, possa formular suas avaliações.

Consideramos que estes consistem nos elementos fundamentais para que o profissional da psicologia possa desenvolver seu trabalho e oferecer uma resposta ao questionamento que norteia este tópico, sobre a existência de sentimentos de simpatia.

Não menos importante, enumeramos o segundo ponto. Este tem relação com o espaço de atuação do profissional da psicologia. Neste recorte para nossa pesquisa, selecionamos - as relações entre famílias acolhedoras e acolhidos na situação de acolhimento. Neste segundo ponto, pretendemos indicar algumas condições para a atuação do psicólogo nestes espaços. Temos a clareza que a psicologia é bastante diversa em seus modos de atuação.

Sendo assim, além da base teórica consolidada, o profissional da psicologia deverá ter em seu arcabouço teórico, conhecimentos sobre a Política Pública de Assistência Social, também noções sobre legislações pertinentes ao trabalho (Constituição Federal, Estatuto da Criança e Adolescente etc.).

Importante ressaltar que a compreensão sobre a Política Pública de Assistência Social, assim como as noções sobre as legislações pertinentes cumprem um papel de nortear a atuação do psicólogo, para que o mesmo, além dos fundamentos da psicologia, também seja um ator do sistema de garantias de direito. Tendo esclarecidos os primeiros pontos iniciamos a articulação sobre a forma de atuação do psicólogo.

A atuação do psicólogo nos espaços da política pública de assistência social, mais delimitadamente no espaço do serviço de acolhimento, vem mostrando cada vez mais sua relevância dada a complexidade que envolve um aumento expressivo de crianças que necessitam dos atendimentos das Políticas Públicas de Assistência

Social. Devido a esses aumentos, há a necessidade de algumas crianças/adolescentes serem afastados do convívio familiar devido a uma série de situações. Assim, há a necessidade da compreensão destes aspectos subjetivos com o objetivo de produzir reflexões e posteriores avaliações destes aspectos. Também, no mesmo escopo de atuação encontra-se a demanda que requer oferecer suporte (através de escuta e encaminhamento para os atendimentos para redes de proteção) para as crianças/adolescentes, famílias biológicas e famílias acolhedoras.

Destacamos que as questões que levam uma criança ser afastada do convívio familiar, envolvem uma gama de situações que vão desde os mais variados tipos de violência e abandono, a questões que envolvem certos tipos de negligências, omissões, entre outros. Neste sentido, o profissional da psicologia que esteja inserido neste campo de atuação, terá como desafio enfrentar demandas com este tipo de complexidade.

Como detalhado ao longo de nossa pesquisa, os pressupostos teóricos elaborados por Scheler, tinham em seu principal objetivo a formulação de uma teoria do valor, a qual pudesse oferecer a base para a elaboração de uma ética. Para Scheler o valor tem um papel central em sua obra. Mas, em que medida isso é relevante para nossa pesquisa? Nosso propósito, desde o início é deslindar o que margeia os conceitos elaborados por Scheler e que possa corroborar para nossas perspectivas nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Assim, optamos por selecionar recortes de momentos específicos das relações que ocorrem entre uma família acolhedora e os acolhidos. E, assim, identificando os de sentimentos de simpatia. É por meio dos sentimentos de simpatia, que os valores são captados, através dos atos de preferir e postergar. O simpatizar com que está diretamente ligado aos atos de preferir e postergar. É no “sentir com o outro” que o ser humano se coloca e contato com o que o outro humano sente. O “sentir com”, pode colocar em contato com a dor ou a alegria do outro, é essa uma das formas do sentimento de simpatia se manifestar é o sentimento de simpatia, o primeiro a chegar.

Importante ressaltar que deste ponto adiante nos propomos a elaborar um ‘ensaio’, partindo dos conceitos e da base teórica elaborada por Scheler, o qual realiza uma fenomenologia das emoções, quando analisa as formas dos sentimentos de simpatia. Assim, temos como propósito elaborar uma forma de ‘aproximação’, ou, ‘conexão’ entre pontos da base teórica elaborada por Scheler com questões passíveis

de observações empíricas, e em situações que o psicólogo possa se deparar em suas atuações. Mas, antes de adentrarmos nos conceitos elaborados por Scheler, vamos examinar uma das necessidades, na atuação do psicólogo.

Em que pese, a atuação do psicólogo, traz consigo algo que é próprio da psicologia: a necessidade da elaboração de algum tipo de avaliação. É importante frisar que, em nossa pesquisa, não temos por objetivo indicar ou debater sobre questões que envolvam as avaliações. Mas, consideramos que em alguma medida haverá elementos a convergir para que ocorra uma avaliação. Nossa pesquisa, se propõe a encontrar aproximações, e como consequência, a identificação de sentimentos de simpatia. O objetivo desse clareamento é que é importante que as pessoas que tenham interesse em compor o cadastro em um serviço de acolhimento expressem essas formas de sentimentos de simpatia.

Sendo assim, consideramos que a base teórica proposta por Scheler pode oferecer subsídio ou até elementos capazes de ser captados por processos de avaliação. A identificação dos sentimentos de simpatia pode constituir um elemento do processo.

Como apontado no texto, na atuação, o psicólogo traz consigo a necessidade de elaborar as avaliações. É importante ressaltar que não é nosso propósito em nossa pesquisa debater ou, propor questões atinentes, às avaliações, mas sim sinalizar que em alguma medida esses elementos se farão presentes.

A identificação dos sentimentos de simpatia poderá oferecer elementos importantes quando o psicólogo realizar as avaliações no processo de seleção das famílias acolhedoras, visto que este trará uma informação importante para a compreensão de características psicológicas da pessoa, ou, até mesmo, do grupo familiar em questão. Vejamos uma das indicações do que é necessário para a elaboração de um processo de avaliação (Cartilha Avaliação Psicológica, 2013 , p, 14). Essas características podem se referir à forma como as pessoas virão a desempenhar uma atividade.

Em nossa pesquisa, nos propusemos a elaborar um ensaio que tem como objetivo estruturar os pilares conceituais para uma caminhada com o propósito de identificar os sentimentos de simpatia e, a partir desta identificação, considerar essa uma habilidade desejada para pessoas que se propunham ou estejam dispostas a realizar os acolhimentos. No acolhimento, essa habilidade é considerada 'desejada'.

Vejam os autores, (Kreuz, S. L; Cerutti, N, F; e Velasco, C, C,F, B ; p, 55, 2021): (...) a família acolhedora deverá estar apta para reconhecer e abordar coerentemente a dificuldade apresentada de forma a não revitimizar o protegido. A tolerância e empatia são características a serem desenvolvidas (...).

Como apontado no início do Capítulo 3, no qual realizamos um detalhamento de como ocorre a operacionalização do serviço e, em alguma medida como ocorre um acolhimento propriamente dito. Neste detalhamento, indicamos que uma das importantes etapas para que uma família seja selecionada e passe a compor o cadastro de acolhimento familiar é o processo de seleção. É neste processo de seleção que o profissional de psicologia poderá identificar a existência ou a expressão de sentimentos de simpatia, esses que serão de muita relevância no estabelecimento das relações dentre Família Acolhedora e acolhidos.

Embora não seja objeto de nossa investigação de nossa pesquisa, “o cuidado”, constituído como um elemento presente e uma forma de expressão de sentimento de simpatia, visto que, encontramos aproximações entre sentimentos de simpatia e atos de cuidado, como mencionado em textos anteriores. Consideramos, também, que dada a escassez de produções acadêmicas sobre o tema, as relações no acolhimento familiar, as questões que envolvem essas aproximações entre cuidado e sentimento de simpatia, precisam ser melhor desenvolvidas, não sendo o nosso propósito nesta pesquisa.

Há ainda, um ponto importante a ser mencionado, antes de finalizarmos o presente tópico que precisa ser detalhado. Como nos propusemos encontrar aproximações entre conceitos e práticas (base empírica), consideramos importante mencionar que para um processo de avaliação dentro da psicologia necessitamos de uma operação metodológica. Para identificar os sentimentos de simpatia, necessitamos de um caminho. Considerando este método, no início deste capítulo 3, nos propusemos a elaborar um ensaio com o propósito de indicar a fenomenologia ou, o método fenomenológico como o caminho metodológico para identificar sentimentos de simpatia nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Sendo assim, nossa pesquisa, se encaminha para a finalização. Desta forma, consideramos que a fenomenologia, ou o método fenomenológico, nos possibilita o caminho necessário para a identificação destes sentimentos de simpatia que teremos as condições visto que como apontado acima, torna-se importante identificar.

Com base no enunciado deste tópico do texto, apontamos o conjunto de condições que oferecem a possibilidade de identificar os sentimentos de simpatia.

3.8 A Simpatia como elemento central no estabelecimento das relações no espaço de acolhimento familiar

O interesse original de nossa pesquisa, foi definido com o objetivo de compreender se os sentimentos de simpatia eram presentes nas relações de acolhimento familiar. O detalhamento do que é um serviço de acolhimento e uma família acolhedora encontra-se no primeiro tópico deste capítulo III.

Mas, antes de iniciarmos o detalhamento, e articulação teórica, consideramos oportuno indicar sobre o nosso interesse que levou à realização da presente pesquisa. Compreendemos que trazer elementos de fala sobre experiência é pouco usual dentro da filosofia. Da mesma forma o seremos no relato de experiência na atuação dentro de um serviço de acolhimento.

Como dito no início deste Capítulo III, o acolhimento familiar, é uma modalidade de acolhimento relativamente recente no Brasil. Ao menos, no que tange a este modelo, operado e mediado por uma Política Pública. Nossa experiência com o acolhimento familiar inicia no ano de 2009. Após reformulações dentro da Política de Assistência Social, fomos destacados para realizar os acompanhamentos com famílias acolhedoras. Mas, se atualmente carecemos de referenciais teóricos e de pesquisas, sobre o acolhimento familiar, naquele período, não encontramos nenhuma publicação, tampouco outros serviços ou profissionais que pudessem oferecer e compartilhar experiências sobre o atendimento nos serviços de acolhimento.

Surgia assim, na “ausência” uma angústia que se tornou presente ao longo destes anos e “nela” o “motor da ação” e que hoje, em alguma medida acalma, com a conclusão da presente pesquisa. Atuamos há 14 anos com acolhimentos familiares. Ao longo destes anos, totalizam-se aproximadamente 120 acolhimentos. Com o passar do tempo, a ausência de referências teóricas foi preenchida pela experiência e vivências. Mas ainda não era suficiente. Havia a necessidade de problematizar sobre questões pertinentes ao acolhimento. Desta forma, temos a clareza que foi a falta de referenciais teóricos e práticos que respaldassem a atuação dos psicólogos nestes serviços que nos motivou para a realização da presente pesquisa.

Temos a clareza de que nossa pesquisa não trará “todas as respostas”. Não temos essa pretensão. Mas oferecerá contribuições sobre o tema acolhimento familiar, e trará contribuições para a produção de conhecimento nesta área que ainda carece de novas pesquisas sobre o tema. Como forma de ilustrar situações em que identificamos a presença de sentimentos de simpatia, ou fenômenos simpatéticos, optamos por fazer recortes de situações em que identificamos a presença destes sentimentos. Agora, iniciando este tópico de nossa pesquisa com o objetivo de estabelecer conexões ou aproximações em situações que fenômenos simpatéticos podem ser identificados e, também, se estes são presentes nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Julgamos necessário lembrar o que são considerados sentimentos simpatéticos, para que só posteriormente possamos fazer essa ‘costura’.

Os sentimentos simpatéticos, caracterizam-se por no mínimo quatro tipos de expressões afetivas: o sentir com o outro; o simpatizar com (congratulação compaixão); o contágio afetivo; e a fusão emocional ou, a verdadeira empatia. Este conjunto de sentimentos, ao longo da história encontrava-se em uma “desordem” conceitual. Entre uma das grandes contribuições de Scheler está o fato de ‘desambiguar’ o sentido da palavra simpatia. Mas não cessa nesta situação as contribuições de Scheler, que se dedica a discriminar os sentimentos de simpatia e, conseqüentemente, estabelece algumas definições sobre o que esses sentimentos são. Os sentimentos de simpatia, se configuram como ‘componentes participativos’, ou ‘conectivos’ e se fazem presentes em um tipo de gramática dos sentimentos. E qual a finalidade desta gramática dos sentimentos? Vejamos o nos dizem Carneiro & Pequeno (2021):

Para Scheler, um processo análogo ocorre com a percepção, as emoções e suas formas de expressão, as quais possuem uma linguagem própria, o que ele denomina de “gramática de sentimentos”. A função desta chamada gramática dos sentimentos consiste em Deste modo, trata-se de compreender as formas de expressão de uma linguagem comum a todos. (p. 224)

Na gramática dos sentimentos ocorre um tipo de regramento para os sentimentos. Uma linguagem dos sentimentos assumindo um caráter universal. E, desta forma, os sentimentos de simpatia compoariam a chamada gramática dos sentimentos. Mas e qual a função da simpatia, nesta gramática dos sentimentos? Para Scheler [...] a simpatia é a estrutura emocional pela qual temos acesso ao mundo do outro. Neste sentido, a simpatia cumpre uma função – como que tipo de ‘conectivo’.

Nas palavras do próprio Scheler (1957, p, 30): “[...] todo simpatizar implica a intenção de sentir a dor e alegria pela vivência do próximo.”

Ao longo de nossa pesquisa, nos dedicamos a compreender o significado dos conceitos estabelecidos por Scheler na tarefa de encontrar pontos de conexão ou aproximações que estes conceitos têm com os sentimentos de simpatia e se estes tinham as mesmas ligações que as expressões cotidianas de vivências cotidianas. Portanto, consideramos que sem sombra de dúvidas, essa foi a tarefa mais árdua de toda nossa pesquisa. Encontrar conexões, entre os conceitos estabelecidos por Scheler e possibilidades de elaborar ‘leituras’ nas vivências práticas. Na busca para encontrar pontos de conexão, resgatamos um elemento que se fez presente no período em que a pesquisa ainda era projeto, consideramos que, em alguma medida, haveria uma dimensão empírica a ser vislumbrada nesta etapa final. Ainda sobre as possibilidades de ‘leituras’.

Nosso entendimento sobre os conceitos estabelecidos por Scheler, foram lentamente se ‘desvelando’ diante de nossos olhos. À medida em que esse entendimento assumiria seus contornos como no entendimento do: sentir - com - o outro e do simpatiza-com (compaixão-congratulação), as vivências observadas no atendimento dos acolhimentos foram assumindo outros nomes. Compreendemos, o que é a vivência de dor do outro. Compreendemos, o que é a vivência de dor de alguém que perdeu um ente querido. Conseguimos compreender com base nos sentimentos de simpatia.

Na prática de atendimento, em ocorrências cotidianas de atendimento, nos acolhimentos, nos deparamos com muita frequência com situações em que esses sentimentos se fazem presentes, embora consideremos que, antes da elaboração de nossa pesquisa esses sentimentos se apresentavam de modo confuso, ou até misturado a dor do outro, mas, estavam presentes em momentos específicos. Sentir a do outro, não é algo estranho ou algo descolado da experiência de vida dos humanos.

Se buscarmos referências em acontecimentos na história, teremos diversos fatos históricos que corroboram nossa afirmação. Momentos, em que nos sentimos compadecidos ou tivemos sentimentos de compaixão (por meio de contágio emocional).

Em uma referência bastante recente da história podemos citar a Pandemia por COVID. Qual ser humano, não veio as lágrimas diante de uma das imagens mais perturbadoras que tivemos acesso, quando a pandemia se alastrava na Itália? A cena de um comboio de caminhões do exército que carregava os caixões, levado os mortos por COVID para os atos fúnebres. Outra imagem que marcou tristemente e que causou forte comoção: uma escavadeira abriu as covas em um terreno no Estado de São Paulo. As covas abertas, mostravam o cenário apavorante, o preparo das covas para receber diariamente, muitos mortos. Quem não se comoveu ao ouvir as notícias de quatro mil mortes em um único dia? Este é apenas um recorte de uma tragédia recente que mobilizou milhões a sentirem-se comovidos com a dor do outro (sentimentos de compaixão).

Temos a clareza que este exemplo retrata apenas um dos muitos fatos históricos que podem ser usados como exemplo de situações em que os sentimentos de simpatia, se fizeram presentes (no coletivo). Esse foi apenas um exemplo para ilustrar o quanto os sentimentos de simpatia encontram espaço na contemporaneidade. Mas vamos nos detalhar sobre o tema de nossa pesquisa. À medida em que as compreensões dos conceitos elaborados por Max Scheler eram desveladas, os acontecimentos de situações que esses sentimentos aparecem eram refletidos. De forma pontual, as relações, ou as interações humanas, ocorrem em fluxo. Quando nos propomos a identificar os sentimentos de simpatia, devemos considerar que esses sentimentos não aconteçam em exclusividade. Os sentimentos ocorrem concomitantemente a outros com outros sentimentos, como em todas as relações humanas. Assim como o aparecimento de sentimentos de simpatia, haverá momentos em que outras habilidades serão requisitadas e assumirão um protagonismo.

Como situado em tópicos anteriores, 'é nos atos de cuidado' - físico, emocional, intelectual, e saúde – que se encontra, uma das formas de expressão de sentimentos de simpatia, recapitulando que em nossa pesquisa há uma dimensão 'empírica' para identificação destes sentimentos de simpatia.

De acordo com Scheler, o sentimento de simpatia cumpre uma função, serve a um propósito, como um 'instrumento da intersubjetividade'. Voltando ao tema de nossa pesquisa, as famílias acolhedoras e as relações com os acolhidos. A partir desta citação, elencamos um tipo de habilidade a ser buscada no grupo familiar que esteja

disposto a fazer acolhimentos de criança/adolescente. Nas famílias, a capacidade percepção dos sentimentos do outro, deverá ser presente. Contextualizando teoricamente, avalia Costa (1996, p. 57):

“[...] o fenômeno autêntico da simpatia, por estranho que pareça, é o fato de se poder perceber afetivamente os sentimentos dos outros. Identificar esse sentimento, pode oferecer um valioso recurso, quando as equipes de atendimento buscam por famílias acolhedoras que se proponham fazer parte do cadastro dos serviços de acolhimento.”

A citação acima, oferece um ponto de apoio importante para o questionamento que inicia este tópico da pesquisa, sobre a simpatia ser um elemento central no estabelecimento das relações de acolhimento? Antes de respondermos a essa questão, precisamos fazer um detalhamento sobre um outro ‘achado’ que nossa pesquisa nos trouxe que é os atos de cuidado. Buscávamos respostas sobre os sentimentos de simpatia. Mas a pesquisa, nos levou a lugares como a questão do cuidado.

Sendo assim, embora tenhamos a clareza que o cuidado aqui, não é tratado com devida dedicação ao longo desta pesquisa. Precisamos apontar que, à medida em que avançamos na compreensão dos conceitos de simpatia estabelecidos por Scheler, entendemos que a dimensão concreta dos sentimentos de simpatia, e que estes podem ter relação com atos de cuidado. Nesta etapa da pesquisa, não consideramos oportuno fazer um desdobramento para entender a questão do cuidado. Esta será uma questão que permanecerá em aberto em nossa pesquisa. Assim, o cuidado aqui será tratado de forma pontual, sem a devida profundidade que o tema exige. Ao que nos dizem Carneiro & Pequeno (2021):

“[...] o cuidar não pode estar desprovido ou dissociado das emoções [...] o cuidar do outro se defronta com diversas emoções, como compaixão, a alegria, o amor, a empatia. Assim, para que haja o cuidar, é preciso uma conexão capaz de fazer a pessoa sentir a realidade (a experiência) do outro, colocar-se em seu lugar. (p. 267).

A citação acima, fundamenta a questão do cuidar a partir de sentimentos e emoções. E a percepção do outro, como elemento central dos atos de cuidar. Mas em que medida a questão do cuidado tem relação com o acolhimento familiar. O cuidado, também se expressa em atitudes, o que coloca os sentimentos de simpatia como um dos fundamentos do cuidar.

Nossa pesquisa nasce de uma série de lacunas teóricas que oferecem condições de fundamentar a prática do psicólogo neste campo de atuação: os serviços de acolhimento familiar.

Como dito no início deste capítulo, esta é uma modalidade de atendimento, relativamente recente no país. Dessa forma, carece de pesquisas sobre o tema, e sobre os desdobramentos, bem como, subsídios teóricos para esta modalidade de atuação. Sendo assim quando iniciamos a pesquisa, um dos objetivos, tinha como norte investigar sobre os fenômenos simpatéticos e oferecer, assim, subsídios teóricos para quem atua nesta área de acolhimento familiar. Na sequência, pretendemos articular sobre as situações que ocorrem no acolhimento e onde, os atos de cuidado podem ser observados. Optamos por fazer recortes de situações, que ocorrem durante a rotina de trabalho no serviço de acolhimento. As situações descritas abaixo, se propõem a indicar as situações que os sentimentos de simpatizar com (compaixão) são presentes.

O acolhimento é um lugar, é uma situação, uma condição. Nesta condição, a criança/adolescente chega em uma vivência de dor. A chegada da criança/adolescente ao acolhimento, caracteriza-se pela ruptura com a família biológica. Uma sequência de perdas significativas, a perda de sua rotina, as mudanças de hábitos de vida, que mesmo com esforço se impõem na chegada da criança/adolescente. Esse conjunto de situações se impõe e causa uma fragilidade extrema para a criança/adolescente.

É nesta circunstância que a família acolhedora irá perceber a fragilidade da criança/adolescente. E é na identificação das necessidades desta criança/adolescente que se expressam os atos de cuidado. É este o momento em que ocorre a conexão. Em outros momentos, haverá sentimentos de simpatia, mas é nesta circunstância que o *simpatizar com-* (compaixão) assume o seu lugar na relação.

Como dito anteriormente, haverá momentos em que os sentimentos de simpatia assumirão seu protagonismo. Como na situação acima descrita que serve para situarmos o aparecimento deste de sentimentos de simpatia. Optamos por selecionar algumas situações para ilustrar nossa fala.

Um dos momentos importantes em que os sentimentos de simpatia estão presentes na relação, como no exemplo acima, a chegada da criança/adolescente na residência é um desses momentos. Na chegada da criança à residência, a criança/adolescente encontram-se em um dos momentos de grande fragilidade.

Em um outro recorte para ilustrarmos a presença dos sentimentos de simpatia -compaixão- que assumem protagonismo (na impossibilidade do retorno para a família biológica), inicia-se a preparação da criança para uma adoção. Nesta etapa, a família acolhedora vivencia um turbilhão de sentimentos.

Durante todo o período de preparação para a adoção – a preparação para adoção é realizada pelas equipes de atendimento do acolhimento, e a busca e preparação é realizada pelas equipes técnicas das Varas de Infância – a família acolhedora que atende a criança vivencia nesta situação sentimentos de compaixão (pela dor da ruptura com a família acolhedora). Simultaneamente também existem sentimentos de simpatizar- com por congratulação (alegrar-se com a alegria do outro). Isso ocorre quando a família acolhedora tem uma expectativa de que a criança possa encontrar uma família de forma definitiva, visto que a criança está em preparação para uma adoção.

Em outro recorte, para ilustrar a presença de sentimentos simpatéticos, a rotina do acolhimento, se desenvolve em etapas. E, dessa forma, os sentimentos de compaixão ora se sobressaem, ora não estarão presentes. Há momentos específicos dos atendimentos, que os sentimentos de simpatia estarão presentes.

Como detalhado no Capítulo II, há formas de simpatia. O simpatizar com, também tem a forma de simpatizar com pela alegria. Nesta forma de simpatia, alegrar-se com a alegria alheia também é presente nas relações de acolhimento familiar. Em um outro recorte, vamos descrever situações em que o congratular-se se faz presente.

O congratular-se aparece frequências quando os acolhidos já não estão mais na residência da família acolhedora. Em muitos casos as crianças e adolescentes são reintegrados com as famílias biológicas. Após o retorno não é incomum que os acolhidos voltem à residência da família acolhedora para fazer uma visita. Nestes casos, os adolescentes retornam e trazem notícias de como vem conduzindo a vida. Relatando as conquistas. Nos casos dos adolescentes, eles verbalizam sobre a importância que o cuidado recebido da família acolhedora foi importante. Relatam como aquele cuidado foi importante para que os eles conseguissem ir em busca de suas realizações.

Quando as famílias acolhedoras que recebem as notícias, sobre as realizações dos que estiveram sob os cuidados da família, relatam uma grande alegria. Saber que aquele momento nas suas residências teve um significado para aquela

criança/adolescente traz um sentimento de alegrar-se pela alegria do outro. Ao verbalizar as histórias dos adolescentes que voltam para contar suas histórias é possível identificar a expressão de alegria. A constatação que a dedicação e cuidado produziu algo muito importante na vida destes ex-acolhidos.

Esses recortes, selecionados apontam que os sentimentos de simpatia estão presentes nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Mas, consideramos, que há momentos - neste período do acolhimento- em que podemos identificar esses sentimentos de simpatia. Diferentes áreas do conhecimento que produzem respostas exatas, nas áreas de humanas, as conclusões se apresentam por meio de aproximações.

E o porquê de investigarmos se a simpatia tem um papel central no estabelecimento das relações de acolhimento? A família acolhedora, cumpre uma função de cuidado quando a criança/adolescente chegam em suas residências. Com base nos conceitos elaborados por Scheler, os sentimentos que fundamentam valores vitais que permitem a uma pessoa ser capaz de ter atitudes éticas de proteção à vida. Assim, os contornos envolvem a decisão de fazer um o cuidado, ou, o ato de cuidado tem em seu fundamento os sentimentos de simpatia. Há sem dúvida uma ligação entre os sentimentos de simpatia e o ato de cuidar.

Chegado ao fim desse *terceiro e último capítulo*, estamos certos de ter caracterizado o que chamamos de acolhimento familiar, sua atribuição e execução, em vista da Política Pública Brasileira de Assistência Social. Só após isso foi possível analisar a possibilidade de aplicar a fenomenologia de Max Scheler neste campo prático. Nesse caso, entrevendo algo que poderia se constituir como uma psicologia-fenomenológica de matriz scheleriana e a possibilidade de esta guardar atenção a fenômenos como o da simpatia, estar presente e atuante na relação entre famílias acolhedoras e acolhidos. O esforço, ao fim, foi o de identificar se nessas relações o sentimento da simpatia era elemento atuante no estabelecimento dos laços sentimentais entre famílias acolhedoras e acolhidos, o que julgamos ter obtido. Cumprida essa etapa, passemos agora ao rol de nossas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as referências encontradas nos textos por nós utilizados na elaboração da presente pesquisa e, em todos esses, houve a concordância unânime do quanto Max Scheler é um pensador original, arrojado e com contribuições a nossa época atual. Também identificamos referências a respeito da versatilidade de sua obra filosófica, que contempla diversos conceitos, temas e análises pertencentes a mais de uma área do saber: filosofia, antropologia, sociologia, teologia e até ensejos a uma *psicologia*. Isso foi razão suficiente para justificar nosso propósito de pensar com Scheler uma atuação junto ao terreno circunstanciado nessa pesquisa.

Ainda no início de nosso contato com a filosofia scheleriana, especialmente na mediação de seus principais comentadores, não compreendíamos ao certo a razão de todos os elogios dirigidos ao filósofo. No entanto, já compreendíamos que, para fazer jus à importância deste, nossa tarefa, mesmo ainda em fase de projeto, necessitaria passar pelo trabalho de fazer Scheler corresponder a uma missão própria aos nossos dias. Entendíamos que isso poderia ser um esforço no sentido de retirar sua filosofia da zona de indiferença que Scheler, hoje, em nosso país (e mesmo fora dele), se situa. Se isso se apresentava como um propósito (mesmo que não declarado categoricamente entre nossos objetivos metodológicos), então, *julgamos tê-lo atingido*.

Trazer para a atualidade as ideias do filósofo, contudo não se resume a estas considerações sobre sua importância, e foi por isso que se tornou necessário o aprofundamento da compreensão dos sentimentos de simpatia. Por meio desse, tivemos a oportunidade de identificar como algumas formas de simpatia “conversam”, por exemplo, com vários dos fenômenos de massa da atualidade. Mas, para que pudéssemos chegar a compreensão das ideias de nosso filósofo no escopo de nossa investigação, iniciamos a primeira parte de nossa pesquisa fazendo um resgate das bases nas quais Max Scheler apoiou-se para elaborar sua *ética* e sua *antropologia filosófica*.

Durante um tempo, ocupamo-nos da apresentação e da aproximação que Scheler teve com uma das escolas filosóficas mais relevantes do século XX, a fenomenologia. Discriminamos as aproximações e os distanciamentos que Max Scheler teve com o criador da fenomenologia, Edmund Husserl. Noticiamos como

Scheler se aproximou da fenomenologia, criando, com ela, uma *teoria fenomenológica do valor*. Ainda sobre esse modo de filosofar que a fenomenologia trouxe, estabelecemos o ponto de partida de Husserl a uma forma de filosofar por meio do conceito de *intencionalidade*, resgatado por um psicólogo chamado de Franz Brentano. Detalhamos como Husserl, a partir deste conceito elabora uma das mais brilhantes refutações na filosofia, a qual se centra em combater as concepções anti-naturalistas e o psicologismo, o qual tinha a pretensão de servir de fundamento e base para a lógica.

Indicamos que a partir da publicação das *Investigações Lógicas* (1900) de Husserl, este filósofo passa atrair numerosos pensadores, entre eles estão Scheler, Edith Stein, Hartmann, Heidegger... É nesta fase que Max Scheler tem seu primeiro contato com Husserl e com a fenomenologia. Esclarecemos que o contato inicial de Scheler com a fenomenologia ofereceu ao filósofo nova visão acerca dos valores e colocou Scheler diante desse modo inovador de filosofar e a partir de influências consolidadas de outros pensadores. Scheler usa a fenomenologia e passa assim a elaborar a base de uma ética e uma teoria do valor. Assim, detalhamos que foi a partir do contato com a fenomenologia que os estudos sobre os sentimentos de simpatia assumiram papel central na filosofia de Max Scheler.

Desta forma, no *segundo capítulo*, efetuamos um detalhamento das formas de simpatia, com base na obra *Essência e Formas de Simpatia* (1923). Apoiados nessas nos concentramos em apresentar definição do que é simpatia. Também elaboramos, com base na mesma obra, uma definição das funções dos chamados “fenômenos simpatéticos”, de acordo com os pressupostos de Scheler (e apoiados na literatura sobre o filósofo). A forma como estes sentimentos participam da avaliação e da percepção do outro. Após elaborado o detalhamento sobre as formas de simpatia, iniciamos um “ensaio” com vistas a responder as questões que brotam de nosso tema de pesquisa: *as relações entre famílias acolhedoras e seus acolhidos*.

Buscamos, assim, respostas para a questão norteadora de nossa pesquisa. Com esse objetivo em vista, no detalhamento do segundo capítulo (à medida em que os conceitos de nosso autor assumiam seus contornos) passamos a identificar quando os sentimentos de simpatia se fazem presentes nas relações entre famílias acolhedoras e acolhidos. Tal identificação foi necessária para que pudéssemos dar forma ao capítulo seguinte. A partir de nossas leituras, à medida em que a

compreensão sobre os conceitos elaborados por Max Scheler tornava-se mais compreensíveis, uma clareza foi surgindo. Assim, concluímos que, para realizar as articulações das ideias e conceitos elaborados por Scheler, e colocá-los a serviço de uma prática, deveríamos trabalhar a partir de “recortes”.

Dessa maneira, nosso Terceiro Capítulo ganhou seus contornos, assumindo a tarefa de responder à pergunta norteadora de nossa pesquisa: se sentimentos de simpatia estão presentes nas relações de acolhimento familiar. Para que fosse possível elaborar uma resposta à nossa pergunta norteadora, realizamos um tipo de delimitação no qual fizemos a aproximação das situações cotidianas, nas quais tivemos a possibilidade de identificar o aparecimento dos sentimentos de simpatia.

Já no desfecho da pesquisa, quando indicamos a existência de sentimentos simpatéticos, nos deparamos com um ‘achado’ que não estava previsto quando iniciamos nossa pesquisa. Esse mostrou-se relevante a ponto de sugerirmos uma dedicação à questão, que são o que chamamos de ‘atos de cuidado’, visto que julgamos ter encontrado uma aproximação entre estes ‘atos de cuidado’ e os sentimentos de simpatia.

Julgamos, assim, ter concluído que Max Scheler ofereceu com sua fenomenologia dos sentimentos a visada que nos permite entrar em contato com conceitos por nós desconhecidos antes da elaboração da pesquisa que são os sentimentos de simpatia. Achamos poder comunicar como um *resultado* de nossa pesquisa, ter conquistado evidência quanto a haver, sem dúvida, nestes sentimentos de simpatia, um elemento que converge para uma série de questões da atualidade. Usando um exemplo, a questão do fenômeno de contágio sentimental, responsável pelos movimentos de massa, que sempre intrigam mesmo em nossa época. É um tipo de fenômeno sentimental visado por ferramentas tecnológicas, ou algoritmos. Sendo esse apenas uma das possíveis identificações de tipo de fenômeno simpatético que se faz presente na atualidade.

Depreendemos, portanto, que a filosofia de Max Scheler, enquanto uma fenomenologia dos sentimentos, ofereceu-nos um olhar que divida conceitos até então desconhecidos por nós, como as *formas de simpatia*. Essa mesma filosofia – assim avaliamos como um saldo de nossos estudos – também nos ofereceu a possibilidade de fazer com que esses conceitos encontrassem ressonância em acontecimentos, formas de relacionamento da atualidade.

Ao fim, consideramos que nossa pesquisa, cumpriu tarefa relevante ao trazer as ideias de Max Scheler para o uso na atualidade, visto que a partir dos conceitos de Scheler podemos compreender os fenômenos sentimentais.

Scheler nos ofereceu um outro 'olhar', e um aprofundamento diante dos fenômenos sentimentais.

Dito isso, com respeito ao nosso objetivo de determinar se sentimentos de simpatia estão presentes nas relações de acolhimento familiar, teríamos a declarar, como um saldo dessa investigação que: ao longo do texto, encontramos elementos para indicar - a partir de recortes - situações nas quais *é possível identificar a presença de sentimentos de simpatia*. Assim, a hipótese de nossa pergunta norteadora se valida. Há indicativos - nos recortes selecionados - de descrições que confirmam a presença de sentimentos de simpatia, com mais predominância de sentimentos de compaixão ou congratulação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, J. L. **Max Scheler** – Exposición sistemática y evolutiva de su filosofía. Buenos Aires: Nova, 1966.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Belo Horizonte. Spes, 2017.

BOCK, A. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal**,1988.

BRASIL. Lei 8.742, **Lei Orgânica da Assistência Social** - LOAS, 1993.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social** - PNAS,2004.

BRASIL. **Norma Operacional Básica do SUAS** - 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** – ECA 1990.

BRASIL. **Plano Nacional de Convivência familiar e Comunitária**, 2006.

BRASIL. **Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para crianças e adolescentes**.

CADENA, N. B. Scheler, os valores, os sentimentos e a simpatia. In: **Revista de Ética e de Filosofia Política**. n. XVI, v. II, dez. 2013, p. 18-38.

CARNEIRO, A. D.; PEQUENO, M. J. P- **Ética de Max Sheler e a essência do cuidar do outro**. São Paulo: Idéias & Letras, 2021.

CERBONE. D. R: **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERUTTI, N. **Serviço de Acolhimento Familiar no município de Cascavel**. http://www.direitodascrianças.com.br/admin/web_files/arquivos/d8303a885de8c952bd1a8d6e3cf30b75.pdf. Artigo publicado em 2010. Acesso julho de 2023.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Cartilha de Avaliação Psicológica**, Brasília, 2013.

COSTA N. A & FERREIRA C. R. **Acolhimento Familiar**: uma alternativa de proteção de crianças e adolescentes. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722009000100015&script=sci_abstract&lng=ptArtigo, publicado Sielo 2008.Acesso em julho de 2023.

COSTA, J. S. **Max Scheler**: O personalismo ético. São Paulo: Moderna, 1996.

DELGADO, P. A. **experiência da Vinculação e o Acolhimento Familiar**: reflexões, mitos e desafios. Portugal.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2010000200019
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2010000200019. Acesso em agosto 2023.

DERISI, O. N. **Max Scheler**: Ético material de los valores. Madrid: EMESA, 1979.

DARTIGUES. A. O que É a fenomenologia. Rio de Janeiro, Centauro, 2003.

FRINGS, M. S. Max Scheler: Early Pioneer of Twentieth-Century Philosophy. In: **Modern Age**, Vol. 40, No. 3, 1998, pp. 271-280. 2. English translation, Northwestern University Press, 1973.

FRINGS, M. S. **The mind of Max Scheler**. Milwaukee Wisconsin: Marquette University Press, 2001.

GILES, T. H. G. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

HENCKMANN, W. Max Scheler – Fenomenologia dos valores. In: FLEISCHER, Margot (Org.). **Filósofos do século XX** – uma introdução. São Leopoldo, RS: Editora da Unisinos, 1995. p. 125-153.

HILDEBRAND, D. v. **La filosofía y la personalidad de Max Scheler**. Trad. Israel Castillo. Encuentro: Madrid, 2019.

HUBERT, L, DREYFUS & MARK A. **Fenomenologia e Existencialismo**. São Paulo: Loyola, 2012.

JUNIOR. P. F. B.; SOUSA. A. R. P. Premissas Fundamentais do Sistema ético de Max Scheler. In: **Cadernos do PET Filosofia**. n.16, v.7, jul-dez, s.d., p. 6271.

KAHLMAYER-MERTENS. R. S. **10 Lições sobre Scheler**. Petrópolis: Vozes, 2021.

KELLY, E. **Material Ethics of Value**: Max Scheler and Nicolai Hartmann. New York: Springer, 2011. p. 19.

KELLY, E. **Material Value-Ethics**: Max Scheler and Nicolai Hartmann. Springer Dordrecht Heidelberg London New York, 2008.

KREUZ, S. **Direito à convivência Familiar da Criança e do Adolescente**. Curitiba, Juruá, 2012.

KREUZ, S. CERUTTI, N, E, VELASCO, C, F. B. **Direito à convivência Familiar:** Uma alternativa ao direito à convivência familiar da criança e do adolescente. Curitiba, Editora Juruá, 2022.

KONCZEWSKI, C. **La sympathie comme fonction de progrès et de connaissance.** Paris : PUF, 1999.

LANDGREBE, L. **El camino de la fenomenología** – el problema de una experiencia originaria. Trad. Mario A. Presas. Buenos Aires: Sudamericana, 1968.

MARCOS, M. S. **Max Scheler:** Principios de una ética personalista. Herder: Barcelona, 1986.

MARCOS, M. S. Relación entre vida y espíritu en la antropología de Max Scheler. In: **ÉNDOXA:** Series Filosóficas, No.16, 2002, p. 31-64.

MARTINS L. B, COSTA N, R FERREIRA M, C. **Acolhimento Familiar caracterização de um programa.**
www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2010000300008&script=sci_abstract&tIng=PT. Acesso em julho de 2023.

MEISTER, J. A. F. **Amor x conhecimento.** Inter-relação ético conceitual em Max Scheler. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

MEYER, H. Max Scheler's understanding of the Phenomenological method. In: **International Studies in Philosophy.** Vol. 19 No. 1, 1987, pp. 21-31.

NUNES, B. A. **Filosofia Contemporânea:** trajetos iniciais. São Paulo: Ática, 199.

PILLAR, F. M. Max Scheler. In: CARRARA, O. V. (Org.) **Chaves de leitura para a filosofia contemporânea.** São Paulo: Ideias & Letras, 2015, p. 107120.

PINTOR RAMOS, A. **El Humanismo de Max Scheler.** Madrid: La Editorial Católica, 1978.

RIZZINI, I. **O século perdido:** Raízes históricas das políticas públicas para Infância no Brasil. São Paulo, Cortez Editora 2011.

RIZZINI & RIZZINI. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente / Irene Rizzini, Irma Rizzini. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

SCHULZ, A. **Max Scheler “In Foco”.** Curitiba: CRV, 2020.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia.** Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHELER, M. **Esencia y formas de la simpatía**. Trad. José Gaos Buenos Aires: Losada, 1950.

SCHELER, M. Der Formalismus in der Ethik und die materielle Wertethik. **Gesammelte Werke**. Band 2. Bonn: Bouvier, 2000.

SCHELER, M. **Ética**. Trad. Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós, 2001.

SCHELER, M. **Ordo Amoris**, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012.

SCHELER, M. Wesen und Formen der Sympathie. In: FRINGS, Manfred S. (Ed.). **Gesammelte Werke**. Bd. 7. Bern: Francke, 1973.

SPOSATI, A. **Os 20 anos de LOAS: A rutura com o modelo assistencialista**. Coletânea de Artigos Comemorativos dos 20 Anos da Lei Orgânica de Assistência Social/Organizadores: José Ferreira da Crus... [et al]. - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – 1ª ed. – Brasília: MDS, 2013, 248p.

VALENTE, J. **Acolhimento Familiar validando e atribuindo sentido às leis protetivas**.

[apresentado www.scielo.br/scielo.php?pid=S010166282012000300010&script=sci_abstract&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010166282012000300010&script=sci_abstract&tlng=PT). Acesso em maio de 2023.

VALENTE, J. **Família acolhedora: As relações de cuidado e proteção no serviço de acolhimento**, São Paulo: Paulus, 2013.

ZAHAVI, D. **Beyond empathy: Phenomenological approaches to intersubjectivity**. In: Journal of Consciousness Studies, v. 8, n. 5-7, p. 151-167, 2001.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Vila Verita, 2019.